



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

“PRINCÍPIOS QUE O FUTEBOL ENSINA”:
O DISCURSO DE SALVAÇÃO ATRAVÉS DO ESPORTE COMO
ESTRATÉGIA DE GOVERNAMENTO NOS PROJETOS SOCIAIS
ESPORTIVOS

Pedro Bersch da Cruz

Orientador: Prof. Dr. Luiz Felipe Alcantara
Hecktheuer

PEDRO BERSCH DA CRUZ

**“PRINCÍPIOS QUE O FUTEBOL ENSINA”: O DISCURSO DE
SALVAÇÃO ATRAVÉS DO ESPORTE COMO ESTRATÉGIA DE
GOVERNAMENTO NOS PROJETOS SOCIAIS ESPORTIVOS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação do Instituto de Educação da Universidade Federal do Rio Grande - FURG como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Felipe Alcantara Hecktheuer

Rio Grande, 2016

AGRADECIMENTOS

Àqueles que com pequenos ou (muito) grandes esforços, ajudaram a tornar possível a produção da dissertação, mesmo com os percalços que se apresentaram durante o caminho: Prof. Piccoli e o Ademir, da Escola de Engenharia, onde trabalhei durante dois anos, nos quais tive inúmeros compromissos ligados à pesquisa, mas tive também a sorte de encontrar dentro do meu local de trabalho pessoas com a compreensão da importância que esta pós-graduação tinha para mim. Também às Prof^{as}. Maria Renata e Suzane, do Instituto de Educação, pela compreensão da situação e ajuda na adaptação ao novo local de trabalho em um período de finalização de pesquisa.

Aos colegas de trabalho: Everton, Taise, Jane, Agnese, Ângelo, Arthur, Paulo, por serem amigos, o que se demonstrou nos momentos em que tiveram tarefas a mais pela minha ausência, mas nunca se negaram a ajudar. Muito obrigado!

Aos professores com quem tive o privilégio de conviver e muito aprender neste período. Em especial, Prof. Kamila Lockmann pelas inúmeras contribuições nas disciplinas e bancas. Também aos colegas que, com seus questionamentos e interlocuções faziam a aula ganhar vida.

Ao meu orientador, Luiz Felipe Hecktheuer, por proporcionar o riquíssimo processo pelo qual passei nestes dois anos e meio. Em todo o tempo, nunca houve uma conversa que não tenha alterado ou trazido algo novo para o pensamento. Penso que o motivo de eu buscar me manter próximo à Universidade e estudando seja exatamente este, evitar a “fossilização” do meu próprio conhecimento e me permitir estar sempre aprendendo.

À Prof. Méri Rosane pelo incentivo, motivação e orientações para o ingresso na pós-graduação, mesmo em um momento atribulado de fim de graduação. Neste sentido, também à Raquel e à Gabrielle que incentivaram e muito ajudaram na decisão de ingressar no mestrado.

Ao Arisson, Evandro e Everton pelas sempre valiosas contribuições e interlocuções em nossas reuniões. Ao Arisson, em especial, por ter ajudado muito no início da itinerância. Foi um dos aprendizados mais difíceis, mas também um dos mais ricos.

Aos que aceitaram participar da pesquisa no grupo de discussão, aos que abriram as portas de seus locais de trabalho que, com muito esforço, mantêm em funcionamento também àqueles que mesmo com 5 minutos de conversa durante as visitas se dispuseram a conversar sobre o tema desta pesquisa.

Aos meus amigos mais próximos, Filipe, Léo, Wendel, Pedro, Thiago, que, através das já tradicionais discussões que insistiam sobre os velhos “temas que não se discutem” (seja nos

grupos na *internet* ou presencialmente, com a ajuda do Danone), com contribuições da literatura, cinema, música, filosofia, religião e toda a sorte de metáforas e analogias, me ajudaram a ampliar as conexões e estabelecê-las de forma diferente, criativa e divertida, para além daquilo que a academia e a ciência nos permite.

Ao meu Pai, sempre disposto a ajudar em tudo que precisei neste período e à minha Mãe, direta e indiretamente responsável por toda conquista que já tive até aqui. Gratidão!

*A ditadura perfeita terá as aparências da democracia,
uma prisão sem muros na qual os prisioneiros não
sonharão sequer com a fuga. Um sistema de escravatura
onde, graças ao consumo e ao divertimento, os escravos
terão amor à sua escravidão.*

Aldous Huxley

*Mas o que há enfim, de tão perigoso no fato de as pessoas
falarem e de seus discursos proliferarem indefinidamente?*

Onde, afinal, está o perigo?

Michel Foucault

RESUMO

Esta dissertação tem como objetivo problematizar a relação entre a noção de salvação e o futebol, localizada em meio às proposições dos Projetos Sociais Esportivos (PSE) na cidade do Rio Grande – RS. Para tal, estes projetos são localizados em meio a práticas educativas alinhadas com a racionalidade governamental neoliberal contemporânea, caracterizando-os como uma importante estratégia de um dispositivo de segurança que visa controlar a diversidade juvenil. Utilizando-se da ferramenta teórico-conceitual da governamentalidade apresentada por Michel Foucault e através de uma aproximação do tema com inspiração cartográfica, foi possível elencar três questões - ou objetivos específicos – que foram perseguidos durante a pesquisa, que geraram três diferentes ações: (i) demonstrar de que forma, dentro dos PSE, determinadas afirmações caracterizam um discurso em que futebol e salvação aparecem como correlatos autoevidentes; (ii) apresentar as contingências e condições históricas que tornaram possível que este discurso tenha se tornado uma obviedade; (iii) narrar situações que exemplificam o modo pelo qual este discurso tem funcionado nos PSE enquanto estratégia para produzir modos de vida. São assumidas como principais atitudes metodológicas da pesquisa a transversalidade e a verticalidade da problematização, nos termos em que aponta Michel Foucault, que tornam possível a indicação de três níveis diferentes de operações, que se coadunam com as questões elencadas e demandam três diferentes atitudes: (i) um diagnóstico do presente, (ii) uma história das problematizações e (iii) uma atitude de crítica permanente. Perpassando as três operações decorrentes destas atitudes, constituem fontes de dados: conjunto de informações reunido a partir das pesquisas anteriores (entrevistas, documentos dos PSE, material de divulgação, material jornalístico etc); textos acadêmico-científicos da área da Educação Física e esporte; legislação brasileira; material jornalístico em geral; transcrições dos encontros de grupo de discussão temático; manifestações artísticas e culturais apreendidas enquanto artefatos culturais; dados oriundos dos registros das visitas nos PSE da cidade, definida enquanto flanância. A partir de visitas em cinco PSE da cidade de Rio Grande – RS, a flanância caracterizou-se como estratégia metodológica de observação e descrição de situações que demonstraram a forma pela qual o discurso de salvação é ativado no cotidiano destes espaços educacionais em torno de três eixos principais: a) o uso do esporte enquanto ferramenta para estabelecer um canal de comunicação com seu público-alvo; b) a reprodução do conceito de inclusão como prática política da governamentalidade para a produção do sujeito ideal do neoliberalismo; c) a aproximação do professor da figura do pastor, colocando *o outro* em posição de exclusão/inferioridade para justificar um investimento em práticas de dominação que têm caracterizado a educação.

Palavras-chave: Esporte - Salvação - Projetos Sociais Esportivos

ABSTRACT

This thesis aims to discuss the relationship between the notion of salvation and football, located among the propositions of Sports Social Projects (PSE) in the city of Rio Grande, RS. To achieve this end, these projects are placed in the midst of educational practices aligned with the contemporary neoliberal governmental rationality, characterizing them as an important strategy of a safety device that aims to control the youth diversity. Using the theoretical and conceptual tool governmentality presented by Michel Foucault and, through the approach of the theme with cartographic inspiration, it was possible to list three issues - or specific objectives - to be pursued during the research, which generated three different actions: (i) demonstrate how, within the PSE, certain statements feature a speech in which football and salvation appear as self-evident related; (ii) present the contingencies and historical conditions that made possible for this speech to become an obviousness; (iii) narrate situations which exemplify the way that this discourse has been working in PSE as a strategy to produce ways of life. It is assumed as the main methodological research attitude the transversality and verticality of the problematization, in the terms that are pointed by Michel Foucault, which make it possible to display three different levels of operations, which are consistent with the listed issues and require three different attitudes: (i) the present diagnosis, (ii) a history of problematizations and (iii) an attitude of permanent criticism. Running through the three resultant operations from these attitudes, the sources of data are: collection of information gathered from previous research (interviews, PSE formal documents, promotional material, journalistic material, etc.); academic and scientific texts regarding physical education and sports; Brazilian law; journalistic material in general; transcriptions from the thematic discussion group meetings; cultural and artistic expressions seized as cultural artifacts; data from the records of the visits in the PSE of the city, defined as *flanância*. From the encounters in five of the PSE located in the city of Rio Grande, RS, the *flanância* is characterized as a methodological strategy of observation and description of situations that demonstrated the way in which the discourse of salvation is activated in the daily routine of these educational spaces at around three main axes: a) the use of sport as a tool to establish a channel of communication with their target audience; b) the reproduction of the concept of inclusion as political practice of governmentality to produce the ideal subject of neoliberalism; c) the approach of the teacher to the shepherd's figure, putting "the other" in a position of exclusion / inferiority, to justify an investment in domination practices that has been characterizing education.

Key-words: Sport - Salvation - Sports Social Projects

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

| | |
|--|----|
| Figura 1 - Publicação do dia 16/06/2014, na seção "Agorinha" do Jornal Agora de Rio Grande-RS..... | 10 |
| Figura 2 - Paulo Ito, artista de rua brasileiro, às vésperas da Copa do Mundo fez uma série de 15 obras de graffiti pelas ruas de São Paulo, em protesto em relação à realização do evento no Brasil. Dentre as obras (que ficaram mundialmente conhecidas através da internet), a da imagem acima foi uma das que mais ganhou destaque, pelo seu potente significado..... | 18 |
| Figura 3 – Texto do Jornal Agora do dia, apresentando uma nova iniciativa (Atletas da Cidadania) na cidade, vinculada à empresa QGI Brasil..... | 89 |

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| 1 INTRODUÇÃO: O PROBLEMA DA PACIFICAÇÃO DO DISCURSO DE SALVAÇÃO ATRAVÉS DO FUTEBOL..... | 10 |
| 1.1 APRESENTAÇÃO..... | 10 |
| 1.2 O PROBLEMA DA NOÇÃO DE CRISE E DO DISCURSO SALVACIONISTA..... | 12 |
| 1.3 CRISE DA ESCOLA E AS INFINITAS PROPOSIÇÕES..... | 15 |
| 1.4 OS PROJETOS SOCIAIS ESPORTIVOS E O PROBLEMA DO FUTEBOL COMO SALVAÇÃO..... | 16 |
| 2 SOBRE PROBLEMATIZAÇÃO, CARTOGRAFIA E FLANÂNCIA..... | 24 |
| 2.1 A INSPIRAÇÃO CARTOGRÁFICA..... | 25 |
| 2.2 GRUPO DE DISCUSSÃO TEMÁTICO | 28 |
| 2.3 ITINERÂNCIA E FLANÂNCIA..... | 30 |
| 2.4 A FLANÂNCIA EM OPERAÇÃO..... | 35 |
| 3 SALVAR QUEM? DE QUÊ? SOBRE AS POLÍTICAS QUE VISAM CONDUZIR E PRODUZIR MODOS DE VIVER..... | 39 |
| 3.1 DISPOSITIVOS DE SEGURANÇA E O PAPEL DOS PSE NA REGULAÇÃO DA DIVERSIDADE JUVENIL..... | 39 |
| 3.2 VULNERABILIDADE..... | 46 |
| 3.3 O PROCESSO DE VULNERABILIZAÇÃO E PRODUÇÃO DO SUJEITO NEOLIBERAL..... | 52 |
| 4 O QUE PODE O ESPORTE?..... | 58 |
| 4.1 OS MOVIMENTOS GINÁSTICOS, O ESPORTE E A INTRODUÇÃO DA EDUCAÇÃO FÍSICA NO BRASIL..... | 60 |
| 4.2 HIPERVALORIZAÇÃO DO ESPORTE NA EDUCAÇÃO FÍSICA E O MOVIMENTO ESPORTE PARA TODOS (EPT) DIFUNDINDO O MODELO NÃO-FORMAL..... | 64 |
| 4.3 DESTRUIÇÃO DE MODOS DE VIDA E O MODELO COMPETITIVO-ESPORTIVO COMO IDEAL PARA A SALVAÇÃO NO NEOLIBERALISMO..... | 69 |
| 4.4 O PROBLEMA DA CONDUÇÃO: O PODER PASTORAL EM MICHEL FOUCAULT COMO ARTE DE GOVERNAR OS HOMENS..... | 73 |
| 4.4.1 Princípios do poder pastoral..... | 75 |

| | |
|---|------------|
| 5 QUEM NECESSITA DE SALVAÇÃO? REGISTROS DE UMA FLANÂNCIA PELOS PSE DE RIO GRANDE..... | 80 |
| 5.1 O ARQUÉTIPO DO PASTOR E O ESPORTE COMO ESTRATÉGIA PARA CONDUZIR AS CRIANÇAS E JOVENS | 80 |
| 5.2 O ESPORTE COMO FERRAMENTA: É NECESSÁRIO “ESTAR LÁ” PARA PRODUZIR OUTROS MODOS DE VIDA..... | 85 |
| 5.3 O ESPORTE COMO ESTRATÉGIA NEOLIBERAL DE IN/EXCLUSÃO PARA A PRODUÇÃO DO SUJEITO COMPETITIVO..... | 90 |
| 5.4 PEDAGOGIA E FARISEÍSMO..... | 97 |
| 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 102 |
| REFERÊNCIAS..... | 104 |

1 INTRODUÇÃO: O PROBLEMA DA PACIFICAÇÃO DO DISCURSO DE SALVAÇÃO ATRAVÉS DO FUTEBOL

1.1 APRESENTAÇÃO

Figura 1 - Publicação do dia 16/06/2014, na seção "Agorinha" do Jornal Agora de Rio Grande-RS

agorinha Pag. 03
segunda - 16/junho/2014

Princípios que o futebol ensina

A Copa do Mundo começou e, como preferência nacional, o futebol também agrada muito aos pequenos, que já estão vidrados na TV, acompanhando cada jogada e esperando para vivenciar algo que ainda não presenciaram, o Brasil levantar a taça.

Enquanto assistem aos jogos e também praticam o futebol com os amigos, as crianças podem aprender muito com o esporte. Saiba como o futebol pode incentivar os pequenos a serem pessoas melhores, acompanhe:

Texto: Suziane Sá
Fotos: reprodução



- **Respeito**
É a maior das virtudes que uma pessoa pode ter e necessário a um jogo de futebol. O respeito é essencial em qualquer esporte, mas também é necessário para a vida. Ao aprender que precisa respeitar seus companheiros de equipe e seus adversários, a criança sabe que deve respeitar todas as pessoas em geral.
- **Espírito de equipe**
o futebol pode ser considerado uma boa escola da vida. Durante uma partida, a criança aprende que precisa dos outros para ganhar, que precisa de outras pessoas e que a harmonia do grupo é de extrema importância para que se possa alcançar a vitória. Os melhores jogadores podem salvar um jogo, mas sem os seus companheiros não é possível fazer o jogo.
- **Aceitar as regras do jogo**
Assim como na vida, no futebol também há muitas regras. Aceitar regras, respeitar hierarquias e funções, saber jogar limpo: são coisas que se aprende em campo e que têm valor fundamental para a formação do caráter.
- **Admitir o fracasso**
Não é fácil perder nem reconhecer que o outro é melhor, mas é preciso saber lidar com as frustrações de perder uma partida, assim como é preciso lidar com as frustrações que aparecem na vida. A derrota deve ser encarada como algo constitutivo, ela ensina a criança a ser humilde e querer melhorar.
- **Resistência**
O jogo de futebol ensina a desenvolver o corpo e a mente. Uma partida dura 90 minutos e, durante esse tempo, os jogadores têm que driblar o cansaço e dar o melhor de si. Como na vida, é preciso aprender que devemos ir até o fim, até o máximo de nossos limites e que mesmo não alcançando a vitória, vencedor mesmo é aquele que não se entrega.
- **Ter certeza da escolha**
Os astros que se tornaram grandes jogadores de futebol têm muito talento, mas de nada valeria se não tivessem disciplina e trabalhassem arduamente durante um longo período para alcançar seus objetivos. Então, seja o que você quiser, mas tenha certeza da sua escolha. Se você estiver certo do caminho que quer trilhar, dê o seu máximo, trabalhe duro, seja esforçado e disciplinado que, com certeza, chegará aonde quer. Prepare-se para o Hexa, prepare-se para o futebol, prepare-se para a vida!

Fonte: Publicação do dia 16/06/2014, na seção "Agorinha" do Jornal Agora de Rio Grande-RS

“Enquanto assistem aos jogos e também praticam o futebol com os amigos, as crianças podem aprender muito com o esporte. Saiba como o futebol pode incentivar os pequenos a serem pessoas melhores.”

A capa da seção infantil do jornal de maior circulação da cidade de Rio Grande - RS apresenta alguns princípios que, segundo o texto, o futebol ensina: “[...] respeito, espírito de equipe, aceitar as regras do jogo, admitir o fracasso, resistência, ter certeza da escolha”. As palavras sobrepõem uma imagem em que as crianças jogam bola descalças, com um sorriso nos lábios, em meio a um terreno irregular, provavelmente de terra. Tal caracterização da prática do futebol no Brasil entre as crianças é uma grande recorrência nos meios de comunicação, mídia esportiva, cultura *pop*, manifestações artísticas diversas, teledramaturgia etc. Em tais veiculações, um conjunto de mensagens é apresentado como obviedades: é óbvio que o futebol é a preferência nacional; é óbvio que as crianças amam futebol; é óbvio que se joga em qualquer lugar e em quaisquer condições; é óbvio que o futebol ensina princípios que transformam as crianças em pessoas melhores. Tais ideias são recorrentes em nossa sociedade atualmente e esses discursos têm sido pacificados, mostrando-se mesmo uma obviedade. Mas será que é tão óbvio assim? Ou melhor, será que podemos acatá-los como obviedades?

“Admitir o fracasso”. “Aceitar as regras do jogo”. “Se você estiver certo do caminho que quer trilhar, dê o seu máximo, trabalhe duro, seja esforçado e disciplinado que, com certeza, chegará aonde quer”. São algumas dessas afirmativas, tomadas por obviedades, presentes nesta rede discursiva que ativa o futebol para produzir modos de vida, que proponho colocar em cheque neste texto. Duvidar de tais afirmações e colocá-las como problema para o pensamento foi o ponto de partida desta pesquisa. Ao longo de leituras de proposições educativas ligadas ao esporte, tenho me encontrado frequentemente com discursos semelhantes ao colocado na página do Jornal Agora, pacificados em nosso tempo.

Estabelecendo como foco deste estudo os Projetos Sociais Esportivos (PSE), entendidos enquanto práticas educativas com potência de subjetivação e que têm ativado um discurso salvacionista como estratégia de governo, apresento como objetivo central desta pesquisa problematizar a relação entre a noção de salvação e o futebol dentro das proposições dos Projetos Sociais Esportivos na cidade do Rio Grande – RS. Como objetivos específicos perseguidos durante o processo de problematização estão: (i) demonstrar de que forma, dentro dos projetos sociais esportivos (PSE), afirmações como as exemplificadas caracterizam um discurso em que futebol e salvação aparecem como correlatos autoevidentes; (ii) apresentar a partir de que contingências e condições históricas foi possível que este discurso tenha se

tornado uma obviedade; (iii) como este discurso tem funcionado nos PSE enquanto estratégia para produzir modos de vida.

1.2 O PROBLEMA DA NOÇÃO DE CRISE E DO DISCURSO SALVACIONISTA

“Reitero, como tenho dito ao longo do tempo, que é urgente pacificar a nação e unificar o Brasil. É urgente fazermos um governo de salvação nacional.” (Michel Temer, discurso de posse, 12.05.2016).

A frase acima é parte do discurso proferido por Michel Temer no dia de sua posse enquanto presidente interino do Brasil, confirmado o afastamento da presidente Dilma Rousseff após o processo de *impeachment*, votado no dia anterior, no Senado Federal. Apontam-se evidências de que todo o processo foi resultado de uma engenhosa (e cuidadosamente arquitetada) manobra política para defender variados interesses da oposição. Movimento este que apontou como justificativa e motivo para o afastamento a responsabilização em relação a crimes de responsabilidade fiscal. Contudo, viu-se uma discussão durante este período (nos mais variados meios de comunicação, redes sociais etc.) que fugia da alegada responsabilização pelo suposto crime cometido. A discussão girou em torno, muitas vezes (até mesmo por aqueles que julgaram o processo no Congresso e no Senado), da competência da presidente em tomar decisões à frente da economia e em gerir uma *crise* – palavra importante para o argumento deste texto.

Em uma rápida consulta aos veículos de comunicação internacionais (para não entrar em questões mais técnicas relativas a indicadores econômicos, já que se trata de mera ilustração da situação), é possível sublinhar dados que apontam que a dita crise não tem origens e fins mesmos no Brasil, ainda que sua instabilidade política tenha agravado a situação. Entretanto, ainda que tal crise tivesse se desencadeado única e exclusivamente da incompetência do governo da presidente Dilma, tal argumento não possuiria fundamentação legal para afastar uma presidente eleita através de um processo de *impeachment*. A *crise* – eis aqui sua importância – passa a ser argumento absoluto e infalível para justificar medidas drásticas. Desde que a presidente foi reeleita, houve um enorme falatório em torno da crise econômica, ainda que ela pudesse ser sentida, de fato, no bolso do brasileiro. A palavra *crise* estava estampada na capa dos jornais, revistas, na boca dos apresentadores dos telejornais, comediantes, na conversa das velhinhas na padaria e nas mesas de bar. Infinitas são as crises

atualmente: crise na educação, na saúde pública, na segurança, fala-se em recriação da CPMF¹ para cobrir o suposto *deficit* da previdência. Aliás, no caso das discussões das mesas de bar, um ouvido desatento poderia confundir se a conversa era sobre a situação política e econômica do país ou do futebol brasileiro, afinal, os times brasileiros volta e meia entram em crise e são derrubados os treinadores ou dirigentes².

Quem vai salvar a pátria? Depois dos 7x1 no Mineirão na Copa de 2014, a pergunta era: quem iria salvar o futebol nacional? Era colocada como urgente uma gestão de salvação do futebol nacional naquele momento, assim como Michel Temer afirma o que é agora urgente no âmbito político e econômico. Um ex-presidente da CBF escondido em Miami, outro preso, em pleno exercício da função. Indefinição: como vai ser gerido o futebol brasileiro? A Operação Lava Jato³ expôs esquemas de corrupção em quase todos os partidos em atividade no território nacional, inclusive nos mais altos cargos: ex-presidentes, presidente da Câmara dos Deputados, deputados, senadores, ministros recém-nomeados, ministros nomeados sob investigação. De fato, parece indubitável que existe uma crise.

A narração desta situação serve para demonstrar um caso extremo, uma *crise* de enormes proporções em que o país está colocado. Crise de representação, econômica, política, moral, entre tantas outras. Crises extremas que levam a população a aceitar, até certo ponto de forma pacífica, medidas extremas como a “demissão” da presidente atual e sua consequente “substituição pelo interino⁴” como salvação temporária, além de cortes em diversos setores primários de serviços e bem-estar para a população, alguns garantidos em constituição. Em cenários de crise (seja ela definida por indicadores concretos ou mesmo construída, forçada, forjada), é de fácil aceitação um discurso como o transcrito, que promete “salvação nacional” e “unificação da pátria”. Mas por que este discurso salvacionista se torna problema?

Inúmeros são os exemplos que motivam um cuidado com os usos da palavra salvação. O primeiro deles diz respeito a sua vinculação com o cristianismo e à Igreja Católica em sua

¹ Contribuição Provisória sobre Movimentação Financeira (CPMF)

² A lógica parece seguir conforme apontava um bordão de candidato a vereador da cidade de Rio Grande na campanha das eleições de 2008: “política é igual futebol, tá mal tem que trocar”.

³ Operação Lava Jato é uma investigação em andamento realizada pela Polícia Federal do Brasil, cuja fase ostensiva foi deflagrada em 17 de março de 2014, com o cumprimento de mais de uma centena de mandados de busca e apreensão, prisão temporária, prisão preventiva e condução coercitiva, tendo como objetivo apurar um esquema de lavagem de dinheiro suspeito de movimentar mais de R\$ 10 bilhões de reais, podendo ser superior a R\$ 40 bilhões, dos quais R\$ 10 bilhões em propinas. A Polícia Federal a considera a maior investigação de corrupção da história do país. De acordo com as delações recebidas pela força-tarefa da Lava Jato, estão envolvidos os partidos PP, PT e PMDB, empresários e outros políticos de diversos partidos.

⁴ No futebol (no caso brasileiro, em especial), é recorrente encaminhada como solução das crises pelas quais os times passam a substituição do comando técnico, em que, por mais que não se tenha um consenso acerca de quem deva ser o substituto, o importante é substituir, ainda que frequentemente sejam efetivados técnicos interinos à frente da comissão técnica.

forma institucional, que, por exemplo, cometeu uma sorte de absurdos através de seus tribunais inquisitórios em nome da “salvação das almas”. Outro exemplo é o da ascensão dos regimes nazista e fascista pós-Primeira Guerra na Europa (que encontram, respectivamente, seus modelos mais conhecidos no caso alemão com Hitler e no italiano com Mussolini), onde discursos salvacionistas e de fortalecimento e expansão da nação ganharam força em países devastados pela guerra ou em difícil situação econômica. Ainda é possível citar outro exemplo, contemporâneo, no momento em que os Estados Unidos, após os atentados de 11 de setembro de 2001 no *World Trade Center*, passaram a cultivar uma “cultura do medo” para justificar ações que visariam “salvar seu povo do terrorismo”, ganhando apoio da opinião pública e certa “legitimidade diplomática” para invadir países e mudar regimes de governo do dia para a noite. Isto, entre outras consequências, acabou por estigmatizar e originar um grande preconceito contra os países onde predomina o islamismo, criando um grande inimigo comum, gerando crescente onda de ódio na Europa. Atualmente, o corte de serviços básicos e direitos garantidos em Constituição é justificado como forma de “salvar” a economia e, conseqüentemente (seguindo a lógica salvacionista), salvar a nação. Eis a importância de atentar para o tema da salvação. A história demonstra a necessidade de termos um cuidado muito grande com essa palavra e, acima de tudo, com as ideias e os mecanismos analíticos que a ela são atrelados. Mostra-se importante, portanto, duvidar das crises e dos salvacionismos de todos os naipes e quilates.

Conforme alertou Foucault (2008b, p. 91), “[...] não há liberalismo sem cultura do perigo”. Trata-se aqui, portanto, de fazer passar por uma grade analítica de práticas esta racionalidade governamental neoliberal contemporânea, com enfoque nos discursos e práticas que se voltam para a educação. À medida que a educação também é interpelada como em crise e circunscvem-se, no contexto de práticas educativas como os projetos sociais esportivos (PSE), inúmeros exemplos de discursos salvacionistas (que serão demonstrados ao longo dos capítulos), esta pesquisa trata de analisar como é ativada em seu cotidiano, em termos de práticas, tal lógica salvacionista e o papel que tem exercido dentro desta governamentalidade⁵ neoliberal.

⁵ “[...] o conjunto constituído pelas instituições, procedimentos, análises e reflexões, os cálculos e as táticas que permitem exercer essa forma bem específica, embora muito complexa de poder, que tem por alvo a população, como forma de saber a economia política e por instrumento técnico essencial os dispositivos de segurança (FOUCAULT, 2008a, p. 143). Ao esboçar esta noção de governamentalidade, o autor anuncia seu objetivo de estudar a racionalidade política preocupada com a condução ou governo dos homens. Trata-se de uma noção importante para esta dissertação, uma vez que as estratégias apreendidas pelas pesquisas são aqui entendidas como práticas de *governamento*, conforme o uso da palavra proposto por Veiga-Neto (2005), que visa “ressuscitar, na língua portuguesa, a palavra *governamento*, a fim de tornar mais rigoroso e mais fácil o duplo entendimento que, na perspectiva foucaultiana, é possível atribuir à palavra *governo*”, já que, conforme explica o

1.3 CRISE DA ESCOLA E AS INFINITAS PROPOSIÇÕES

“Numa sociedade que se torna cada vez mais “ imanentizada”, crescem de importância todas as instâncias sociais que operam contínua e intimamente na produção de subjetividades.” (VEIGA-NETO, 2013, p.18).

Situados naquilo que alguns autores⁶ apontam como uma “crise da modernidade”, Veiga-Neto (2013) chama a atenção para aquilo que vem sendo indicado como uma “crise da escola”, na esteira da crise das instituições sociais, advindas da “passagem de uma sociedade centrada na disciplina para uma sociedade centrada no controle” (VEIGA-NETO, 2013, p. 18).

Dentre todas as transformações por que passou o currículo desde a sua invenção no final do século XVI, estamos hoje vivendo as maiores e mais radicais mudanças nos quatro elementos constitutivos desse artefato escolar: o planejamento dos objetivos, a seleção de conteúdos, a colocação de tais conteúdos em ação na escola e a avaliação. Tais elementos encontram-se, de poucas décadas para cá, sob sucessivas saraivadas de novas análises e de novas propostas. Algumas de cunho acentuadamente tecnicista, outras de caráter humanista e outras mais de cunho claramente político e crítico, o fato é que têm sido numerosas as alternativas que, no campo do currículo, se apresentam aos educadores e aos planejadores e gestores das políticas educacionais. Ora dizendo como devem ser conduzidas nossas práticas curriculares, ora se apresentando como remédios para salvarem a educação e a sociedade, ora denunciando o papel reprodutivista do currículo na escola moderna, tais análises e correlatas propostas curriculares buscam sempre a inovação e parecem multiplicar-se ao infinito. (VEIGA-NETO, 2008).

Um dos primeiros autores no Brasil a aproximar os temas ligados à educação à ferramenta analítica da governamentalidade de Michel Foucault, Veiga-Neto parece tentar localizar na contemporaneidade a que racionalidade política, a que urgências, a que linhas de forças e contingências as proposições educacionais têm respondido. Dentro de uma racionalidade governamental neoliberal, ou uma governamentalidade neoliberal, em que termos são pensadas e formuladas as proposições em relação à educação no Brasil? Em torno da análise e reflexão acerca destas transformações e reconfigurações postas na sociedade, das infinitas crises (como a da instituição escolar) e proposições de práticas educativas (como as presentes nos PSE) é que esta dissertação se situa. Preocupada com aquelas propostas que utilizam o discurso da salvação para conduzir e educar, esta pesquisa buscou circunscrever na

autor, “Foucault empregou duas palavras diferentes – *gouverné* e *gouvernement* – em seus escritos de Filosofia Política” e que, segundo ele, torna-se importante “demonstrar quão adequado é o emprego, também em português, das palavras governo e governmentamento para expressar de forma mais precisa o sentido original (Veiga-Neto, 2005, p. 79).”

⁶ Hardt e Negri (2003), por exemplo, consideram que a própria Modernidade encontra-se em crise a partir daquilo que apontam como um desencaixe entre o princípio da imanência – sob o qual o mundo moderno se instituiu – e o princípio da transcendência – ao qual ele se subordinou a partir da filosofia transcendental de Kant.

contemporaneidade, a partir da perspectiva dos estudos foucaultianos da governamentalidade, algumas dessas propostas salvacionistas dentro de um recorte específico: os Projetos Sociais Esportivos (PSE).

Em meio à anunciada crise da modernidade e da escola, a conjuntura torna-se ainda mais profícua para a multiplicação de proposições salvacionistas. Como comentado anteriormente, governos fascistas surgiram de situações de extrema crise e, por mais que se sustentassem em mera retórica (e muito pouco de filosofia ou racionalidade política, em alguns casos), prometiam a salvação e a exaltação nacional. Para aproximar a discussão à cidade de Rio Grande - RS (outro recorte desta pesquisa) mostra-se imperativo voltar o olhar para comunidades da periferia, onde são localizados pelo poder público e por diversas propostas de ações programáticas, os sujeitos que são colocados dentro da classificação de vulnerabilidade social ou em situação de risco social. Se a escola, historicamente responsável pela condução e produção de subjetividades das crianças e jovens, está mesmo em crise e mostra-se cada vez menos unânime para sua condução em nossa sociedade, abre-se o espaço para as problematizações e proposições, preocupadas em salvar estas crianças e jovens, especialmente da periferia, que são frequentemente classificados em uma condição risco social. Mas, na contemporaneidade, quais têm sido essas proposições? O foco neste trabalho foram os projetos sociais esportivos, que neste âmbito têm se proliferado (HECKTHEUER, 2012). Ações advindas do Estado, iniciativa privada e também terceiro setor (ONG's, associações de bairros, iniciativas individuais, sociedade civil de modo geral) oferecem um espaço de prática esportiva e acabam por atravessar a temática da educação diretamente, uma vez que várias dessas iniciativas (conforme será demonstrado ao longo do texto) trazem proposições que as caracterizam como espaços educativos.

1.4 OS PROJETOS SOCIAIS ESPORTIVOS E O PROBLEMA DO FUTEBOL COMO SALVAÇÃO

Em meio aos estudos que levaram à produção desta dissertação, mais precisamente em julho de 2014, acontecia no Brasil um megaevento que fez circular de forma amplificada discursos acerca daquele que é apontado de forma recorrente (e quase pacificada) como o esporte mais popular no Brasil, o futebol. O evento a que me refiro é a Copa do Mundo de seleções da FIFA, que além de causar uma série de impactos e alterações sociais nas cidades sede, escancarou a fragilidade da gestão do futebol no Brasil, além de expor a fragilidade de

serviços de transporte, segurança, mobilidade da malha viária das cidades, atendimento de saúde, entre outros. Entre outras consequências, estes acontecimentos alteraram de forma significativa a relação do brasileiro com o futebol e, em certa medida, outras instâncias da vida cotidiana.

Na mídia (especializada ou não), era possível observar, conforme a proximidade ao evento ia aumentando, uma variedade de discursos que tratavam, sobretudo, de um enaltecimento dos benefícios que este megaevento traria para o país. Contudo, apesar da necessidade do meio empresarial envolvido, a dificuldade em “vender a ideia” de um megaevento como a Copa do Mundo em um país cheio de mazelas e desigualdades sociais como o Brasil logo se tornou um desafio. Inclusive, foi possível observar um debate muito forte em relação ao assunto, até mesmo em relação aos protestos, manifestações e passeatas contrários à realização do evento que estavam acontecendo em momentos anteriores (em eventos-teste como a Copa das Confederações⁷, por exemplo), assim como durante a Copa do Mundo. Considero importante mencionar, também, as manifestações oriundas da *internet*, que tornou naquele momento⁸ a rede social *Facebook* um campo de batalha entre aqueles que eram contra ou a favor do evento. Tal dificuldade em vender a ideia da realização da Copa do Mundo no Brasil talvez tenha motivado ainda mais discursos de enaltecimento do futebol como esporte nacional - como as dos exemplos colocados ao início deste texto, localizada em meio à rede de reprodução desse enaltecimento - o que trouxe consigo ainda mais argumentos a favor de seus benefícios para a população jovem.

⁷ A Copa das Confederações é um torneio de futebol organizado pela FIFA entre seleções nacionais a cada quatro anos (a partir de 2005, anteriormente a cada dois anos). Os participantes são os seis campeões continentais mais o país-sede e o campeão mundial, perfazendo um total de oito países.

⁸ Destaco aqui o movimento que usou a *hashtag* *#nãovaitercopa* para protestar contra a ocorrência do megaevento no país. Se naquele momento o debate se mostrava acalorado em alguns momentos, atualmente, após o período das eleições presidenciais de 2014 e a atual situação política e econômica do país, envolvendo a exposição de esquemas de corrupção a partir da Operação Lava-Jato, a desvalorização da moeda e o processo de *impeachment* da Presidente Dilma, a rede social tem se mostrado um “campo de batalha”, onde diariamente são observados discursos inflamados defendendo posições e atitudes políticas.

Figura 2 - Paulo Ito, artista de rua brasileiro, às vésperas da Copa do Mundo fez uma série de 15 obras de graffiti pelas ruas de São Paulo, em protesto em relação à realização do evento no Brasil. Dentre as obras (que ficaram mundialmente conhecidas através da internet), a da imagem abaixo foi uma das que mais ganhou destaque, pelo seu potente significado.



Fonte: Disponível em: <<http://trivela.uol.com.br/galerias/enquanto-o-futebol-ganha-ruas-brasil-os-protestos-contracopa-ficam-marcados-nos-muros/#3>>. Acesso em: 29 de maio de 2014.

Desta forma, discursos a favor das positivities do futebol enquanto ferramenta educacional foram amplificados. A publicação do jornal destacada ao início deste texto (“Princípios que o futebol ensina”) é um exemplo de como este discurso de enaltecimento do futebol e do esporte como forma de ensinar valores era reproduzido naquele momento. Contudo, para além daquele momento específico, temos observado de forma muito recorrente na contemporaneidade, discursos que atrelam a prática esportiva com fins educacionais circularem em diversos meios. Um destes meios onde foi possível observar a sua ativação de forma mais recorrente foi através dos programas e projetos sociais esportivos (PSE).

Tal observação se deu a partir de aproximações e acompanhamento de algumas destas iniciativas enquanto pesquisador, mas também enquanto aluno e, posteriormente, como professor com atuação nestes espaços educativos. Durante o ensino fundamental, fui aluno também do *Projeto Papa Léguas*, que funcionava na escola onde estudei e tinha como objetivo ensinar a prática de algumas modalidades do atletismo. Durante minha adolescência, participei do *Projeto Educando Pelo Esporte*, que funcionava através da FUNSERG (Fundação Sócio Esportivo-Cultural do Sport Club Rio Grande), que anunciava em seus

objetivos⁹ uma preocupação social, apesar de ser apenas uma forma de viabilizar a participação das categorias de base do clube no Campeonato Estadual de Futebol, o que na época já era visto por mim enquanto problema pelo lapso na perseguição de diversas promessas do projeto. Posteriormente, enquanto estagiário durante a graduação em Educação Física - Licenciatura na FURG, tive a oportunidade de trabalhar em projetos como o *Formando Craques* (financiado pela empresa QUIP, localizada no Pólo Naval de Rio Grande) e o *Centro de Referência Esportiva* (Instituto Esporte Educação em parceria com a FUNSERG).

Acredito que tais experiências tenham influenciado minha aproximação a estes espaços de atuação enquanto pesquisador, que se deu a partir de meu ingresso na pesquisa denominada *Projetos Sociais Esportivos e a Produção de uma Política Pública de Esporte*¹⁰, financiada pelo Ministério do Esporte e que envolvia professores e acadêmicos do curso de Educação Física da FURG. Mesmo após o término da pesquisa em 2011, continuei a me envolver em pesquisas relativas ao tema dos PSE, tendo, inclusive, desenvolvido Trabalho de Conclusão de Curso intitulado *O Futebol nos Projetos Sociais Esportivos de Rio Grande-RS*¹¹, o que produziu uma quantidade considerável de dados, armazenados digitalmente, oriundos principalmente de entrevistas, digitalizações de documentos dos projetos e da mídia local e que foram considerados para a produção desta dissertação.

Desta forma, foi possível observar ao longo de alguns anos na cidade de Rio Grande - RS diversos PSE serem planejados, implementados, executados, assim como encerrados, tendo sido notadas algumas recorrências importantes¹². Reafirmando a intenção de duvidar e

⁹ O projeto, em sua versão documental indica é caracterizado da seguinte forma: “A FUNSERG desenvolve o **PROJETO SOCIAL EDUCANDO PELO ESPORTE**, que tem o objetivo de buscar a inserção social de crianças e adolescentes, os quais se encontram em situação de vulnerabilidade social, através do esporte, e desenvolve várias ações sociais. Que atendem jovens de 07 a 17 anos, meninos e meninas, nas mais variadas modalidades esportivas e culturais.”

¹⁰ Indico desde um fator bastante importante referente à participação nesta pesquisa. Durante o período em que foi realizada, uma considerável quantidade de dados foi produzida a partir dos levantamentos efetuados. Na pesquisa que resultou nesta dissertação, lancei mão de alguns desses dados para ilustrar como, com a ajuda deles, foi possível chegar à construção do problema específico desta pesquisa de mestrado. Indico ainda, de antemão, a intenção de utilizar este banco de dados também como uma das fontes empíricas para a análise na dissertação, ainda que não se caracterize como a principal fonte de dados da pesquisa.

¹¹ Naquela pesquisa, uma das operações realizadas foi buscar nos documentos formais de três PSE de Rio Grande - RS o que era indicado como metodologia de ensino do esporte. A conclusão, referente a este problema, foi que os três (assim como outros analisados em outros momentos) apontavam na direção de uma manifestação do esporte que se aproximava mais do desporto educacional e de “socialização”, porém sem que houvesse uma maior caracterização de conteúdos ou alguma abordagem pedagógica específica, além de estabelecer poucas relações com os objetivos elencados para os projetos em questão.

¹² Partindo da constatação de uma proliferação dos PSE como um acontecimento (HECKTHEUER, 2012), vários investimentos de pesquisa foram realizados pelos membros participantes do grupo de pesquisa da Rede CEDES mencionada, podendo ser apontados como exemplo a produção de tais problemas: a atenção para a classificação de um público-alvo como vulnerável; a questão referente ao gênero, que muitas vezes determinava a escolha dos

tomar como problema para o pensamento tais recorrências, esta pesquisa se debruça sobre aquilo que foi identificado, corroborando com alguns autores (MELO, 2005; MELO, 2008; LAZZARI; THOMASSIM; STIGGER, 2010) como um discurso salvacionista dentro dos PSE, que atrela diretamente a resolução de problemas “sociais” e a “salvação” com a prática esportiva. Considerando a afirmação de Thomassim e Stigger (2009), quando apontam que os PSE têm assumido papel hegemônico na formulação de políticas públicas na área de esporte e lazer no Brasil, entende-se aqui que o esporte nem sempre cumpriu este papel político na sociedade brasileira e que tais problemas e crises sociais colocadas, nem sempre tiveram os PSE como proposta de solução.

Pelo fato de ter me encontrado de modo recorrente nas proposições dos PSE com a reprodução daqueles “princípios que o futebol ensina”, presente na passagem do jornal apresentada ao início do texto (Figura 1), reafirmo a atitude de desconfiança que assumo em relação a estes discursos e passo a formular algumas perguntas problematizadoras como disparadoras para o pensamento: o futebol, por si só, ensina algum princípio? Ainda que ensine, nós precisamos ensinar os jovens a “aceitar as regras do jogo”, “admitir o fracasso”? De que forma tem sido pensada e proposta uma educação através do futebol e do esporte, dentre as infinitas proposições? Por que o futebol, no âmbito dos PSE, ganha tanta importância¹³? Em que medida se mostram palpáveis os objetivos colocados? Que sujeito se visa constituir ao afirmar que o futebol deve formar “pessoas melhores”? O que são modos de vida aceitáveis e quais os inaceitáveis? Colocadas em uma posição hegemônica atualmente, a partir de que estratégias políticas se mantêm? E baseado em que racionalidade política?

A formulação de perguntas como estas é que motivou este trabalho de pesquisa e foi ajudando a produzir os objetivos aqui delineados. Duvidar de afirmações deste tipo, passar a colocá-las como problema para o pensamento e formular perguntas foi a atitude assumida desde o início. A partir da formulação de perguntas relativas ao papel educativo do futebol e do esporte, sobre este jogo cujas regras devemos aceitar, colocado como óbvio, a problematização foi sendo movimentada. Pelo termo problematização, apoiado em Michel Foucault, refiro-me ao “conjunto das práticas discursivas ou não discursivas que fazem com que algo entre no jogo do verdadeiro e do falso e os constitui como objeto para o pensamento”

participantes; as proposições advindas do terceiro setor; as concepções teóricas para a definição de esportes, presentes nas proposições; e ainda aquela à qual me dediquei (CRUZ, 2014), que diz respeito à frequente escolha pelo futebol como modalidade na maioria destes projetos. Algumas das recorrências, das linhas de força que compunham uma intrincada rede, foram enxergadas como problema pelos pesquisadores envolvidos.

¹³ Dados presentes em Cruz (2014) apontam que mais de 80% dos PSE de Rio Grande têm o futebol como uma das modalidades ou como modalidade única oferecida.

(FOUCAULT, 2006, p. 231). Tal noção é aqui definida como modo de se posicionar diante daquilo que inicialmente é pacificado em relação aos PSE. Uma atitude que está, desde o início, colada ao conceito proposto por Michel Foucault na passagem acima, apontado pelo próprio autor e por estudiosos¹⁴ de sua obra como fundamental no processo de suas pesquisas e encarado aqui como motor para os movimentos de pesquisa. Tal atitude busca:

[...] o que tornou possíveis as transformações das dificuldades e obstáculos de uma prática em um problema geral para o qual são propostas diversas soluções práticas. É a problematização que corresponde a essas dificuldades, mas fazendo delas uma coisa totalmente diferente do que simplesmente traduzi-las ou manifestá-las; ela elabora para suas propostas as condições nas quais possíveis respostas podem ser dadas; define os elementos que constituirão aquilo que as diferentes soluções se esforçam para responder. Essa elaboração de um dado em questão, essa transformação de um conjunto de complicações e dificuldades em problemas para os quais as diversas soluções tentarão trazer uma resposta é o que constitui o ponto de problematização e o trabalho específico do pensamento. (FOUCAULT, 2006, p. 233).

A constatação da proliferação dos PSE e de sua afirmação como política de esporte e lazer mostra-se relevante para pensá-los em relação à sua intersecção com dispositivos educativos e de segurança, uma vez que as políticas educacionais que convocam ao oferecimento de iniciativas como os PSE ajudam a reproduzir a ideia do esporte como ferramenta educativa, visando produzir modos de vida de uma determinada parcela jovem da população em situação de risco ou vulnerabilidade social. Para isto, frequentemente, são utilizados para rotular esses jovens de “perigosos”, diversos indicadores estatísticos referentes a infrações e ao uso de drogas, o que insere o esporte, inclusive, dentro de políticas de segurança pública, como o *Território da Paz* (DAMICO, 2011)¹⁵ e o *BGV na Paz*, executado

¹⁴ Alguns desses comentadores se dedicaram a abordar o aspecto metodológico da obra de Foucault, pouco discutido se comparado a outras questões mais conceituais, tendo a questão metodológica sido apresentada de forma geral a partir da indicação de três fases distintas do autor: arqueológica, genealógica e ética. Contudo, autores como Morey (1990), Restrepo (2008), Revel (2004), entre outros, buscaram dar atenção àquilo que apontaram como questões de método a partir de Michel Foucault, indicando, por exemplo, a acontecimentalização e a problematização como noções fundamentais para entender o sentido que o autor atribui ao que nomeia questões de método, uma vez que, segundo eles, tais atitudes atravessam de forma transversal as três fases comumente delineadas e estão presentes ao longo de toda a obra de Foucault, dando destaque àquilo que Revel (2004) aponta como uma “verticalidade do pensamento”.

¹⁵ Refiro-me aqui ao estudo empreendido pelo Prof. José Damico em sua tese de doutoramento, em que estudou e analisou a implementação do Programa Território da Paz, do Governo do Estado do RS e vinculado ao PRONASCI (Política Nacional de Segurança Pública e Cidadania) no Bairro Guajuviras, em Canoas - RS. No trabalho, Damico circunscreve discursos que aponta para uma urgência e necessidade de regulação e governamento por parte do Estado de toda uma variedade de formas de vida da juventude, identificando programas como o Território da Paz dentro da lógica de funcionamento de dispositivos de segurança. Ainda que tal programa tenha sido extinto, a análise que o autor desenvolve é bastante produtiva para o empreendimento que esta dissertação desenvolve.

em Rio Grande a partir do ano de 2015¹⁶. Estas políticas trazem em meio a suas proposições relativas às ações programáticas a criação de grupos e da organização de eventos nos quais é oferecida a prática esportiva. A relevância de tal discussão se deve à identificação de uma vontade de produção de modos de vida dos sujeitos envolvidos que caracteriza algumas dessas políticas. Mantém-se aqui, portanto, a postura de dúvida: que estratégias têm sido utilizadas para a condução e produção dos modos de viver dos sujeitos vulneráveis pelos PSE, considerando que aí está em jogo um processo de salvação?

Uma vez que o objetivo central desta pesquisa é problematizar a relação entre a noção de salvação e o futebol dentro das proposições dos Projetos Sociais Esportivos na cidade do Rio Grande - RS, busquei manter uma atitude crítica e reflexiva diante dos dados que vinham sendo produzidos, pensando tal relação como produtora de sentidos potentes para o governmentamento e a produção de modos de vida. Após esta apresentação, sobre as motivações e o ponto de partida para esta problematização, a discussão necessita de um maior aprofundamento, que será realizado a partir das três principais perguntas perseguidas durante a pesquisa, expostas a seguir.

Em primeiro lugar: como este discurso salvacionista se manifesta na contemporaneidade? Dentro da ideia de realizar um “diagnóstico do presente”, daquilo que vem sendo dito sobre o tema, foram cercadas e circunscritas as proposições que ativam este discurso salvacionista na contemporaneidade e que apontam os PSE como forma de produzir determinado modo de vida “aceitável”.

Em segundo lugar: a partir de que contingências e condições históricas tornou-se possível que este discurso tenha se tornado uma obviedade? Pensando em lançar um olhar histórico, foi produzida uma pequena história das problematizações e proposições que se assemelham (e alguns exemplos das que se distanciam) à formulação salvacionista em torno do esporte observada na contemporaneidade.

Em terceiro lugar: como este discurso salvacionista tem funcionado enquanto estratégia para produzir modos de vida dentro de práticas educativas, como os projetos sociais esportivos? Buscando uma atitude de crítica permanente, ou *hipercrítica*, como propõe Veiga-Neto (2000), a perseguição a esta pergunta levou a uma análise e reanálise dos dados produzidos durante a pesquisa, de modo a colocar em cheque as hipóteses explicativas e conclusões oriundas do movimento de problematização do próprio pensamento.

¹⁶ Programa executado a partir das diretrizes do RS na Paz, do Governo do Estado do Rio Grande do Sul e do Território da Paz, já mencionado. Sua adaptação à cidade de Rio Grande ainda não possui versão propositiva escrita até o momento.

Colocando tais questionamentos e atitudes decorrentes (diagnóstico do presente, história das problematizações e crítica permanente¹⁷) como atitudes transversais, a dissertação encontra-se estruturada da seguinte forma: uma **introdução** que situa e localiza o tema da pesquisa e a construção do problema; um **segundo capítulo** que objetiva estabelecer os critérios referentes às questões de método; o **terceiro capítulo**, que demonstra como tem se manifestado este discurso salvacionista na contemporaneidade; o **quarto capítulo**, que apresenta algumas pistas das condições históricas que permitiram a emergência deste discurso em meio à racionalidade governamental neoliberal contemporânea; o **quinto capítulo**, que apresenta o modo pelo qual a educação, através do futebol, é operada dentro dos PSE observados, em termos de práticas e estratégias, obedecendo à lógica de um poder pastoral, que tem por função política governar a todos e a cada um; e, por fim, o **sexto capítulo**, contendo as considerações finais, que objetiva ressaltar as principais conclusões da pesquisa.

¹⁷ Em diferentes momentos, o foco deste texto é mais voltado à perseguição de uma das questões-problema e sua decorrente atitude do que em outra. O capítulo 4, por exemplo, caracteriza-se por estar muito mais dedicado a uma história das problematizações do que as outras duas atitudes, o que não quer dizer que estas foram abandonadas neste trecho, mas não exercem função tão importante. A alternância de foco se mostra também nos outros capítulos.

2 SOBRE PROBLEMATIZAÇÃO, CARTOGRAFIA E FLANÂNCIA

Como acessar o encontro entre estes projetos e aqueles que estes visam atingir? O que observar? O que perguntar? O que registrar? Como registrar? Fui guiado pela pergunta primordial da investigação: como o discurso salvacionista tem funcionado, enquanto estratégia para produzir modos de vida, dentro dos projetos sociais esportivos? A intenção, desde o início da pesquisa, era ir ao encontro das atividades dos PSE para a produção dos dados em torno do problema. Assumo como atitude metodológica principal da pesquisa a transversalidade e a verticalidade da problematização, nos termos em que nos aponta Michel Foucault.

Conforme os comentários de Restrepo (2008) e Revel (2004) acerca da noção de problematização (nos termos que indica Michel Foucault), é possível indicar três níveis diferentes de operações, que demandam três diferentes atitudes, que se coadunam com as três principais perguntas indicadas anteriormente. São elas: (i) um diagnóstico do presente, no qual devem ser apreendidos discursos propositivos em resposta a determinado problema; (ii) uma história das problematizações, com a finalidade de cercar as condições históricas para emergência de determinadas proposições e práticas colocadas em resposta a um problema (condições de possibilidade para o quadro contemporâneo); e (iii) uma atitude de crítica permanente, ou hipercrítica, em que as teses e hipóteses apresentadas na atualidade são colocadas em constante exame e reexame, visando à problematização constante.

Estas atitudes atravessaram a pesquisa e espera-se que possam ser percebidas durante todo o texto, ainda que algumas se façam mais enfaticamente presentes em determinados momentos do que em outros. Tais atitudes demandaram diferentes operações metodológicas, as quais serão brevemente apresentadas neste capítulo, mas que percorrem a dissertação, à medida que o processo de pesquisa foi sendo desenvolvido.

Em meio às demonstrações das operações de pesquisa neste trabalho, implicadas nestas três atitudes, foram utilizadas para a produção dos dados que levaram adiante a problematização aqui empreendida as seguintes fontes: (i) um farto conjunto de informações reunido a partir das pesquisas anteriores (pesquisa da rede CEDES, principalmente), constituído por entrevistas, documentos formais de PSE, material de divulgação, material jornalístico, entre outros; (ii) textos acadêmico-científicos da área da Educação Física e relacionados com o esporte; (iii) legislação brasileira; (iv) material jornalístico em geral (principalmente do Jornal Agora, de Rio Grande - RS); (v) transcrições dos encontros de grupo de discussão temático com os proponentes de PSE de Rio Grande - RS; (vi) filmes,

músicas, pinturas, poesias, entre outras manifestações artísticas e culturais apreendidas enquanto artefatos culturais de determinada época; (vii) dados oriundos dos registros das visitas nos PSE da cidade, definida enquanto flanância (principal fonte empírica e produção de dados específica desta pesquisa).

2.1 A INSPIRAÇÃO CARTOGRÁFICA

Guiado por tais atitudes, na projeção do que seria esta pesquisa e, posteriormente, o trabalho que foi levado a cabo, busquei na cartografia social¹⁸ alguma orientação acerca do trato com os dados. Contudo, com a intenção de nortear, em alguma medida, a itinerância¹⁹ realizada, busquei me apropriar do referencial metodológico apresentado por alguns autores que trabalham com a cartografia. Acredito que este modo de pensar os aspectos metodológicos se coadune com a ideia que tinha a respeito do trabalho a ser realizado, mas principalmente pela aproximação prévia com leituras que sempre apontaram a cartografia, acima de tudo, como atitude crítica e extremamente atenta²⁰ a ser assumida pelo pesquisador. A partir disto, decidi percorrer um caminho incerto e errante pela cidade atrás dos PSE em funcionamento.

No momento em que tomei tal decisão, propus-me a partir com o mínimo de decisões colocadas de antemão. Uma das que não pude abrir mão foi em relação ao método. Decidi que tentaria estabelecer contato inicial a partir dos proponentes presentes nas reuniões de um grupo de trabalho temático (sobre o qual discorrerei mais adiante), além daqueles com os quais já tinha estabelecido algum tipo de contato anterior, como ponto de partida, isto é, uma

¹⁸ No Brasil, é possível encontrar um importante apanhado da produção referente à cartografia social no livro *Pistas do Método da Cartografia* (Passos, Kastrup e Escóssia, 2010) e no Editorial da Revista Fractal intitulado *Dossiê Cartografia: Pistas do Método da Cartografia Vol. II* (Passos, Kastrup e Tedesco, 2013), que ajudaram com sua demonstração de aplicação da cartografia, além de suas considerações acerca dos usos que têm sido feitos de seus conceitos.

¹⁹ A ideia de itinerância parte da intenção de tentar prever e controlar o mínimo possível as condições de uma visita aos PSE, mantendo-se próximo do aleatório, para perseguir o inusitado, o singular. Uma caminhada quase “à deriva”, salvo as condições colocadas pelo recorte de tempo da pesquisa e das condições que permitiram a entrada nos espaços. No entanto, o principal a ser absorvido da ideia de itinerância era o fato de que não seria realizada uma imersão maior em um dos projetos especificamente, mas no máximo alguns “sobrevôos”, atitude que permitiu uma liberdade maior de observar por mais tempo alguns espaços do que outros, de acordo com os interesses da pesquisa e da relação estabelecida com cada um dos PSE. Conforme será explicado e discutido ainda neste capítulo, esta itinerância foi caracterizada como uma “flanância”, que constitui a principal fonte de dados para a pesquisa.

²⁰ Kastrup (2010), no texto *O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo*, aponta para a definição de quatro gestos da atenção cartográfica: o rastreio, o toque, o pouso e o reconhecimento atento.

porta de entrada para iniciar a jornada. A ideia foi estabelecer uma rede de contatos iniciais, que explicitarei quando estiver a narrar esta itinerância.

Penso que, posta em ação a ideia de itinerância, a cartografia fornece subsídios importantes para manter o foco em perguntas que interessem à pesquisa, para manter um percurso coerente com os problemas colocados, além de ajudar na escolha das ferramentas metodológicas mais adequadas e eficientes para a produção e registro dos dados. Fui ajudado por este referencial a manter-me rigoroso em relação à atitude crítica a ser adotada no que diz respeito à escolha das ferramentas a serem utilizadas na produção dos dados durante o *hódos*, de modo que este não pautasse o *metá*, os resultados a serem encontrados.

A metodologia, quando se impõe como palavra de ordem, define-se por regras previamente estabelecidas. Daí o sentido tradicional de metodologia que está impresso na própria etimologia da palavra *metá-hodos*. Com essa direção, a pesquisa é definida como um caminho (*hódos*) predeterminado pelas metas dadas de partida. Por sua vez, a cartografia propõe uma reversão metodológica: transformar o *metá-hodos* em *hódos-metá*. Essa reversão consiste numa aposta na experimentação do pensamento – um método não para ser aplicado, mas para ser experimentado e assumido como atitude. Com isso não se abre mão do rigor, esse é ressignificado. O rigor do caminho, sua precisão, está mais próximo da normatividade da vida ou da normatividade do vivo, do que fala Canguilhem. A precisão não é tomada como exatidão, mas como compromisso e interesse, como implicação na realidade, como intervenção. (PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2010, p. 32)

Percorrer um caminho não determinado *a priori* é uma das condições que torna possível a ideia de acompanhamento de processos, tão cara à cartografia. Reafirmo que busquei não fazer um retrato imóvel, com fixidez que pode remeter à ideia de algo que estava lá parado para ser descoberto e descrito. Busquei aproximar-me dos PSE de modo a acompanhar um processo referente à forma como um discurso salvacionista que busca produzir efeitos encontra-se com o seu público-alvo, sofre mutações, adaptações, conformações, que encontra resistências, lutas. Logo, produzi em boa medida aquilo que, para mim, se apresentou.

Uma vez rechaçada a atitude de estabelecer de antemão todos os passos da pesquisa, tornou-se possível acessar mais livremente outras questões não pensadas no início do processo de problematização, permitindo que fosse levado por caminhos e respostas não previstos, além de tornar possível o encontro com o inusitado, a singularidade, o diferente daquilo que já vinha sendo dito sobre o assunto. Corroboro com a tese de que a pesquisa acadêmica não deva servir para comprovar respostas que já formulamos, mas para produzir novas perguntas, novos problemas, como, até mesmo, tornar afirmações pacificadas em novas perguntas. Tal reversão, que corresponde em termos de atitude em colocar o *hódos* na frente

do *metá*, pode permitir que o inesperado, o novo, o diferente e o singular apareçam. Esse é o objetivo de tal atitude e foi no caminho percorrido que os fui encontrando.

O primeiro motivo que me levou a eleger a cartografia como forma de acompanhar processos foi esta indicação de uma reversão em termos de método. O segundo refere-se ao fato de considerar que a particularidade do objetivo e da atenção desta pesquisa na área da Educação está alinhada com a da cartografia, tanto da forma como vem sendo trabalhada pelos autores da psicologia social mencionados, quanto com o sentido que Deleuze e Guattari (1995) atribuíram ao localizar o termo dentro do pensamento rizomático. Para estes autores, a cartografia encaixa-se como método pelo fato de propor acompanhar processos de subjetivação. Neste sentido, estratégias biopolíticas e de governo do outro são tomadas neste empreendimento de pesquisa pelo fato de terem potência de subjetivação e, portanto, de produção (assim como destruição) de modos de vida. Pozzana e Kastrup (2010) propõem a cartografia como forma de acompanhar processos na área da psicologia social, fazendo uso da reversão metodológica comentada, além de utilizarem o referencial deleuziano para apontar a importância de se acessar planos de forças e o fazem preocupadas com a questão da subjetividade. Diante disso, cabe se dedicar a delimitar que processo ou processos visos acompanhar.

Penso que a preocupação nesta pesquisa, com registro em um Programa de Pós-Graduação em Educação, mantém relação estreita com a questão da subjetividade, o que acredito tornar possível algumas apropriações das contribuições da cartografia, uma vez consideradas as diferenças entre os sujeitos observados e as particularidades da área, que possui toda uma história de constituição, objetos e problemas diferentes. Observadas tais diferenças, me propus a acompanhar o processo de produção de (outros) modos de vida, que está implicado no investimento dos PSE em um discurso de salvação que se utiliza do esporte. Mais especificamente, o objetivo foi promover, através de visitas aos PSE, um espaço de interação a partir de temas específicos, que passem pela ideia de salvação através do esporte, estando atento às manifestações destes sujeitos sobre tais temas.

Registro, também, uma terceira característica importante da cartografia, frequentemente reforçada por Passos e Kastrup (2013) e que é reconhecida e assumida neste trabalho. Trata-se de entender que o acompanhamento de processos implica em reconhecer a investigação do tema e do problema elencados enquanto pesquisa-intervenção. O fato de um texto acadêmico produzir variados sentidos enquanto discurso pode produzir efeitos e, com isso, só o fato de ter atribuído ao discurso salvacionista a condição de problema, já contribui para produzir e moldar a realidade.

Outro aspecto que permite pensar este processo como intervenção de forma ainda mais direta, é o fato de que a pesquisa foi uma forma de acompanhar, de modo itinerante, algumas das atividades de certos projetos sociais da cidade de Rio Grande, estabelecendo diálogos e fazendo registros dos acontecimentos observados. Trata-se de uma experiência que considero potente no sentido de produzir sentidos tanto para mim, enquanto pesquisador, quanto aos participantes de cada projeto. Desta forma, ao não assumir uma perspectiva que busca uma suposta neutralidade científica de análise e intervenção, ressalto a necessidade de um grande rigor ético e metodológico advindo desta postura, principalmente quanto às escolhas referentes às ferramentas e aos procedimentos que serão adotados. Acredito ter me alinhado a esta forma de fazer pesquisa proposta pela cartografia por considerar que ela se configura como uma possibilidade de criação. Desta forma, permite uma liberdade maior para se pensar em uma reconfiguração dos princípios tradicionais de ciência, adaptando as ferramentas metodológicas às especificidades de cada pesquisa. Todavia, ao mesmo tempo, cria a necessidade de um maior rigor ao determinar as escolhas, o que tem se mostrado para mim um exercício extremamente trabalhoso, mas produtivo.

De fato, os autores citados acima têm ajudado a pensar uma reconfiguração nos modos de operar com ferramentas como entrevistas, grupos focais, observação participante, uso de áudio, vídeo, fotografia, entre outros. A aproximação destes exercícios de pesquisa tem sido produtiva principalmente pelo fato de que estas ferramentas dão atenção à questão da produção de subjetividades e de modos de vida. Contudo, ressalvo que diferentes problemas e objetos demandam aproximações distintas. Cada área deve respeitar as particularidades dos objetos aos quais se dedica a estudar e cada estudo percorre um percurso diferente. Portanto, uma cartografia na área da educação deve selecionar ferramentas metodológicas adequadas para pensar seus problemas e ser coerente com seus objetivos, assim como cada pesquisa ainda deve fazer acomodações e adequações em relações aos procedimentos a serem utilizados. Cada operação cartográfica deve percorrer um caminho diferente. Assim, descrevo as principais estratégias assumidas nesta pesquisa.

2.2 GRUPO DE DISCUSSÃO TEMÁTICO

Como primeira estratégia a fim de dar conta da produção de dados e ajudar no processo de problematização e formulação das perguntas, formou-se um grupo composto, além de mim, pelos seguintes pesquisadores: o Professor Luiz Felipe Alcantara Hecktheuer,

orientador do presente trabalho; os acadêmicos Evandro dos Santos Nunes (mestrando do PPGEDU-FURG), Arisson Vinicius Landgraf Gonçalves (doutorando do PPGEF-FURG²¹) e Everton Luis Bicca Noguez (acadêmico do curso de Educação Física – Licenciatura - FURG). Além desta equipe de trabalho, que possui em comum o interesse de pesquisa sobre os PSE, foram convidados a participar proponentes de algumas iniciativas da cidade de Rio Grande que tivessem interesse em fazer parte das discussões temáticas empreendidas durante os encontros.

O grupo foi criado com o intuito de organizar um espaço em que fosse possível discutir com os proponentes, com a finalidade de complementar a pesquisa documental que já vinha sendo realizada, enxergando uma oportunidade alternativa mais abrangente e produtiva de ouvir estes sujeitos do que a entrevista, ferramenta já utilizada anteriormente em outras pesquisas e que apresentou algumas carências no que se refere à potencialidade do aparecimento de novos dados. Foi então pensado como uma estratégia que pudesse contemplar as pesquisas dos acadêmicos envolvidos, de modo que fossem direcionados temas específicos a cada encontro como explícito a seguir.

Quanto ao formato e aos princípios metodológicos observados, o grupo temático inspirou-se bastante em algumas técnicas do grupo focal. Alberto Gomes (2005) explica que o termo grupo focal, traduzido do termo inglês *focus group*, foi criado para nomear as pesquisas desenvolvidas pelo sociólogo estadunidense Robert King Merton, na década de 1940, no âmbito do Departamento de Pesquisa Social Aplicada da Universidade de Columbia. Robert e seu colega Paul Lazarsfeld organizaram entrevistas de grupos para estudar a compreensão de pessoas sobre programas de rádio e televisão. A técnica que inspirou esses pesquisadores já vinha sendo utilizada para pesquisas em *marketing* desde os anos 1920 (GATTI, 2005). Esses trabalhos deram origem aos primeiros grupos focais, utilizados mais tarde para o desenvolvimento de pesquisas políticas e publicitárias. O grupo focal “[...] consiste na interação entre os participantes e o pesquisador, que objetiva colher²² dados a partir da discussão focada em tópicos específicos e diretivos” (LERVOLINO; PELICIONI, 2001, p. 116). O que caracteriza esse método é o seu caráter interativo – focalizando mais a interação

²¹ Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências: química da vida e saúde.

²² Penso importante apontar mais uma vez que este trabalho se dedica a estratégias que visam à produção de dados. A noção de coleta, por mais que se apresente nesta citação, neste trabalho é abandonada e substituída por uma noção de método que visa produzir dados. Como buscarei apresentar na sequência do projeto, a proposta de trabalho com o grupo constituído não é de uma aplicação pura e simples de um grupo focal, mas uma adaptação, que parte dos conceitos básicos desta estratégia de produção de dados para as necessidades particulares desta investigação, modificando algumas das características tradicionais. Adaptações feitas para tornar esta ferramenta metodológica potente para movimentar o processo de problematização da pesquisa.

do grupo e menos a interação entre pessoas. Portanto, a técnica exige que as informações se produzam na dinâmica interacional de um grupo de pessoas (BARBOUR, 2009; GATTI, 2005). A interação do grupo e a discussão focada em tópicos específicos são características que permitem não apenas definir a técnica, mas diferenciá-la de outras, como entrevistas de grupo e discussões em grupo, por exemplo.

Apesar de estar em consonância com tais características, o Grupo de Trabalho Temático (GTT) criado se afasta de outras características específicas do grupo focal, apesar de ter tido neste a sua inspiração. Segundo Dal'Igna, existem cinco princípios a serem observados para a caracterização como grupo focal: a) local de realização; b) composição do grupo; c) composição da equipe de pesquisa; d) estruturação do grupo; e) planejamento dos encontros. O ponto de maior afastamento é em relação à composição do grupo, uma vez que não se tratava de um grupo fixo e o número de pesquisadores era próximo ao dos outros participantes externos ao grupo de pesquisa.

Ocorreram cinco encontros, sendo que o primeiro tratou de apresentar a proposta aos envolvidos, sem que houvesse a indicação de um tema específico, tampouco a gravação de áudio ou vídeo do encontro. Já o segundo contou apenas com a presença dos pesquisadores e das responsáveis pelo projeto BGV na Paz, tendo sido gravado em áudio para posterior transcrição. Além destes, mais três encontros temáticos foram realizados, com a presença de proponentes de outros projetos da cidade.

Quanto à dinâmica, foram escolhidos temas e perguntas disparadoras específicas para permitir que os participantes se sentissem “à vontade” e “com vontade de falar”, de modo a criar um espaço de discussão que contemple não só as expectativas de produção de dados para pesquisa, mas também firme um local onde os PSE sejam pensados a partir de uma atitude crítica, compatível com a atitude de problematização adotada. Os encontros se mostraram, de modo geral, muito potentes no que se refere a uma dinâmica de discussão dos temas propostos e, por consequência, para a produção de dados das pesquisas dos envolvidos. No caso específico desta pesquisa, ainda que nenhum dos encontros tenha abordado a temática da salvação diretamente, foi possível encontrar atravessamentos muito ricos referentes ao tema.

2.3 ITINERÂNCIA E FLANÂNCIA

Atitude de pesquisa: O *flâneur* não busca desvendar a verdade oculta no outro. Ele busca exprimir a sua verdade sobre o outro.

Anunciei na introdução que lançaria mão de diversificadas formas de produção de dados e que estes foram usados durante todo o processo de problematização e apareceriam em vários pontos deste texto. Reafirmo, porém, que a principal estratégia para produção de dados para a pesquisa foi o trabalho de circular entre todos os PSE quantos fossem possíveis na cidade, observando, perguntando, observando novamente, interagindo, participando e, de algum modo, registrando. Trata-se da itinerância que anuncio no título deste capítulo, o estabelecimento de uma rede que me levou aos lugares onde eu pude observar de perto os processos que me interessavam acompanhar nesta pesquisa a partir de uma atitude flanante. Narrarei um pouco desta itinerância e sobre o processo de tomadas de decisões relativas a este modo de produção de dados, além de alguns dos encontros e desencontros que foram fornecendo combustível para que o motor da problematização continuasse funcionando.

Nesta perspectiva, busquei registrar alguns encontros dentro daquilo que chamo de uma flanância pelos PSE da cidade de Rio Grande. Flanância, no sentido atribuído no dicionário, é uma palavra que vem do francês e significa vadiagem, vagabundagem. O *flâneur* é o sujeito que perambula pelas ruas da cidade observando, sem motivo aparente, o vai e vem diário das pessoas. O seu significado é diretamente ligado ao poeta francês Charles Baudelaire, que viveu no século XIX, dada a influência de sua poesia à tradição artística. No auge do capitalismo e da revolução industrial, se permitiu, ao contrário da tendência que já vinha se desenhando à época, o tempo para vagar, observando o cotidiano da cidade. Atitude demonstrada em sua obra, apontada por Benjamin (2000) como demonstração de resistência a uma lógica que vinha ganhando força, que era a de não perder tempo, tornar o tempo tão útil quanto fosse possível.

O poeta perambulava pelas ruas atrás das situações e personagens que lhe chamassem a atenção. Atenção e sensibilidade de um artista que ao andar na rua não a via como um território habitado como uma massa amorfa, mas como um local cheio de singularidades a serem descritas através de sua percepção. O velho saltimbanco, as viúvas, o bobo, as multidões. Personagens ignorados pela maioria das pessoas que nas ruas estavam de passagem, mas notadas e descritas pela sensibilidade do artista, que buscava ver as pessoas, em toda sua infinita complexidade. A rua, para Baudelaire, deixava de ser lugar de passagem, pois ele se permitia vadiar, vagar e se perder, “perder” tempo para observar. Observar situações, paisagens e aquilo que considero o mais rico em sua poesia (ao menos no que tange a sua relação com esta pesquisa): observar atentamente as pessoas e os seus comportamentos.

O Velho Saltimbanco

Por todos os lados exhibia-se, espalhava-se, divertia-se o povo em férias. Era uma dessas solenidades pelas quais, durante longo tempo, esperam os saltimbancos, os mágicos, os domadores de animais e os vendedores ambulantes, para compensar os maus momentos do ano. Nesses dias parece que o povo esquece de tudo, a dor e o trabalho; fica igual a criança. Para os pequenos é um dia feriado, é o horror escolar adiado por vinte e quatro horas. Para os adultos é o armistício concluído pelos poderes malignos da vida, um descanso da contenção e da luta universal.

O próprio homem de sociedade e o homem ocupado com trabalhos intelectuais escapam dificilmente da influência desse júbilo popular. Eles absorvem, sem querer, sua parte dessa atmosfera despreocupada. Para mim, não deixo jamais, velho parisiense que sou, de passar em revista as barracas que se empavonam todas nessas épocas solenes.

Elas se faziam entre si, em verdade, uma formidável concorrência: pipilavam, berravam, uivavam. Era uma mistura de gritos, detonações de trombetas, explosões de foguetes. Os fantasiados com rabos vermelhos e os bobos contraíam as rugas de suas faces acobreadas, curtidas pelo vento, pela chuva e pelo sol; eles lançavam, com a postura de comediantes seguros de seus desempenhos, belas palavras e gracejos, dignos de um cômico sólido e de peso como os de Molière. Os hérules, certos da enormidade de seus membros, sem testas e sem crânio como os orangotangos, descansavam majestosamente com suas malhas justas lavadas, na véspera, para a ocasião. As dançarinas, belas como fadas ou princesas, saltavam e faziam cabriolas sob o fogo das lanternas que enchiam seus saíotes de faíscas brilhantes.

Tudo era luz, poeira, grito, alegria, tumulto; uns gastavam, outros ganhavam — uns e outros, igualmente, felizes. As crianças penduravam-se nas saias de suas mães para obter um torrão de açúcar ou subiam nos ombros de seus pais para melhor ver um mágico deslumbrante como um deus. E por toda parte circulavam, dominantes, todos os perfumes, um odor de fritura que era como que o incenso dessa festa.

No fim, no extremo fim da fila de barracas como se, envergonhado, ele se exilasse de todos esses esplendores, vi um pobre saltimbanco encurvado, caduco, decrépito, uma ruína de homem, encostado contra uma estaca de sua cabana; uma cabana mais miserável do que a de um selvagem embrutecido, onde dois cotos de velas pingavam cera e enfumaçavam o ambiente que iluminava muito bem aquela miséria.

Por toda a parte a alegria, o ganho, a libertinagem; por toda a parte a certeza do pão do dia seguinte; por toda a parte uma explosão frenética de vitalidade. Aqui, a miséria absoluta, a miséria ridiculamente vestida para o cúmulo do horror; farrapos cômicos em que a necessidade, bem mais que a arte, introduzira o contraste. Ele não ria, o miserável. Não chorava, não dançava, não gesticulava, não gritava; não cantava nenhuma canção, nem alegre nem lamentosa, não implorava. Estava mudo e imóvel. Renunciara, tinha abdicado a tudo. Seu destino estava selado.

Mas, que olhar profundo, inesquecível; ele passeava no meio da massa popular e das luzes, quando as ondas humanas paravam a alguns passos de sua repulsiva miséria. Eu sentia minha garganta apertada pela mão terrível da histeria e parecia que meu olhar era ofuscado por lágrimas rebeldes que relutavam em cair.

Que fazer? De que serviria perguntar ao infeliz que curiosidade, que maravilha teria ele para mostrar naquelas fétidas trevas, atrás de sua cortina rasgada? Na verdade eu não ousei, e, embora a razão de minha timidez lhes faça rir, confesso que temia humilhá-lo. Enfim resolvi depositar, ao passar, algum dinheiro sobre uma de suas pequenas bandejas, esperando que ele adivinhasse minha intenção, quando um grande afluxo de gente, causado não sei por quê, levou-me para longe dele.

Virando-me, obcecado por aquela visão, busquei analisar minha súbita dor e disse para mim mesmo: “Acabo de ver a imagem de um velho homem de letras que sobreviveu à sua geração, da qual ele foi

um brilhante entendedor; do velho poeta, sem amigos, sem família, sem filhos, degradado pela miséria e pela ingratidão pública e na barraca do qual o mundo sem memória não quer mais entrar!” (Baudellaire, 1966).

O Velho Saltimbanco, poema transcrito acima, exemplifica o modo pelo qual o artista poeta demonstra sua sensibilidade para se propor a parar e observar em meio à confusão da cidade, onde pessoas correm atrás do relógio (o *Big Ben*, em Londres, não é “*big*” por acaso), passando por não-lugares sem tempo para pensar muito. O humano o intriga. As perguntas surgem. E é aí que enxergo a riqueza de aproximar a ideia da flanância à pesquisa em ciências humanas. Afinal, que papel assume o pesquisador quando se propõe a observar? Trata-se de construir um problema a partir do qual se deseja parar para observar. Em meio a uma rotina que cumpre dentro da Universidade, ele para, com a finalidade de observar e de pensar sobre. No meu caso, em meio aos inúmeros compromissos que o mundo do trabalho impõe, me propus a parar para observar as pessoas que circulam pelos projetos sociais esportivos: alunos, professores, monitores, coordenadores, proponentes, pais, curiosos, colaboradores. O que os leva a estarem ali? Que significado aquele espaço tem para eles? O que os leva a tomar as decisões que tomam?

Penso na flanância enquanto resistência. Creio que levar a cabo uma pesquisa “flanante” abre um leque de variedades ainda maior no que diz respeito à experimentação, com vistas a criar novas possibilidades de pensar a pesquisa em educação. As dificuldades se multiplicaram, tanto de ordem teórica (em apoio às escolhas metodológicas), quanto logística, devido aos inúmeros percalços, desencontros, dificuldade de comunicação, acesso a alguns locais, conflitos de horários, entre outros. Contudo, no processo de escolhas e tomadas de decisão da pesquisa, a flanância foi uma estratégia criada por dentro das questões norteadoras da cartografia e que se mostrou compatível com as questões de método e atitudes assumidas no presente estudo. Sendo assim, ofereço neste trabalho um relato do meu encontro com situações que despertaram a minha atenção e me ajudaram a “embaralhar as cartas”, a desconstruir e reconstruir. A desterritorializar e reterritorializar. Problematizar buscando pensar diferente do que pensava quando propus a pesquisa. Posiciono-me enquanto um *flâneur* que procurou tempo justamente para poder perdê-lo, observando situações e acompanhando processos, em meio à conturbada vida cotidiana com uma agenda de trabalho e compromissos diversos. Experimentei que o *flâneur* assume, a partir de sua narrativa, uma atitude de expressar a sua verdade *sobre* o outro. Ele se importa apenas em narrar a imagem

que tem para si próprio daquele personagem que observa. Foi esta a atitude que vivenciei e que tornou possível produzir as descrições que aqui apresento.

No momento em que foi tomada a decisão de flunar pela cidade, mais especificamente pelos lugares da cidade onde os PSE são colocados em funcionamento, outras decisões tiveram que ser tomadas em relação às ferramentas a serem utilizadas, de modo a perseguir um rigor com a pesquisa. Ir a campo para quê? Para ampliar as possibilidades de perseguir as perguntas e os objetivos da pesquisa. Como fazer, portanto? Trato de explicar sobre o processo de reflexão e construção das perguntas, além dos modos de registrar os acontecimentos importantes. Todavia, em relação à **atitude**, a como me posicionar diante de tal flanância, respondo esta pergunta do “como fazer” com sua definição, que procurei trazer.

Ainda em relação à flanância como atitude, penso que é necessário dar tempo a si mesmo para observar as pessoas. Eis o objetivo de lançar um olhar flunante em minhas perambulações pelos PSE da cidade. Compatível e bastante próxima com a atitude da cartografia, por onde comecei a delinear e fui orientado em relação aos princípios metodológicos da pesquisa, a ideia de flanância, neste contexto, permitiu uma abordagem que não fosse conferir hipóteses pré-formuladas acerca dos frequentadores das atividades dos PSE. Fui para observar as pessoas e seus comportamentos, tentando entender os motivos que levam à proposição de tais iniciativas (por parte dos proponentes) e o que faz com que o sujeito capturado por suas ações programáticas queira estar ali. Quem são essas pessoas? Por que estão ali? O que querem? Desta forma, as perguntas passaram a surgir espontaneamente. Através desta atitude, foi possível vagar e registrar algumas situações que foram importantes para esta pesquisa.

Alguns registros desta flanância foram feitos a partir de gravações de conversas com as pessoas, gravações de entrevistas mais formais realizadas com proponentes e pais, registros fotográficos dos locais que visitei, além de algum material de vídeo que foi registrado junto a um dos PSE. Contudo, registro aqui que a decisão pela forma de registrar esta flanância não se deu de forma tranquila. A proposta de observação de situações levou a uma grande dificuldade em operar com os “registros de pesquisa”. Reforço isto, porque muitas das situações que já trouxe no trabalho e que ilustrarei ainda foram transcritas a partir de anotações posteriores aos encontros com os PSE²³. Algumas imediatamente depois, outras,

²³ Durante os anos de 2015 e 2016, foram visitados 5 diferentes locais: Projeto Bom de Bola e Bom na Escola, da ONG Porto da Vila, Bairro Rural; Projeto SER Lambari, do Bairro Santa Tereza; Escolinha de futebol do Real da Barra, da 4ª Seção da Barra; Projeto Semente Olímpica, localizado no ginásio do Ipiranga Atlético Clube, centro da cidade, no limite do Bairro Getúlio Vargas; Centro de Referência em Assistência Social (CRAS), do

devido às dificuldades logísticas que encontrei, foram feitas algum tempo depois. Ainda assim, são situações narradas e extraídas de um caderno de notas, de modo que foi possível colocar impressões e, até mesmo, sentimentos naquilo que foi registrado. Isto não foi encarado como um problema, uma vez colocada a posição *flâneur* do pesquisador, com a atitude que busquei explicar anteriormente.

O processo de buscar sistematizar um meio de registrar as situações que pensava importante para a problematização desencadeou a seguinte decisão: a descrição das situações com base nas anotações, memórias e descrições de um caderno de notas seriam aproveitadas junto com as entrevistas, documentos e outras fontes de dados já citadas. No entanto, deveriam ser as principais responsáveis por perseguir as perguntas da pesquisa e mover a problematização, uma vez entendido que tal forma de registro só foi assim pensada por acreditar que torna possível a emergência daquilo que existe de singularidade em cada um dos locais visitados. É isso que venho perseguindo e é um pouco disso que demonstrarei ao longo do texto.

2.4 A FLANÂNCIA EM OPERAÇÃO

Pelo fato de o Arisson ter tido uma prévia aproximação com os profissionais e crianças do CRAS, pensei que pudesse ser uma boa forma de iniciar os sobrevôos por aquele local. Até mesmo pelo fato de esta ser uma situação controlada e na qual eu estaria acompanhado, o que era compatível com o meu objetivo principal no momento, que era observação do funcionamento.

Esperei o Arisson em um ponto combinado antes da entrada do bairro e fui com ele até a sede do CRAS, localizada em uma das margens do bairro, onde a um dos lados só há um grande campo. A sede fica localizada ao lado da única escola localizada no bairro e um dos primeiros pontos que chamou a atenção foi a grande diferença entre esses dois prédios. A escola com altos muros, fechada, com grades em portas e janelas. O CRAS, ao contrário, apesar de possuir cerca tinha seus portões e porta dos dois prédios abertos, muito mais convidativo. E de fato, conversando com o Arisson, ele explicou que há uma liberdade muito grande da comunidade em relação ao Centro. As crianças e pais entram e saem com naturalidade do espaço. Ainda em relação aos prédios, me chamou a atenção à fragilidade de segurança de um deles, um pequeno chalé de madeira sem grades em portas ou janelas, já bastante deteriorado pela ação do tempo e que possuía em seu interior alguma variedade de equipamentos multimídia, caros. Conversando com o Arisson ele afirmou que a responsável pelo CRAS relatou apenas uma invasão do local, há muito tempo, em todo o período de atuação no bairro e que ainda assim não foram levados muitos bens. A impressão passada por ele (e que eu senti também, ao conversar com os alunos) foi de uma identificação da comunidade com a atuação daqueles profissionais, ao contrário da relação com a escola, que possui relatos de invasões e depredações constantes. Sobre o assunto, perguntamos a um dos alunos o que achava da escola. Ele disse, entre outras reclamações, que o local parecia uma prisão.

bairro Cidade de Águeda. Além das visitas, serão apresentados dados oriundos de conversas, entrevistas, depoimentos (entre outras fontes), com representantes de outros PSE da cidade.

Minha atuação no espaço foi de estar dentro do espaço do CRAS, conversando com o Arisson e em um momento com a coordenadora do espaço enquanto observava o jogo de futebol dos meninos presentes no pátio ao lado. Fui informado que as aulas de futebol haviam sido suspensas pelo fato de ter sido trocado o professor recentemente. Ainda assim, alguns meninos (de várias idades) e uma menina jogavam por sua conta no espaço do pátio, de acordo com suas próprias regras. Fomos convidados a jogar e aceitamos. Durante o jogo e depois pudemos conversar com os jovens sobre diversos assuntos. Aos poucos abordamos assuntos do nosso interesse enquanto pesquisadores. Um dos pontos que chamou atenção os relatos das motivações que faziam com que os alunos procurassem o projeto do CRAS ou outro projeto. Dois deles reclamaram que o time do CRAS era ruim e que estavam procurando outro para jogar. Ficou claro na fala destes dois a intenção de estarem no projeto para participar de um time que leva as crianças para campeonatos, de modo a disputar com outros times da cidade. (Trecho das anotações feitas logo após a visita ao CRAS)

Além disso, ao observar que eles se organizavam para jogar a seu modo, perguntamos sobre os espaços onde se ‘jogava bola’ no bairro. Foram apontados alguns campos onde se realizava a prática do futebol, alguns apontados como melhores, outros piores, mas foi enfatizada a qualidade da quadra onde ocorriam as aulas do projeto. Portanto, outro ponto que chamou a atenção foram essas formas de organização encontradas pelos jovens para jogar futebol fora das atividades do projeto. Os que gostam, jogam quase todos os dias em diversos locais, isso ficou bastante claro. (Caderno de Notas, primeira visita ao CRAS Cidade de Águeda).

O trecho acima é a transcrição daquilo que anotei enquanto registro na primeira visita aos PSE. Ainda dentro de uma ideia de realizar “sobrevãos” em torno dos projetos, fui levado pelo Arisson²⁴ ao CRAS (Centro de Referência em Assistência Social) do bairro Cidade de Águeda, onde funcionou um projeto que oferecia a prática de futebol. A ideia era começar a “calibrar” o olhar e forçar as perguntas que moviam a minha problematização, buscando aproximar os acontecimentos destas visitas às temáticas que atravessam minha pesquisa, ao mesmo tempo em que ia tentando estabelecer uma rede de conexões que me levasse à diferentes lugares da cidade, partindo da ideia de uma itinerância.

Na transcrição, nota-se que destaquei dois fatos em minha anotação inicial: as diferenças gritantes da relação da comunidade com as duas instituições (escola e CRAS) e as motivações que levavam os alunos àquele local. Busquei me encontrar com as estratégias elencadas para ativar aquilo que aponto ao longo deste texto enquanto uma prática de condução (pastoral), além do modo pelo qual os sujeitos interpelados por elas se comportavam, apresentando possíveis resistências ou conformações e aceitações. Para tal, persegui ao longo das visitas uma pergunta (a que transcrevo acima já se encaixava nisso):: o que leva os jovens a estarem presentes nas atividades dos PSE? Escutei proponentes (além do momento do grupo de discussão temático, também nas visitas), professores, pais, alunos e até mesmo moradores que estivessem presentes. Foram propostas diversas perguntas

²⁴ Colega de grupo de pesquisa que realiza o doutorado estudando os PSE e realizava à época trabalho de campo.

disparadoras, mas que fizessem o assunto passar pela questão central, que era a fundamentação acerca da importância da implementação dos PSE (do lado das proposições) e os motivos daqueles que frequentam de estarem lá.

A proposta inicial desta pesquisa trazia uma preocupação em dar foco maior àqueles discursos emanados pelos sujeitos interpelados pelas proposições (alunos dos projetos, principalmente), de modo a circunscrever práticas de resistência, contracondutas, linhas de fuga e também as aceitações e conformações em relação às práticas de conduta dos PSE. Porém, como havia comentado anteriormente, reconheço que a pesquisa obteve mais êxito em circunscrever alguns modos de funcionamento específicos destas práticas de sujeição e governo, cujos objetivos foram explicitados durante o texto. O êxito maior desta pesquisa foi se encontrar com situações nas quais este discurso salvacionista, que elenca práticas de condução dos sujeitos, é ativado de forma prática. Penso que aí reside a riqueza e a maior contribuição do trabalho de campo para esta pesquisa: ver de forma microscópica a ativação do discurso salvacionista e o modo particular pelo qual conduz os sujeitos a um comportamento tido como aceitável ou adequado para o “cidadão de bem”.

Perseguindo tais práticas, fui constituindo uma rede de contatos que ajudou a estabelecer comunicação com proponentes de cinco projetos da cidade de Rio Grande-RS, nos quais pude estar presente durante as atividades, observando, flanando de forma itinerante. Frequentei os bairros Cidade de Águeda, Barra, Santa Tereza, Rural e Centro, além de acompanhar atividades destes projetos em locais como a própria FURG, campo do SC Rio Grande, onde aconteceram jogos ou atividades ligadas às iniciativas com que havia estabelecido contato. O contato inicial foi a partir do Arisson, na Cidade de Águeda e, posteriormente, o Everton, também colega de grupo de pesquisa e proponente do projeto Bom de Bola e Bom na Escola, que funciona através da ONG Porto da Vila, coordenada por ele e que tem sua sede no bairro Rural, tendo sido um dos PSE observados. Além dos projetos do CRAS e ONG Porto da Vila, os outros três projetos com os quais estabeleci contato direto foram o SER Lambari (time do bairro Santa Tereza), o Real da Barra e o Semente Olímpica, que funciona no Centro. Todos os projetos tinham como atividade prioritária o futebol, que em determinado momento foi escolhido como recorte e delimitação da pesquisa.

A proposta sempre foi flunar, observar algumas atividades destes projetos, sem uma maior imersão e, a princípio, não realizar intervenções diretas (em termos de proposição de atividades). Observações mais demoradas em alguns casos e menos em outros. Para registrar aquilo que estava buscando, utilizei-me de variadas ferramentas. A primeira delas (que trouxe como exemplo ao início deste capítulo) foi um caderno de notas, que consistiu em fazer uma

descrição bastante livre daquilo que foi observado. Busquei transcrever em palavras algumas de minhas impressões acerca das situações que pude acompanhar enquanto estava presente naqueles espaços. Acontecimentos que foram movendo o meu pensamento, por atravessarem as questões que tenho perseguido na pesquisa e busquei dar maior enfoque. Fica evidente o caráter informal e pessoal da escrita neste caderno, que foi elaborado para que eu mesmo pudesse movimentar a problematização a partir daquilo que atingisse e modificasse meu pensamento em relação aos PSE e sua inserção naquelas comunidades.

Paralelamente aos diários, houve situações que foram entendidas como importantes para a reflexão que vinha sendo realizada, as quais entendemos que deveria ser dado maior destaque e enfoque, de modo que se buscou uma forma de registro mais formal e detalhada. Além de fotografias de espaços, foram realizadas entrevistas pontuais com sujeitos interpelados pelas ações dos PSE: professores, proponentes, pais, alunos, ex-alunos, moradores das comunidades, entre outros. A medida que as conversas iam ficando mais complexas e aprofundadas, entendi que deveria ser feito o registro em áudio para que a transcrição fosse mais detalhada. Somado a isso, reafirmo a importância de artefatos culturais que tragam reflexões que venham ao encontro da problematização. Também os entendendo como dados do nosso mundo, estabeleço insistentemente uma conversa com músicas, fotografias, trechos de jornais, matérias da *internet*, notícias e manchetes de canais de comunicação, filmes, entre outras fontes de informação que temos à disposição na chamada “era da informação”. Munido destes pressupostos e consequentes ferramentas, construí este registro de pesquisa.

3 SALVAR QUEM? DE QUE? SOBRE AS POLÍTICAS QUE VISAM CONDUZIR E PRODUZIR MODOS DE VIVER

3.1 DISPOSITIVOS DE SEGURANÇA E O PAPEL DOS PSE NA REGULAÇÃO DA DIVERSIDADE JUVENIL

Para delimitar e delinear ao que se refere aqui enquanto PSE, destaca-se inicialmente que, nesta pesquisa, o termo social foi assumido pelo fato de ter sido observada sua menção nos dados produzidos acerca dos projetos, sem que tivesse sido estabelecido *a priori*, como critério para o estudo. Os projetos foram assumidos como tal a partir de sua própria identificação em relação ao termo *social*. Contudo, de forma geral, depois de repetidas leituras das propostas e contato direto com o dia a dia de alguns desses projetos, mostrou-se possível apontar algumas características identificadas como comuns à maioria destes projetos, tomadas como recorrências, a fim de caracterizar os PSE mapeados, para que seja possível anunciar que tipo de prática educativa é apresentada neste trabalho.

Os PSE da cidade do Rio Grande, em geral, concentram suas atividades principalmente em bairros da periferia, indicando como seu público-alvo as “crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade ou risco social²⁵”. Além disso, apontam como objetivos a alteração de indicadores de criminalidade, drogadição, delinquência juvenil, ociosidade, evasão escolar, baixa autoestima, dentre muitos outros problemas “sociais” encontrados nos documentos dos PSE analisados. Ilustra-se, a partir das passagens abaixo, a primeira afirmação, referente a uma publicação do Jornal Agora, de Rio Grande, e outras duas correspondentes a dois trechos dos textos de PSE já estudados, parte destas afirmações:

Neste domingo (14), foi lançado no bairro Getúlio Vargas o programa BGV na Paz, lançamento este que faz parte do Circuito de Natal do Município. O programa é um conjunto de políticas públicas baseadas no diálogo entre as ações sociais e policiais para a redução dos índices de violência, criminalidade e vulnerabilidade das pessoas. O bairro foi escolhido devido ao fato de que cerca de 30% do total de homicídios ocorridos no Município estão ligados diretamente ao BGV. "Vamos tentar devolver o direito da comunidade de poder usufruir do espaço público com qualidade, ofertando serviços sociais e possibilidades", disse o superintendente do Gabinete de Gestão Integrada Municipal (GGI-M), Daniel Nascimento. (POLL, 2014).

²⁵ Termo encontrado para definir público-alvo em mais de um projeto, entre eles o Programa Segundo Tempo, do Governo Federal.

“Democratizar o acesso à prática e à cultura do Esporte de forma a promover o desenvolvimento integral de crianças, adolescentes e jovens, como fator de formação da cidadania e melhoria da qualidade de vida, prioritariamente em áreas de vulnerabilidade social”. (Cruz, 2014)²⁶.

“Democratizar o acesso ao esporte educacional de qualidade, como forma de inclusão social, ocupando o tempo ocioso de crianças, adolescentes e jovens em situação de vulnerabilidade social.” (Cruz, 2014).

Na cidade, foram encontrados projetos propostos pelo Estado, mas também pela iniciativa privada e aquilo que se acostumou a nomear como terceiro setor²⁷. Muitos deles, contudo, funcionam a partir de convênios ou recebem apoio de variadas fontes. Um exemplo é o *Centro de Referência Esportiva, do Sport Club Rio Grande (SCRG)*, financiado através de um edital da PETROBRÁS, mas gerido pela FUNSERG (Fundação Sócio Cultural Esportiva do Rio Grande), vinculada ao Sport Club Rio Grande, além de receber apoio de órgãos governamentais, como o COMDICA (Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente). Existem, também, exemplos de projetos que partem das escolas da cidade, como o *Formando Craques*²⁸ e o *Mais Educação*²⁹, nos quais as instituições atuam como parceiras cedendo o material e o espaço físico para iniciativas externas às escolas.

Além disso, existem projetos que partem diretamente dessas escolas, tanto da direção, quanto de iniciativas individuais de professores e que, muitas vezes, constam inclusive no planejamento destas instituições, indicadas como atividades de contraturno. Como recorte delimitador para esta pesquisa, consideram-se os PSE de Rio Grande com as características

²⁶ Trabalho de Conclusão de Curso de graduação em Educação Física – Licenciatura da Universidade Federal do Rio Grande-FURG, mencionado anteriormente. Naquela pesquisa, uma das operações realizadas foi buscar nos documentos formais de três PSE de Rio Grande-RS o que era indicado como metodologia de ensino do esporte. A conclusão, referente a este problema, foi que os três (assim como outros analisados em outros momentos) apontavam na direção de uma manifestação do esporte que se aproximava mais do desporto educacional e de “socialização”, porém sem que houvesse uma maior caracterização de conteúdos ou alguma abordagem pedagógica específica, além de estabelecer poucas relações com os objetivos elencados para os projetos em questão.

²⁷ Uma das definições assumidas nesta pesquisa como contribuição para pensar a questão do terceiro setor está presente em Tachizawa (2007), no livro “Organizações não governamentais e terceiro setor: criação de ONGs e estratégias de atuação”. Cita-se também a contribuição de Huning e Guareschi (2002), que abordam a questão das proposições do terceiro setor enquanto tecnologia de governo, tratando do papel que situação do risco social assume neste espectro.

²⁸ Projeto financiado pela empresa QUIP, responsável pela construção de plataformas petrolíferas no Polo Naval de Rio Grande. Desenvolve atividades com alunos de três escolas da periferia da cidade de Rio Grande, do entorno da região do distrito industrial e Pólo Naval, utilizando o discurso de redução de impacto social das atividades da empresa e retorno à comunidade.

²⁹ “O Programa Mais Educação, criado pela Portaria Interministerial nº 17/2007, aumenta a oferta educativa nas escolas públicas, por meio de atividades optativas que permitem melhorar o ambiente escolar como: acompanhamento pedagógico, meio ambiente, esporte e lazer, direitos humanos, cultura e artes, cultura digital, prevenção e promoção da saúde, educomunicação, educação científica e educação econômica” (BRASIL, 2010).

apontadas e que têm como atividade principal, ou entre as atividades previstas, o esporte e, em especial, o futebol. Em função da maioria dos projetos estudados lançar mão do futebol como meio para perseguir seus objetivos, este também foi eleito como delimitador para a pesquisa.

A abordagem do esporte nos PSE já foi motivo de atenção em outros momentos (CRUZ, 2014) em que se observou, por exemplo, que este é classificado das mais variadas formas nos documentos referentes aos projetos estudados até então, mas aparece de forma mais recorrente como instrumento de socialização e como ferramenta educacional. Por outro lado, uma atitude crítica diante dos discursos explicitados por estas propostas tem se dirigido às possibilidades de se atingir os objetivos “sociais” elencados através das atividades esportivas apontadas, muitas vezes, como solução para modificação dos indicadores mencionados anteriormente. Tal atitude pode ser observada em comentários como o de Thomassim e Stigger (2009), quando afirmam que:

[...] mesmo que acreditemos que o esporte possibilita a vivência de valores para a vida, muitas pesquisas e reflexões têm defendido que não se pode atribuir aos esportes apenas valores positivos ou apenas valores negativos, por que, em primeiro lugar, o esporte se apresentaria de forma heterogênea, isto é, com múltiplos valores ou sentidos a ele associados pelos seus praticantes. Em segundo, a própria noção de positivo e negativo torna-se relativa em cada lógica cultural particular: (...) não se duvida que qualquer experiência esportiva seja educativa, mas educar aqui significa bem mais do que a recepção ou assimilação passiva de supostas virtudes próprias do esporte. São as relações sociais, em cada contexto, que dão significados ao esporte; e não raciocínio contrário, ou seja, de que estes significados estejam, de antemão, imbuídos no esporte, independente do contexto em que ele é praticado. Mas a crença instalada socialmente é de que valores, hábitos e ensinamentos morais, ao serem vivenciados nas atividades dos projetos sociais, podem contribuir para transformar as relações na sociedade, marcadas pelo desrespeito, indiferença e pela violência. O esporte é um objeto prioritário desta estratégia, afinal. (THOMASSIM e STIGGER, 2009, p. 8).

A postura crítica em relação às afirmações sobre os usos do esporte tem acompanhado as reflexões sobre o tema, como forma de problematizar as questões que emergem por seu percurso. Tal postura tem ajudado a pensar o papel que o esporte e, destacadamente o futebol, vem desempenhando como estratégia educativa no contexto dos PSE. Ao observar os discursos e práticas dentro dos PSE que se preocupam com o governo dos outros, dando especial atenção ao público-alvo infantil e juvenil, classificado por diversos indicadores estatísticos como vulnerável ou em situação de risco, tem-se tomado estes projetos enquanto estratégias que visam governar esta parcela da população (HECKTHEUER; SILVA, 2011).

Na esteira das contribuições de Michel Foucault em relação ao poder, pensou-se nos PSE e no futebol como estratégia política que ajuda a compor um intrincado dispositivo de segurança, que se utiliza de uma determinada prática educativa e de uma rede discursiva

bastante específica para atender àquilo que é apontado como urgência na sociedade brasileira contemporânea: a necessidade de lidar com um público rotulado como vulnerável, o jovem da periferia dos centros urbanos, identificado como público-alvo em situação de risco e exposto a níveis elevados de violência e criminalidade. Entende-se que a recorrência do discurso salvacionista a que se dedica atenção nesta pesquisa ajuda a ativar esta função dos PSE na sociedade brasileira e demonstra-se ao longo deste texto a partir de quais conexões são procedidas tais afirmações.

Ao se referir à noção de dispositivo, Foucault afirma que este aparece “[...] em um determinado momento histórico e tem como principal função responder a uma urgência” (FOUCAULT, 1990, p. 244). O mesmo autor define os termos com que trabalha o conceito:

[...] um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais e filantrópicas. Em suma, o dito e o não-dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre estes elementos (FOUCAULT, 1990, p. 244).

Apoiando-se nesta noção, afirma-se que os PSE frequentemente são apontados como resposta à urgência dos altos índices de criminalidade juvenil e outros problemas sociais que envolvem determinado segmento populacional, que utiliza como recurso um discurso que tem tornado indissociável da prática esportiva, valores positivos vistos como possíveis de salvarem os jovens em situação de risco, localizando-os - os PSE - em meio a uma rede de “elementos díspares para isolar um problema específico” (DREYFUS & RABINOW, 1995 p. 134). Trata-se de uma rede que, ao ativar discursos variados, busca justificar intervenções políticas direcionadas a um público específico.

Diversos autores têm se mostrado atentos à implantação de projetos e programas e seus discursos visam à regulação dos modos de vida da juventude. Como exemplo, é possível apontar a obra “instauradora” destes estudos (ZALUAR, 1994), uma das primeiras a tratar do tema no Brasil, ainda na década de 1980, apontando os PSE como meio de garantir direitos que o Estado não se mostrava capaz de suprir.

Ademais, é interessante notar que autores de diversas áreas têm se dedicado a sublinhar os diferentes usos políticos do esporte nestas proposições, como os estudos de Guedes (2006) em relação àquilo que identifica como consensos recorrentes nas propostas, além de uma discussão acerca da presença e do papel exercido por ex-atletas; Vianna e Lovisolo (2009), ao destacarem os indicadores de inclusão social e dos instrumentos de avaliação utilizados; Melo (2005), que realizou um estudo sobre a implantação da Vila Olímpica da Maré, no Rio de Janeiro, e a relação que o projeto estabeleceu com as escolas;

Hüning e Guareschi (2002), ao tratar sobre o conceito de risco social e sua aplicação nos programas sócio-educativos; Hecktheuer e Silva (2010) discutiram a recorrência da noção de vulnerabilidade social nos PSE e o processo de “vulnerabilização” dos jovens indicados como público-alvo. São estes apenas alguns exemplos de abordagens analíticas com os quais se depara ao procurar pesquisas acadêmicas sobre programas e projetos sociais e que se pensa como constituinte, também, desta grande rede que opera em torno destes.

Para trazer exemplos de investimentos teóricos acerca dos PSE de Rio Grande, torna-se interessante mencionar novamente os atravessamentos temáticos aos quais se dedicou o grupo de pesquisa da Rede CEDES³⁰ mencionado anteriormente, entre 2009 e 2011. Trabalhos como os citados, referentes às “manifestações do esporte” presentes nos PSE, os critérios de escolha dos participantes, a questão do gênero nesta delimitação, o papel do terceiro setor na proposição das iniciativas, a recorrência do futebol, entre outros.

Acredita-se que o tratamento dado a essas temáticas - tomadas como linhas de força - tenham ajudado a mapear e compor esta rede na qual se localizam os PSE. De fato, para esta pesquisa, estas linhas de força têm ainda fornecido subsídio para pensar a questão da salvação, uma vez que a produção de dados e os investimentos teóricos mantêm relação com outros resultados já produzidos a partir do banco de dados indicado.

Ainda em meio a esta rede de elementos díspares, relaciona-se diretamente ao tema o trabalho de Damico (2011), que contribui de forma bastante direta para pensar a questão do governo deste público jovem. Ao estudar, em sua tese de doutoramento, a implantação do *Programa Território da Paz*³¹ na cidade de Canoas-RS, Damico chamou a atenção para o fato de ter identificado nos discursos que circulavam em torno da implantação da iniciativa, argumentos que apontavam para a urgência e a necessidade de regulação e governo por parte do Estado de toda uma variedade de formas de vida da juventude, identificando programas como o *Território da Paz* dentro da lógica de funcionamento de dispositivos de segurança.

Acredita-se poder sublinhar como contribuição de seu trabalho também a especificidade das funções atribuídas a programas e projetos como o *Território da Paz* no Brasil, indicando uma lógica diferente na França, onde, ao se deparar com as políticas de segurança advindas do Estado francês no *Grigny Centre*³², apontou para uma forte repressão

³⁰ Centro de Desenvolvimento do Esporte Recreativo e do Lazer – Ministério do Esporte.

³¹ Iniciativa ligada à Política Nacional de Segurança Pública e Cidadania (Pronasci), elaborada e financiada no âmbito do governo federal e efetivada a partir da relação com os municípios parceiros que contratam, avaliam e definem as prioridades e os programas a serem instituídos.

³² A cidade de *Grigny Centre* localiza-se na região metropolitana de Paris (França).

policial do jovem da periferia, advinda de uma política de tolerância zero, a partir, por exemplo, da criminalização de pequenas infrações (como pichações e pequenos roubos) e de uma ampliação do aparato jurídico. Políticas diferentes, portanto, para o problema da segurança e do governo das juventudes, mas que guardam algumas semelhanças quando analisadas amiúde.

Uma delas se refere ao uso político que se faz das políticas de segurança. Em Canoas-RS, Damico demonstra a forma pela qual o *Território da Paz* é destacado em peças publicitárias, assim como aponta discursos advindos do presidente francês Nicolas Sarkozy, destacando as ações policiais contra as “bandas”, grupos de jovens da periferia que se reúnem para cometer vandalismos, pequenos roubos e brigas com outros jovens. Pensar os PSE em meio às políticas de segurança significa estar atento aos discursos de que “é necessário salvar”, uma vez que muito facilmente tais afirmações podem escorregar para aquilo Foucault (2008b, p. 91) aponta como uma “cultura do perigo”. No contexto político atual da sociedade, entende-se que as palavras do autor de que “não há liberalismo sem cultura do perigo” ressoam cada vez mais fortes.

Nesse sentido, parece que também a mídia desempenha papel fundamental na difusão de dados estatísticos e argumentação no sentido de promover o sentimento de insegurança na população, que acaba por clamar pela intervenção do Estado em muitas ocasiões. É possível observar na mídia impressa da cidade de Rio Grande-RS, algumas publicações referentes aos programas e projetos sociais em funcionamento que apontam na direção da necessidade de sua implantação. Como exemplo, para demonstrar os modos pelos quais esse discurso se manifesta no meio jornalístico, aponta-se um dos programas mais mencionados no ano de 2014 no jornal de maior circulação da cidade, o Jornal Agora, que se refere ao *BGV na Paz*, oriundo de uma iniciativa da Secretaria de Segurança do Estado do Rio Grande do Sul para funcionar nos moldes do *Território da Paz*, mencionado anteriormente.

O programa é definido em uma das publicações como “um conjunto de políticas públicas baseadas no diálogo entre as ações sociais e policiais para a redução dos índices de violência, criminalidade e vulnerabilidade das pessoas” (POLL, 2014).

O dia 19 de novembro deverá ficar na história do Rio Grande. Neste dia, juntamente com uma grande programação, incluindo show de hip hop, grafiteagem, festival de atletismo e outras ações sociais, será lançado o programa Território da Paz no bairro Getúlio Vargas. Em dezembro, este projeto já deverá estar com 80% das políticas públicas implantadas. "Vamos entrar para ofertar possibilidades para a vida daquelas pessoas ficar melhor", sintetiza a gestora da Coordenadoria Políticas sobre Drogas, Alisson Saggiomo Juliano. (...) Já foram mapeadas áreas para trabalhar em

parceria, com implantação de projetos sociais. "Temos que entrar para fazer diferença", salienta Alisson. Uma das primeiras ações do Território da Paz, foi fechar parceria com o projeto Semente Olímpica, com 50 vagas para dança e 50 vagas para futebol. "A gente puxa para lá todos os serviços disponíveis, que têm verba para se manter", salienta Alisson. (...)Tem ainda o Programa de Esporte e Lazer na Comunidade (Pelc) que vem com muitos equipamentos e é voltado para a comunidade com mais de 45 anos, com educadores físicos, treinadores e uma equipe voltada a entender a lógica da comunidade. "Este programa vai se construindo à medida que a comunidade for aderindo", explica Alisson. Daniel Nascimento ressalta que "já tem muita coisa sendo feita. A própria polícia tem feito muito" ressalta. (POLL, 2014).

Em geral, as publicações acerca deste programa vêm acompanhadas de dados estatísticos (como os mostrados na tabela abaixo) referentes ao alto índice de homicídios, jovens envolvidos com tráfico de drogas e com o crime de modo geral, além de trazerem frequentemente uma caracterização de um público em “situação de vulnerabilidade social” ou em “situação de risco social”.

Tabela 1 – Tabela demonstrativa de ocorrências registradas na cidade de rio Grande no ano de 2015.

| OCORRÊNCIAS - MUNICÍPIO RIO GRANDE - JAN A NOV/2015 | | | | | | | | | | | | | |
|---|------------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|--------------|
| Qtd Ocorrências | | jan/15 | fev/15 | mar/15 | abr/15 | mai/15 | jun/15 | jul/15 | ago/15 | set/15 | out/15 | nov/15 | 2015 |
| HOMICIDIO DOLOSO | Tentado | 16 | 11 | 12 | 19 | 8 | 7 | 8 | 11 | 12 | 12 | 9 | 125 |
| Qtd Ocorrências | | jan/15 | fev/15 | mar/15 | abr/15 | mai/15 | jun/15 | jul/15 | ago/15 | set/15 | out/15 | nov/15 | 2015 |
| HOMICIDIO DOLOSO | Consumado | 1 | 6 | 2 | 3 | 4 | 4 | 2 | 6 | 0 | 4 | 2 | 34 |
| HOMICIDIO CULPOSO | Consumado | 0 | 0 | 0 | 0 | 1 | 0 | 0 | 0 | 1 | 0 | 0 | 2 |
| HOMICIDIO CULPOSO NA DIRECAO DE VEICULO AUTOMOTOR - ART.302 | Consumado | 0 | 3 | 1 | 1 | 1 | 1 | 0 | 3 | 2 | 1 | 2 | 15 |
| HOMICIDIO DOLOSO NA DIRECAO DE VEICULO AUTOMOTOR | Consumado | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 1 | 0 | 0 | 1 |
| ROUBO COM MORTE LATROCINIO | Consumado | 0 | 1 | 0 | 0 | 0 | 1 | 0 | 1 | 1 | 0 | 0 | 4 |
| ROUBO A PEDESTRE | Consumado | 93 | 176 | 146 | 137 | 140 | 155 | 104 | 106 | 125 | 149 | 170 | 1.501 |
| ROUBO A PEDESTRE COM LESOES | Consumado | 8 | 10 | 5 | 9 | 7 | 7 | 7 | 8 | 6 | 7 | 11 | 85 |
| ROUBO A PEDESTRE ESCOLAR | Consumado | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 1 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 1 |
| ROUBO A PASSAGEIRO TRANSP. COLETIVO E LOTACAO | Consumado | 0 | 1 | 0 | 1 | 0 | 0 | 0 | 0 | 1 | 1 | 0 | 4 |
| ROUBO A TRANSPORTE COLETIVO | Consumado | 24 | 108 | 50 | 41 | 6 | 11 | 17 | 31 | 54 | 36 | 13 | 391 |
| Total | Consumado | 126 | 305 | 204 | 192 | 159 | 180 | 130 | 155 | 191 | 198 | 198 | 2.038 |

Dados até Novembro/2015

FONTE: Sistema Cubos/PROCERGS

Fonte: Sistema Cubos–PROCERGS.

Dentre as diversas ações que envolvem o programa, uma das principais atividades previstas para seu funcionamento é o oferecimento de práticas esportivas para este público, como o Lutando para o Futuro, por exemplo. A caracterização do projeto, a partir de sua fonte documental, ilustra um pouco do que é apontado como função do esporte neste contexto:

[...] foi criado em Janeiro de 2015; a iniciativa se deu quando, durante as aulas que aconteciam no prédio do Sindicato dos Estivadores de Rio Grande, diversas crianças da comunidade carente dos arredores começaram a se postar na entrada da Academia com o intuito de observar e ao mesmo tempo tentar executar o que os atletas faziam no tatame. Assim percebi que através do Esporte havia uma chance de proporcionar para aquelas crianças e jovens uma oportunidade de aumentar seu desenvolvimento humano, educacional, cultural e psicológico e desenvolver uma maior integração social e esportiva. (PROJETO LUTANDO PELO FUTURO, 2015, p. 01).

Localizando em meio a esta rede a ativação de um discurso salvacionista, a pesquisa não é uma análise deste discurso e do modo como este aparece nos documentos e falas a partir dos dados produzidos. Ao contrário, o encara como possível componente deste dispositivo de segurança,- no qual os PSE são vistos, neste estudo, como parte importante - procurando entender que tipo de poder tem buscado exercer e algumas de suas implicações no que se refere à produção de subjetividades.

3.2 VULNERABILIDADE

Anteriormente indicou-se – ainda que de forma muito superficial – a possibilidade de localizar os PSE como importante estratégia de um dispositivo de segurança. É necessário, portanto, apontar de forma mais detalhada a qual urgência histórica tal dispositivo parece vir a responder e o papel central que o discurso salvacionista ocupa nesta rede.

Foi na tarde desta segunda-feira que o secretário da SMTel (Secretaria de Turismo, Esporte e Lazer), Petter Botelho, confirmou que o ginásio poliesportivo do bairro Castelo Branco já está pronto para receber atividades. O local, inaugurado em outubro de 2010, estava interditado desde o começo de 2013. Para esta semana, o titular da pasta disse que uma cerimônia inaugural marcará a reabertura oficial para a comunidade. (...) “Inicialmente, o que teremos de atividades esportivas será o projeto Segundo Tempo, o qual contempla cerca de cem jovens. Também aqui acontecerão ações da Secretaria de Cidadania e Assistência Social e da Secretaria de Saúde”, confirmou Botelho. Para os moradores do bairro, fica a expectativa da reativação do ginásio: “É um lugar maravilhoso e que poderia estar servindo a todos nós. Tenho afilhados e gostaria de ver eles e as outras crianças com atividades orientadas, longe das drogas, como muito se vê aqui. Torço para que volte a funcionar logo”, confessou Adriana Gondran Silva, moradora da Rua G. (AGORA, 2014).

O Bairro Castelo Branco, mencionado na reportagem do *Jornal Agora* colada acima, vem ganhando a atenção do poder público nos últimos anos devido a sua caracterização como perigoso, derivada de um número crescente de delitos como furtos, roubos, tráfico de drogas e homicídios. Assim como acontece no Bairro Getúlio Vargas, diversas políticas voltaram suas ações para aquele local, caracterizando e rotulando os moradores em uma situação de

vulnerabilidade social, fortemente vinculada ao território que habitam. No trecho, destaca-se a ligação direta estabelecida entre o fato de o ginásio não oferecer a possibilidade de fomento à prática esportiva e a possibilidade de uso de narcóticos pelos jovens, inclusive com a indicação de ativação de um núcleo do Programa Segundo Tempo. Neste sentido, é interessante observar a caracterização do público-alvo, realizada em um dos PSE analisados:

4. PARTICIPANTES DO PROJETO

a. Perfil Geográfico

Todas as crianças e adolescentes atendidos pelo projeto moram na periferia da cidade do Rio Grande. São oriundos dos mais diversos núcleos residenciais. As dependências, onde são realizadas as atividades, igualmente está localizada na zona periférica da cidade, ou seja, local de grande concentração de pessoas, visto que apenas um dos bairros limítrofe às dependências da FUNSERG, é considerado um dos mais violentos e de elevado índice de drogadição, o “Parque Marinha”, sendo o mais populosos do município. Nesta área, faltam espaços públicos para a prática do esporte e do lazer, pois as poucas áreas que ainda não foram tomadas, ou invadidas, servem de local de encontro entre os “traficantes” locais e seus consumidores, assim, a área da FUNSERG, com seus 26 hectares, totalmente arborizados, e contando com segurança e infraestrutura, é local adequado para a prática de esportes e lazer, torna-se a grande opção para os jovens da redondeza.

(Projeto Educando Pelo Esporte, vinculado ao Sport Club Rio Grande e à FUNSERG – Fundação Sócio-Cultural Esportiva do Rio Grande).

Está claramente indicado um perigo a que os jovens estão expostos por habitarem este território, sendo necessário, portanto, a “ocupação de seu tempo ocioso”³³, pois do contrário está indicado que o caminho natural para estes seria o envolvimento com o crime. Por que esta relação de antagonismo se torna tão óbvia? Assim como naqueles discursos direcionados ao BGV na Paz, é possível afirmar que uma vez que o jovem pratique esporte não se envolverá com o crime? Acredita-se ser necessário um cuidado e uma atenção muito grande para esta relação estabelecida com tanta naturalidade. Fazer circular a ideia da proximidade destes jovens com caminho do crime não pode acabar tendo efeito contrário do esperado, reforçando a ideia de que já se espera que o jovem do bairro Castelo Branco ou BGV cometa os delitos que se espera evitar? Faz-se uso da obviedade evidenciada nesta ligação e das perguntas e reflexões decorrentes, para denunciar aquilo que se identificou como um discurso salvacionista, demonstrando o modo pelo qual se tem observado nos PSE de Rio Grande, principalmente.

³³ Termo muito recorrente nos documentos analisados, referente aos PSE e suas proposições e objetivos.

“[...] resgatar a integridade e dignidade de crianças e jovens, tornando-os seguros e autônomos, características essenciais para que os afastem de representações como: baixa auto-estima, baixa sociabilidade, baixa-eficiência e dependência, que são fatores de risco para agressividade, uso de drogas e problemas comportamentais”.
(Projeto Formando Craques, empresa QUIP).

“O Projeto tem como objetivo geral contribuir para a democratização do acesso de crianças e adolescentes ao esporte, como estratégia de inclusão social.”
(Programa Segundo Tempo, Governo Federal e Prefeitura Municipal do Rio Grande).

“[...] além de proporcionar uma atividade de preparo para uma vida saudável, minimizar o índice de violência (familiar, escolar, etc.) bastante presente nesta etapa da vida das crianças e adolescentes que não tem apoio e incentivo para melhorar este comportamento, bem como diminuir a evasão escolar, incentivando-os a lutar por um futuro melhor e fazendo o que eles mais gostam.”
(Projeto Bom de Bola e Bom na Escola, ONG Porto da Vila).

Os trechos colados acima são advindos de documentos de alguns dos PSE estudados. São exemplos do que foi apontado anteriormente em relação aos diversos benefícios atribuídos ao esporte. Nota-se um espectro enorme de finalidades que os projetos visam atender a partir do oferecimento da prática esportiva. Ainda que tenham surgido inúmeras vezes ao longo da pesquisa argumentos que dizem que “o esporte está presente só para ajudar nesse sentido”, ou de que “a ideia é inserir a prática esportiva na comunidade para oferecer um caminho, uma oportunidade”³⁴, reafirma-se a necessidade de, no mínimo, pensar que frases formuladas dessa forma são potentes produtoras de sentidos e têm sido cada vez mais utilizadas para embasar e legitimar políticas públicas e a captação de recursos de todas as esferas para a implantação de novas ações envolvendo o esporte.

Editais do Ministério do Esporte, prefeituras, FUNDERGS³⁵, além dos editais e financiamentos diretos de empresas privadas com contrapartida de isenção fiscal, que investem em projetos esportivos³⁶ apresentam em seus critérios de aprovação a necessidade de vinculação do esporte a uma finalidade “social”, podendo ser vinculado, no caso das

³⁴ As citações são advindas de trechos de entrevistas realizadas no Grupo de Trabalho Temático mencionado.

³⁵ A Fundação de Esporte e Lazer do Rio Grande do Sul – Fundergs, criada em 2001, tem como objetivo planejar, coordenar e executar a política de esporte e lazer no RS. É uma fundação voltada ao desenvolvimento do esporte e do lazer, com foco no Esporte Educacional, Esporte de Rendimento e Esporte de Participação. Disponível em: <<http://www.fundergs.rs.gov.br/conteudo/992/conheca-a-fundergs>>. Acesso em: 17.02.2016.

³⁶ Como, por exemplo, os projetos financiados por empresas atuantes no Polo Naval de Rio Grande ou mesmo da PETROBRAS, de economia mista.

entidades privadas, às conhecidas políticas de redução de danos sócio-ambientais. É importante citar também o caso das inúmeras ONG's que, para viabilizar a captação de recursos, utilizam critérios e termos muito semelhantes. Para se adequar aos editais, portanto, surgem os objetivos que temos visto serem apontados, com muita semelhança entre si. Uma recorrência que cada vez mais parece indicar para a configuração de um discurso com conotação salvacionista e assistencialista, utilizado como estratégia de um intrincado dispositivo de segurança, como afirmado anteriormente.

Uma das principais recorrências a ser registrada se refere ao sujeito colocado na situação de “vulnerabilidade social”. A partir da pesquisa e do processo de produção de dados, foi se reafirmando a importância que o termo vem ganhando neste contexto para caracterizar os sujeitos “a serem salvos” pelos PSE e pelo esporte. Nota-se, nos trechos colados acima, a presença do termo vulnerabilidade social algumas vezes e, em outras, alguns adjetivos que buscam caracterizar um público que deve ser incluído socialmente ou até mesmo “resgatado” de uma situação insatisfatória. De todo modo, os termos mais recorrentes observados para uma caracterização do público são os de vulnerabilidade social e em situação de risco social. Ainda que não haja em todas as propostas os indicadores que definem critérios para estabelecer tecnicamente a situação de vulnerabilidade social, este termo é empregado em muitos dos projetos sociais e ajudam a dar pistas para responder à pergunta colocada no título deste capítulo: salvar quem?

Apesar de ser utilizado em diversas áreas para definir situações e perigos diferentes, o termo vulnerabilidade social tem conotação de cálculo probabilístico em relação ao perigo a que um determinado público está exposto. É possível encontrar a utilização do termo em relação ao risco de contração de doenças ou risco geográfico relativo ao ambiente em que se vive, por exemplo. Contudo, constata-se nos PSE de Rio Grande que o uso mais recorrente tem se referido a uma situação na qual o indivíduo está classificado (principalmente a partir do local onde mora) como predisposto a seguir condutas indesejáveis, uma vez exposto a perigos advindos da falta de garantia de alguns direitos básicos como educação, saúde, segurança, saneamento, entre outros. Ainda, cabe ressaltar a relação recorrente entre o termo vulnerabilidade e de inclusão social, que pôde ser observada a partir do estudo dos documentos relativos os PSE de Rio Grande presente no banco de dados.

Há que se considerar o fato de que, em Rio Grande, principalmente nos últimos dois anos, as taxas de homicídios, assaltos e criminalidade em geral tiveram um aumento significativo, apontado frequentemente como reflexo da falta de planejamento diante da anunciada expansão econômica que a cidade atravessava. Dentre os infratores identificados,

considerável parcela se enquadra na definição de vulnerável, conforme aquilo que tem sido associado a este termo. Somado a isso, segundo estudos de Hecktheuer (2012), é possível apontar na cidade uma proliferação de PSE com a intenção de atender a esta parcela da população apontada como vulnerável. Entre eles, existem diversos projetos com os objetivos transcritos anteriormente, diretamente ligados e preocupados com os índices de criminalidade constatados na cidade³⁷.

Hecktheuer, Silva e Silva (2009) chamam a atenção para a possibilidade de um processo de “vulnerabilização” dos sujeitos envolvidos nos PSE. Por vulnerabilização entende-se um processo que, a partir de determinados indicadores estatísticos, realiza um cálculo probabilístico (às vezes pouco criterioso, muitas vezes não existem nem indicadores muito claros e/ou confiáveis) para determinar quem são os sujeitos que podem vir a cometer algum delito no futuro, caso não haja investimento “doutrinador” em sua direção. Quase como no filme *Minority Report*³⁸, de Steven Spielberg, tenta-se evitar o crime antes que ele seja cometido. O menor é apontado como um marginal, um criminoso em potencial. Vê-se que os discursos favoráveis ao esporte nos PSE têm sido na direção de oferecer a prática esportiva como “doutrinadora” ou “moralizadora” para a juventude, presente, por exemplo, numa das falas mais escutadas durante a pesquisa, de que “se o jovem está praticando esporte não está na esquina ou na rua pensando bobagem”.

Como se demonstra, o discurso salvacionista trata de determinar o sujeito excluído a partir de certos critérios (primeiro se exclui o sujeito), para depois apresentar um discurso de “inclusão social”, indicando qual comportamento deve ser seguido para se estar incluído na sociedade. Atenta-se para o fato de que existe uma promessa de “resgate” desses jovens de uma situação indesejável, uma vez que os PSE recorrem a esse discurso da inclusão para justificar e legitimar suas ações em direção deste público-alvo caracterizado, apontando para diversas características no sentido de uma salvação destes indivíduos³⁹. A citação abaixo é um

³⁷ Até o dia 12/11/2014 foram registrados 52 homicídios na cidade de Rio Grande, no ano de 2014.

³⁸ O filme de 2002 é uma ficção científica, com roteiro baseado no conto homônimo de Phillip K. Dick. O filme se passa em Washington no ano de 2054. A divisão pré-crime conseguiu acabar com os assassinatos, nesse setor da polícia o futuro é visualizado antecipadamente por paranormais, os *precogs*, e o culpado é punido antes que o crime seja cometido.

³⁹ Uma salvação que, conforme aponta Foucault (1995), é deste mundo. Entende-se a salvação neste contexto como um processo de condução, a partir de práticas educativas, para o jogo neoliberal do consumo de bens materiais, de uma busca por estabilidade financeira, *status* social, etc. Nesta lógica, a inclusão se torna princípio fundamental do neoliberalismo, ao buscar não excluir nenhum indivíduo do jogo, utilizando para isto recursos como a produção de um desejo coletivo pelo princípio de inclusão. Se já não se salva almas para outra vida, salva-se para produzir sujeitos alinhados àquilo que são características próprias do modelo ideal do sujeito neoliberal, tema que será abordado em outro ponto desta dissertação e que se considera ter grande importância para pensar a questão da produção dos modos de vida no âmbito dos PSE, mas também de outras práticas educativas de modo geral.

trecho do caderno de notas da segunda visita que realizei em um dos projetos, uma escolinha de futebol, iniciativa de um morador da comunidade:

Fiquei por volta de meia hora conversando com o morador sobre o projeto e sobre o funcionamento e vi que havia uma entrega muito grande da parte dele no projeto. Perguntei qual era pra ele a principal importância do projeto e como ele estava envolvido com a comunidade. Ele comentou que considera que o bairro já não é mais seguro como costumava ser e que o tráfico, por exemplo, passa a ser um problema. Quando falava sobre isso contou a história de um dos guris que freqüentava o projeto e que segundo ele era muito bom de bola, mas que, segundo ele, “vivía em um meio complicado”. Ele contou que o pai era dono de boca de fumo no bairro e que depois de preso o negócio ficou com o irmão mais velho e com ele. Quando o negócio exigiu que o guri se envolvesse mais a fundo ele foi junto em um acerto de contas onde mataram um outro jovem e ele acabou sendo encaminhado pra FASE, pelo que me recordo. (Trecho do Caderno de Notas, segunda visita ao Real da Barra).

Vê-se que os PSE têm sido apontados como política a ser adotada de forma muito recorrente (não só no projeto exemplificado, mas em quase todos os outros visitados) como resposta exatamente a esse problema que está colocado: da segurança. A partir daí, acredita-se ser possível indicar que o público-alvo é principalmente composto de jovens de periferia da cidade do Rio Grande, classificados em situação de vulnerabilidade social, considerando os indicadores apontados.

Dean (1999) realiza uma diferenciação de dois grupos diversos quando se trata de políticas de gestão populacional, o público-alvo e os cidadãos-ativos. O autor define que os primeiros se caracterizam como um grupo de risco, de alto risco, que necessitam de uma contínua condução, segundo as diversas iniciativas que objetivam geri-los. Já os cidadãos-ativos caracterizariam um grupo capaz de gerir seus próprios riscos, internos e externos. Tal ideia torna-se bastante produtiva para pensar esse processo de vulnerabilização que rotula, adjetiva, caracteriza, classifica e produz a exclusão desses sujeitos, para buscar a partir de determinadas políticas moldá-lo e produzi-lo de acordo com a ideia que se tem do que seja a “cidadania”, palavra que muito recorrente durante o trato com os dados da pesquisa. O que seria essa cidadania? Que significado carrega consigo dentro dessas políticas? Quem é considerado o bom cidadão? O que seria, dentro desta lógica, o cidadão-ativo? Por que é interessante a produção de um cidadão-ativo, nestes termos?

Estes discursos têm constituído isto que se chama neste trabalho de discurso salvacionista, que tem ativado o esporte como meio privilegiado para salvar os vulneráveis da situação de risco social, entre outras formas de vida. Caracteriza-se, deste modo, uma estratégia de segurança que utiliza o discurso da inclusão social e que é assumida como política pública, uma vez que tal discurso tem se alastrado nos mais diversos meios de

comunicação e, inclusive, entre muitos profissionais da área da Educação Física, esporte e lazer, como também da saúde, assistência social, segurança pública, entre outros setores preocupados com a questão. Isto acaba levando órgãos de gestão estatais a se apropriarem de tais discursos, reverberando-os como verdade do nosso tempo.

3.3 O PROCESSO DE VULNERABILIZAÇÃO E PRODUÇÃO DO SUJEITO NEOLIBERAL

Tecer a crítica de um discurso, aqui significa desconfiar do *status* de unanimidade, de verdade absoluta que paira ao seu redor, como uma névoa que imobiliza pela dificuldade de enxergar. Torna-se difícil movimentar-se onde há pouca ou nenhuma visibilidade de algo exterior. Pode ser muito fácil assumir uma posição de mais um ponto de multiplicação de discursos pacificados e muito solidificados no campo da educação atualmente, como, por exemplo, o da inclusão. Acredita-se ser mais produtivo tentar desvencilhar-se dessa névoa e tentar se permitir pensar diferente, tentar problematizar. Agregar aos discursos pacificados e aceitos com naturalidade, elementos que perturbem, que subvertam e que incomodem a ordem estabelecida. Permitir pensar que aquilo que é tão óbvio em nosso tempo nem sempre foi assim, e que as coisas podem ser diferentes daquilo que atualmente são. Pensa-se que a função da crítica seja, corroborando com Michel Foucault, a atitude de desconfiar daquilo que é tido como a verdade pacificada em uma determinada época, de tornar problema e analisar determinada verdade em relação à rede de discursos e práticas em que está localizada. Nesse sentido, Foucault afirma que:

[...] sobretudo, vê-se que o foco da crítica é essencialmente o feixe de relações que amarra um ao outro, ou um a dois outros, o poder, a verdade e o sujeito. E se a governamentalização é mesmo esse movimento pelo qual se tratasse na realidade mesma de uma prática social de sujeitar os indivíduos por mecanismos de poder que reclamam de uma verdade, pois bem, eu diria que a crítica é o movimento pelo qual o sujeito se dá o direito de interrogar a verdade sobre seus efeitos de poder e o poder sobre seus discursos de verdade; pois bem, a crítica será a arte da inservidão voluntária, aquela da indocilidade refletida. A crítica teria essencialmente por função a desassujeitamento no jogo do que se poderia chamar, em uma palavra, a política da verdade. (FOUCAULT, 2010, p. 5).

A crítica – muito próxima da problematização, neste sentido – assume uma função de desassujeitamento. Clama pelo direito de pensar e de poder pensar diferente. Nesta perspectiva, considera-se produtivo, por exemplo, pensar que a inclusão – discurso tão forte em toda e qualquer política pública na área educacional – possa ser um potente agente de

exclusão. Particularmente nesta pesquisa, foi exercício extremamente produtivo quando relacionado ao discurso salvacionista de que trata esta dissertação.

Assim, incluir pode ser tomado em termos de salvação? Mas, incluir quem? Para quê? Como? Perguntar como atitude, para tentar pensar diferente, por exemplo, daqueles que pensam que fazer tais perguntas em relação à exclusão e ao discurso da salvação através do esporte, de forma mais geral, é “complicar demais”, é “ver problema onde não existe”, mas, também, perturbar as formas como organizamos nosso próprio pensamento. Michel Foucault é conhecido por sua capacidade ímpar de subversão de verdades estabelecidas e tidas como hegemônicas e, a partir de suas contribuições, Veiga-Neto (2001) tem buscado subverter e desmontar alguns discursos e práticas recorrentes da área da Educação. Em relação a este paradoxo que envolve os processos de inclusão-exclusão, o autor tem ajudado a pensar como operam tais mecanismos na instituição escolar, através de um discurso do qual não se pode ousar contrapor, duvidar ou criticar. Discurso este que opera no sentido de classificar (até mesmo em termos de uma taxonomia) sujeitos em relação a uma escala de “normalidade”, baseada principalmente em padrões estatísticos. Veiga-Neto demonstra como a maquinaria escolar⁴⁰ visa “fabricar” sujeitos comportados de modo a não alterar a ordem social estabelecida por meio de processos de normalização, que têm no discurso da inclusão um de seus operadores mais fortes e potentes.

Da mesma forma que se pode olhar para esses processos de escolarização como produtores de modos de vida, é interessante e relevante observar de que forma os PSE podem operar também neste sentido. Como são construídos processos de subjetivação nos projetos sociais esportivos, estes espaços de práticas educativas que cada vez mais têm se proliferado e ganhado legitimidade. São iniciativas que, assim como a escola, estão coladas a determinado projeto de sociedade e, a partir de suas atividades, passam a moldar os sujeitos que capturam. Contudo, dizem respeito aos projetos de sociedade de determinada ONG ou, então, determinada empresa que financia o programa-projeto.

Desta forma, levam-se adiante tais perguntas: Incluir quem? Para quê? Devido ao recorte delimitador desta pesquisa, deter-se-á ao sujeito que deve ser incluído no PSE, cujas características foram, de uma forma geral, apontadas a partir dos excertos dos documentos e das recorrências encontradas. Em relação à estatística, são sujeitos que se encontram em uma situação que não é socialmente aceitável e que devem ser enquadrados e educados para que se submetam à ordem social vigente, que os enxerga como potencial perigo para a manutenção

⁴⁰ Sobre o termo, ver em: VARELA, Julia. ALVAREZ-URIA, Fernando. **A maquinaria escolar**. Teoria & Educação. Porto Alegre, nº 6, 1992. pp. 225-246.

de um modo de vida específico, ao qual eles devem ser incluídos. Contudo, o paradoxo que Veiga-Neto aponta está aí: para definir que determinados sujeitos devam ser incluídos, são produzidos os saberes que definem quem são os excluídos. Eles não são excluídos *a priori*; sua exclusão é determinada por quem deseja inclui-los. Seu modo de vida é diferente, portanto, inaceitável. Daí todo um aparato de governo que buscará colonizá-los culturalmente (embora muitas vezes utilize discurso contrário, da afirmação da cultura local), procurando minimizar essa diferença difícil de controlar. Logo, a homogeneização é vista como a solução.

O fato de discordar da pacificação⁴¹ desta ideia é justificado a partir da pergunta: incluir para quê? Homogeneizar comportamentos, modos de vida, ainda que seja com a justificativa de se tratar de uma política para a gestão da vida, já se mostrou – paradoxalmente – extremamente perigoso em mais de uma ocasião, como mostra a história⁴². “Monocultura é a maior seqüela”, diz a música⁴³ do *Planet Hemp*, ao criticar o quase “imperialismo cultural” observado na década de 1990 (e que podemos acompanhar de forma ainda mais acentuada atualmente), que se acredita ir ao encontro da ideia de incluir e moldar os sujeitos à lógica governamental neoliberal a partir do modelo americano⁴⁴. Novamente, recorre-se aos documentos, o que está colocado nas propostas de PSE que se teve contato é que se deve incluir para salvar. O modo de vida do outro é apontado como perigoso não somente para a ordem social, mas sim para o sujeito que deve ter sua vida mudada. Daí o discurso que

⁴¹ Acredita-se aqui ser perigosa a pacificação, seja de que conceito for. Corroborando com a ideia presente na música “Minha Alma” (A paz que eu não quero), do grupo O Rappa, defende-se aqui que, muitas vezes, uma “paz sem voz, não é paz; é medo”.

⁴² Ao tratar do tema da pastoral, Foucault exemplifica a relação de cuidado na relação pastor-ovelha, indicando os discursos proferidos em relação à proteção do rebanho contra os eventuais predadores. Quantas guerras (com suas lamentáveis consequências) já foram e continuam sendo travadas em nome da proteção de um povo, ou ainda, do modo de vida de um povo em detrimento de outros. Acredita-se que o nazismo ilustre muito bem este ponto de vista, apesar de considerar produtivo pensar o quanto esta lógica encontra-se muito presente nos discursos que cercam e buscar legitimar as invasões americanas no Oriente Médio, atualmente.

⁴³ Na música *Raprockandrollpsicodeliahardcoreragga*, do grupo musical *Planet Hemp*, famoso no Brasil por sua mistura de estilos musicais e pela forte crítica social, a crítica a esse imperialismo cultural (principalmente da música americana no Brasil dos anos de 1990), argumenta em favor do uso das referências musicais estrangeiras, mas no sentido de dar uma “cara brasileira” à arte, contra o “controle total” e homogeneização imposta pela cultura pop, de forma geral.

⁴⁴ Castro-Gómez aponta o modelo neoliberal americano como uma radicalização do ordoliberalismo alemão, modelo que ganhou força na Europa pós-Segunda Guerra. O ordoliberalismo, com uma tendência liberal, mas com a manutenção da provisão de alguns serviços básicos e da interferência (ainda que pequena) do Estado na economia. No modelo norte-americano, a ideia é de um Estado mínimo, que radicalize o liberalismo, pautado pela concorrência e a livre iniciativa, a ponto da interferência do Estado ser mínima, deixando com que até mesmo serviços como o de saúde e educação fiquem à mercê do mercado. O autor se dedica a uma explanação mais aprofundada em CASTRO-GÓMEZ, Santiago. **Historia de la gubernamentalidad**. Razón de Estado, liberalismo y neoliberalismo en Michel Foucault. Bogotá: Siglo del Hombre Editores / Pontificia Universidad Javeriana, Instituto Pensar, 2010. 276 pp.

identifica e rotula o jovem da periferia como vulnerável, como ocioso, em situação de risco, como potencial criminoso, como potencial usuário de drogas e por aí seguem as diferentes classificações.

Salvar para quê? Ainda em relação a esta pergunta, acredita-se haver necessidade de atenção em mais uma questão que se considera importante, para sublinhar e pensar sobre o modo pelo qual as propostas têm buscado responder a esta problemática. Trata-se, além de minimizar o perigo que o jovem infrator pode vir a produzir, direcioná-lo para o jogo neoliberal do consumo, em que se deve colocar em uma lógica de eterna concorrência e desenvolver a capacidade de competir. Uma população em situação de vulnerabilidade social tem pouca ou nenhuma capacidade de consumir e fazer a roda do capital rodar. Tem-se pensado como produtivo, por exemplo, observar em textos e propostas educacionais um vocabulário que remete à capacidade empreendedora e de empresariamento do eu.

Neste sentido, como aponta Veiga-Neto (2000), a competição é estimulada a ponto de se tornar característica básica para sobrevivência no mundo atual, onde até mesmo o Estado encontra-se empresariado e pautado por uma lógica mercadológica. Em relação ao esporte, as leituras e os estudos já realizados levam a crer que se caracteriza (inclusive em meio às propostas dos PSE) como um meio muito profícuo para reverberação destes discursos e afirmação deste sujeito ideal. Desta forma, considerando seu direcionamento a uma parcela da população com baixo poder aquisitivo, o esporte tem se mostrado uma atraente ferramenta para tentar moldar estes sujeitos, aproximando-os da lógica concorrencial neoliberal.

Destaca-se o quanto este discurso da inclusão mantém relações com o discurso salvacionista apontado. Conforme aponta Mayer (2004), as bases teóricas dos discursos vinculados a autores clássicos da pedagogia (Paulo Freire, principalmente) se aproximam de uma tradição filosófica humanista, em que o homem é pensado como sujeito transcendental, sendo a educação o caminho para se chegar ao ideal produzido do homem moderno, seja ele qual for. Uma educação messiânica que, a partir de um discurso social demagógico, trata de desqualificar modos de vida com o pretexto de salvar. A crítica é realizada aqui, corroborando com Mayer, de que a salvação anunciada não se refere, (como já foi em outro momento histórico, quando atrelada à pastoral cristã) a outro mundo. Trata-se de salvar para destruir modos de vida considerados perigosos e produzir outros, muito mais aceitos, e que, conforme apontam Lunardi-Lazzarin e Hermes (2013), são referentes a uma possível condução desse sujeito aos jogos do consumo e da competição no mercado, em um contexto neoliberal. Trata-se da transformação do público-alvo, que é classificado em uma faixa de risco – enxergado como incapaz de fazer suas próprias escolhas e se autogovernar – em um cidadão ativo, capaz

de se autogerir, ser empresário de si e, dessa forma, seguir repetindo os discursos produzidos no sentido de reproduzir esta lógica por todo o tecido social.

Mostra-se importante para o professor pensar em qual tem sido o papel de sua categoria dentro desta lógica e, mais especificamente, o professor de Educação Física. Como a Educação Física e seus conteúdos vêm sendo usados politicamente ao longo da história? Como o são na contemporaneidade? A importância de trazer constantemente tais perguntas é fundamental no que se refere à formação de professores, o que torna as perguntas aqui levantadas e este empreendimento de pesquisa, no mínimo, relevantes e interessantes para a área da educação. Ao observar os PSE durante as pesquisas, passou-se a problematizar o papel do professor de Educação Física nestes espaços, de modo a não corroborar com a formação de professores reprodutores dos discursos prontos a circular como, por exemplo, o de salvação do vulnerável, da inclusão social, do enaltecimento do esporte como ferramenta educativa *a priori*, etc. Tais discursos têm intenções, obedecem a interesses de políticas.

O que deu início à problematização foi a decisão de atentar para a produção de subjetividades. Como a Educação Física tem ajudado a moldar modos de vida em nossa sociedade? Acredita-se aqui que a educação física escolar cumpre papel importante na produção do sujeito neoliberal, mas tendo os PSE como recorte, vê-se que é possível afirmar que estas iniciativas têm desempenhado função importante neste sentido também e devem ser objeto de atenção das pesquisas dos profissionais desta área.

Neste ponto é que a pesquisa se encontra com os discursos favoráveis ao esporte. Para que não haja a famosa confusão de que a Educação Física diz respeito somente ao fenômeno esportivo, destaca-se que o enfoque ao esporte, em um movimento genealógico⁴⁵, de perseguição dos discursos de enaltecimento deste enquanto estratégia educativa, estava fortemente atrelado à área da Educação Física, tendo esta perseguição se encontrado, na maioria das vezes, com discursos que circulavam no meio acadêmico brasileiro vinculado à Educação Física, de alguma forma. Contudo, a confusão que atrela como conteúdo da área os esportes, vem de um momento político onde era favorável tal vinculação, assim como em outros momentos a Educação Física já atendeu a interesses políticos diferenciados.

O que se busca mostrar a seguir é como a Educação Física veio, ao longo de alguns momentos históricos, atendendo a interesses diferenciados, para então ter uma visão um pouco mais ampliada acerca dos interesses a que atende atualmente. Ao voltar o olhar para o objeto central desta pesquisa – o discurso de salvação através do esporte nos PSE – foram

⁴⁵ Foi realizada uma operação de cunho genealógico, tendo em vista um movimento de pesquisa que levasse em conta a necessidade de atenção para a já mencionada história das problematizações enquanto atitude.

manuseadas diversas fontes de informações que, em sua maioria, atravessam de alguma maneira a Educação Física. Neste sentido, muito do discurso implicado com esta área do conhecimento possibilita a demonstração da relação entre esporte e salvação.

4 O QUE PODE O ESPORTE?

Dentro da discussão colocada anteriormente, que papel tem sido atribuído ao esporte? Como este papel tem atravessado a Educação Física, visto que o esporte é um de seus conteúdos? Como foi possível atribuir tais funções ao esporte e à Educação Física? Demonstrar-se-á um pouco do esforço de perseguição genealógica destes discursos que atribuem função educativa positiva ao esporte no âmbito de iniciativas como os PSE.

Art. 3º O desporto⁴⁶ pode ser reconhecido em qualquer das seguintes manifestações: I - desporto educacional, praticado nos sistemas de ensino e em formas assistemáticas de educação, evitando-se a seletividade, a hipercompetitividade de seus praticantes, com a finalidade de alcançar o desenvolvimento integral do indivíduo e a sua formação para o exercício da cidadania e a prática do lazer; II - desporto de participação, de modo voluntário, compreendendo as modalidades desportivas praticadas com a finalidade de contribuir para a integração dos praticantes na plenitude da vida social, na promoção da saúde e educação e na preservação do meio ambiente; III - desporto de rendimento, praticado segundo normas gerais desta Lei e regras de prática desportiva, nacionais e internacionais, com a finalidade de obter resultados e integrar pessoas e comunidades do País e estas com as de outras nações (Lei Nº 9.615, de 24\03\1998).

A citação acima se refere a um trecho de lei que busca classificar, de acordo com os critérios anunciados como correspondentes, as diversas manifestações do esporte. Tal fragmento de lei foi encontrado no documento correspondente ao Programa Segundo Tempo, em sua proposta geral (Ministério do Esporte, Governo Federal), para tentar apontar o modo pelo qual o esporte deve ser trabalhado nas atividades do Programa, seguidos da indicação da opção deste programa pelo desporto educacional e de participação. Fora essas classificações, formas de manifestação como o desporto bricolado e de lazer aparecem em documentos de propostas como do Segundo Tempo e até mesmo na lei mencionada acima, mas são demonstradas como exemplos de perspectivas e classificações possíveis. Já os termos “esporte educacional” e “esporte de participação” apareceram também nos outros documentos referentes aos PSE já analisados em pesquisas anteriores, sendo possível ainda apontar seu aparecimento recorrente nas entrevistas com os proponentes das quais se lançou mão, quando

⁴⁶ “A palavra desporto tem origem francesa, *deport*, significando prazer, descanso, esparecimento, recreio. Na incorporação do termo, no entanto, os ingleses atribuíram-lhe modificações, acrescentando o sentido de um uso atlético submetido a regras, dando-lhe a definição de *sport*. Posteriormente, o vocábulo inglês foi aporuguesado como esporte, entretanto os quinhentistas de Portugal faziam uso e empregavam o termo desporto em seus escritos. Também se encontra a palavra desporto nos artigos das primeiras Constituições brasileiras. Há registros de que a terminologia desporto no Brasil é um arcaísmo revivido por Coelho Neto, amante de neologismos, quando da criação da Confederação Brasileira de Desportos. Em adição, pode-se incluir o estudo etimológico que aponta para o francês *deport* e para o antigo castelhano *depuerto* como derivados do latim *deportare*, ou seja, divertir-se, regozijar-se. A versão espanhola do termo, *deporte*, define-o como recreação, passatempo, prazer, exercício físico geralmente praticado ao ar livre, individualmente ou em grupos, com o fim de superar marcas ou adversários, sempre com sujeição às regras.” (GONZÁLEZ; FENSTERSEIFER, 2005).

indagados acerca da manifestação⁴⁷ e metodologia de ensino de esporte escolhida para o PSE em questão.

Na presente pesquisa, ao voltar o olhar para os discursos e práticas dos PSE, não se buscou verificar sua eficiência ou outra coisa semelhante. Perguntas disparadoras como as colocadas continuam muito presentes e vêm ajudando no sentido de fornecer pistas para pensar as questões desta pesquisa, referentes à salvação. Vale retomar a constatação daquilo que se acredita ser uma grande variedade de abordagens em relação ao modo com que se trabalha a prática esportiva nestes espaços educacionais, que não possuem o *status* institucional atribuído à escola, por exemplo. Por se caracterizarem como um âmbito de práticas educativas alternativa à instituição escolar, não existem diretrizes claras e objetivas que possam delinear um planejamento ou que deixe minimamente subentendido aquilo que deve ser ensinado como conteúdo. Tratam-se de iniciativas que, em um primeiro momento, podem ser entendidas como informais ou não-formais.

Contudo, a partir das contribuições teóricas e daquilo que se tem visto através das análises empreendidas até aqui, pensa-se em outra direção. Direção esta que aponta para programas e projetos como os PSE de Rio Grande, como uma reconfiguração da Educação da forma que se conhece. Diz-se isto pensando no contexto de “crise” da escola que é reafirmado constantemente no meio acadêmico e da necessidade desta de se adaptar ao modo de governo neoliberal. Em uma sociedade na qual as instituições tradicionais já não possuem o mesmo poder disciplinar que exerciam em outros tempos, é necessária uma adaptação da escola para que determinados valores e a produção de saberes vistos como fundamentais continuem a ser reproduzidos. Vê-se que estes programas e projetos se caracterizam como alternativa à educação formal tradicional e como forma de reconfigurar os espaços educativos para continuar a formar o projeto de cidadão moderno neoliberal. Não mais um ensino pautado por mecanismos disciplinares, mas por mecanismos de controle (VEIGA-NETO, 2008).

Neste contexto, levando em conta esta reconfiguração das práticas de ensinar e aprender, formulou-se a pergunta colocada no título desta seção: O que pode o esporte?

Com esta pesquisa acredita-se ter sido possível, em alguma medida, indicar o que se observa como algumas possibilidades de trato com o esporte, além de fornecer pistas para pensar a questão da salvação colada à prática esportiva. Contudo, de forma geral, o que foi constatado nos documentos dos projetos já analisados não é uma dúvida em relação ao papel

⁴⁷ A pergunta foi feita utilizando as nomenclaturas mencionadas na lei, além de outras elencadas por autores da área e ainda outras que apareceram ao longo das análises dos documentos que serviram como fonte empírica para a produção de dados nas pesquisas anteriores ligadas ao projeto da rede CEDES mencionado (2010-2011).

que o esporte pode desempenhar na direção do cumprimento dos objetivos elencados (de cumprir com a promessa de salvação), mas sim uma certeza de que é uma prática transformadora, disciplinadora por excelência. Portanto, a questão operadora, aqui, visa gerar essa dúvida e problematizar a forma simplista pela qual o esporte tem sido abordado, como veículo de salvação de uma determinada parcela da população em situação de risco, visando incluí-la a partir de um remodelamento de sua forma de viver. De modo a contribuir para a discussão proposta, assumir uma dúvida em relação à questão implicou, em um primeiro momento, indicar uma operação que demonstre que nem sempre a salvação e esporte estiveram tão juntos, para insistir na ideia de poder pensar diferente do instituído e pacificado. A tese de que o esporte salva foi, em algum momento, inventada. Assim, formula-se a segunda pergunta, que coloca em funcionamento este movimento proposto de problematização: de que forma o esporte passou a ser visto como veículo de salvação?

4.1 OS MOVIMENTOS GINÁSTICOS, O ESPORTE E A INTRODUÇÃO DA EDUCAÇÃO FÍSICA NO BRASIL

O esporte tem sido frequentemente apontado como ferramenta que possui função social dentro dos PSE no Brasil. É recorrente nas proposições um discurso que afirma as qualidades do esporte enquanto ferramenta educacional, exaltando características consideradas positivas como a disciplina, estímulo à liderança, necessidade de trabalho em grupo, busca pelo aprimoramento, abnegação, obediência, entre muitos outros. Existe um esforço de afirmação dos PSE enquanto política, que aponta para o esporte como prática pedagógica por excelência, que teria a capacidade de transmitir os princípios e valores positivos mencionados. Além disso, é recorrente o enaltecimento da suposta capacidade de produzir sujeitos alinhados às regras impostas para a sociedade atual, conforme aborda Bracht (1986), que ao tratar do tema, esboça já em seu título a postura crítica em relação à função política do esporte: “*A criança que pratica esporte respeita as regras do jogo... capitalista*”. A proposta aqui é justamente levantar a dúvida em relação a ideias como esta, para problematizá-las e tentar localizar alguns dos interesses aos quais a reverberação de tais discursos tem atendido.

Uma primeira conclusão de uma pesquisa bibliográfica realizada em torno do tema é de que pouco se fala, ao longo da história, de valores que seriam negativos no esporte ou então de discursos que vão em corrente contrária ao movimento de afirmação do esporte enquanto ferramenta educacional por excelência. Apesar de saber da existência de

movimentos de resistência aos discursos vigentes⁴⁸, de uma forma geral, as proposições observadas nos documentos analisados tratam de exaltar as “positividades” do esporte. Sua prática é vista como “meio privilegiado” para a difusão de valores considerados importantes, de modo que “prepara para a vida, que também é jogo e competição” (BRASIL, 1966).

Tais termos localizados entre aspas no parágrafo anterior se mostraram presentes em diversos documentos analisados. No caso específico do trecho transcrito, trata-se da proposição do Método Esportivo Generalizado, proposto no Brasil pelo professor Auguste Listello (1958) a partir da década de 1960, com forte influência do método implantado no Instituto Nacional de Esportes de França. A partir deste momento histórico, passam a ser observadas proposições mais diretas em relação à criação de políticas públicas para a difusão do esporte como meio educacional. Contudo, acredita-se importante demonstrar algumas influências anteriores que deram força para que este movimento de “esportivização” da Educação Física, com a exaltação do esporte como ferramenta educacional ganhasse força. Esta esportivização e o já mencionado movimento de exaltação do esporte como ferramenta educacional é colocado aqui em cheque, como problema para o pensamento. A ideia foi perseguir, a partir das fontes bibliográficas, discursos que se assemelham a essa exaltação do esporte “positivo” educacional, para demonstrar que este discurso nem sempre esteve presente, além de buscar algumas proveniências da vinculação do esporte a um discurso salvacionista, que atribui à educação e à pedagogização das práticas um objetivo de incluir os sujeitos na sociedade capitalista neoliberal contemporânea, de modo que aprendam a competir e sobreviver em um modo de vida pautado pela lógica empresarial.

Para buscar contemplar uma abordagem histórica dos usos políticos e educacionais do esporte, tornou-se muito difícil realizar uma pesquisa referente ao esporte de forma separada da história da própria Educação Física. Esta disciplina, a partir do século XIX, com a popularização do ensino público, assumiu papel político dentro de uma razão de Estado, com uma função principal de adestramento corporal da população a partir de princípios militares, preocupação higiênica e eugênica, além de discursos preocupados com a saúde em geral da

⁴⁸ O artigo de Bracht (1986) é um exemplo, mas principalmente a partir da década de 1980, num movimento de resistência ao modelo de governo imposto pela ditadura militar e em um contexto de redemocratização, a vertente crítica da Educação Física ganhou força, podendo ser exemplificados trabalhos propositivos como a abordagem crítico-superadora, do Coletivo de Autores (2009), a abordagem crítico-emancipatória, de Eleonor Kunz ou, ainda, inúmeras obras contestando o uso político do esporte – como a já citada de Zaluar (1994) - e da própria Educação Física - como os de Betti (1991) e Castellani Filho (1988), que se mostraram muito importantes como ponto de partida para buscar as pistas perseguidas. Contudo, anterior a estes movimentos, pouco se observa em relação a resistências quando a difusão das diversas proposições que se utilizam do esporte e das quais serão tratadas aqui.

população, seu “robustecimento”, preparação da mulher para gerar indivíduos saudáveis, e que fez uso da prática esportiva para buscar estas finalidades.

Inicialmente, com o movimento ginástico europeu, em países como Dinamarca, Suécia e Alemanha (e posteriormente na França), que sofriam constantes ameaças de invasão territorial, a Educação Física - pautada principalmente pelos movimentos ginásticos - surgiu junto a um forte discurso nacionalista como forma de preparação para a guerra. Contexto diferente era observado na Inglaterra neste mesmo período, onde, segundo explica Betti (1991), pela sua posição geográfica e política, não sofria as mesmas ameaças bélicas observadas nos casos alemão, sueco e dinamarquês, não sendo notado nenhum movimento ginástico mais forte de influência nacionalista, como observado nos casos mencionados. Ao contrário, o que era observado nas instituições de ensino, principalmente as famosas *Public Schools* inglesas, era a difusão do modelo esportivo.

Esportes como *rugby*, futebol e críquete eram praticados inicialmente pela aristocracia nas instituições de ensino e, posteriormente, com a expansão da oferta de ensino para as chamadas classes emergentes, o esporte se popularizou ainda mais. Sua expansão continuou em escala global a partir das expedições inglesas, nas quais alguns “embaixadores do esporte” realizaram esforços para a difusão da prática esportiva em diversas partes do mundo, entre elas a América Latina. Outra influência forte para a expansão e popularização definitiva do esporte foi o ressurgimento dos Jogos Olímpicos, a partir, principalmente, dos esforços do Barão de Coubertin, que chegou a afirmar que o sucesso político e econômico do Império Britânico se dava devido ao modelo educativo esportivo inglês das *Public Schools*.

[...] homens fortes, empreendedores, que saibam tomar suas responsabilidades no mundo da livre troca, do *struggle for life*, descoberto por Darwin nesta época da história e transformado em princípio pedagógico por Spencer. São necessárias equipes de homens de ação solidários, prontos a jogar com o espírito de iniciativa, **segundo as regras do jogo capitalista**. É necessária uma educação apropriada, para formar, a exemplo do bom cidadão romano, o prestigioso cidadão britânico. (ROUYER, 1977, pp. 173-174).

Para Van Dalen e Bennet (*apud* Betti, 1991), as Escolas Públicas enfatizaram a influência socializante dos jogos e seu uso para promover liderança, lealdade, cooperação, autodisciplina, iniciativa, tenacidade, e espírito esportivo – qualidades tidas como necessárias à administração do Império Britânico. Portanto, tal noção que atribuía uma função educativa ao esporte se mostrava presente ainda antes de ter sido observado a expansão de seu modelo ao redor do mundo. Modelo este mais compatível com uma racionalidade liberal, já presente na Inglaterra e também em vias de expansão em escala global durante o século que se seguiria.

No Brasil, é possível observar a presença de um discurso que utiliza a Educação Física e o esporte como ferramentas políticas e educacionais em alguns autores bastante conhecidos. Fernando de Azevedo, autor importante no que diz respeito às proposições educacionais observadas no movimento da Escola Nova⁴⁹ (e que destina boa parte de sua obra a argumentar em favor da retomada da cultura atlética e da inserção da Educação Física nas escolas), afirma ser Rui Barbosa uma “primeira voz a ecoar no deserto” em favor da Educação Física nos sistemas de ensino. Tal defesa pode ser constatada no parecer sobre o Projeto 224 – Reforma Leôncio de Carvalho, Decreto nº 7.247, de 19 de abril de 1879, da Instrução Pública -, da autoria de Rui Barbosa, onde este defende a inclusão da ginástica nas escolas e a equiparação desses professores aos das outras disciplinas, destacando-se a importância de se ter um corpo saudável para sustentar a atividade intelectual. Tanto Castellani Filho (1988), quanto Betti (1991), além de outros autores atentos à questão, apontam, de fato, o parecer de Rui Barbosa como um dos mais antigos documentos a tratar do assunto no Brasil.

Conforme comentado, Fernando de Azevedo (1960) retoma o assunto em obras posteriores⁵⁰ ao parecer de Rui Barbosa, localizando a Educação Física com função educacional eugênica no sistema de ensino, tendo por função o aprimoramento da “raça brasileira”. Contudo, o modelo mais aceito à época ainda era o modelo ginástico, chegando a ser instituído por um Anteprojeto de Lei do Ministério da Guerra, em 1929, o Método Francês para ser aplicado em todo território nacional. A intenção, conforme consta no documento transcrito por Castellani Filho (1988), era “determinar a prática de Educação Física para todos os residentes no Brasil, definindo em caráter obrigatório em estabelecimentos de ensino a partir dos 6 anos”.

Ainda neste período, mostra-se a Educação Física muito ligada às questões militares, higienistas e aos movimentos nacionalistas ginásticos. Para corroborar com esta afirmação, é possível encontrar discursos nesta direção na principal publicação especializada da época, a revista *Educação Physica*, que em sua edição de 5 de abril de 1936 argumenta em favor de um

⁴⁹ Movimento que propôs uma renovação do ensino, surgindo a partir do fim do século XIX, ganhou força na primeira metade do século XX. Uma das primeiras proposições relacionadas ao movimento no Brasil foi em 1882, pelas mãos de Rui Barbosa, exercendo grande influência nas mudanças promovidas no ensino na década de 1920, quando o país passava por uma série de transformações sociais, políticas e econômicas. Neste contexto, ganharam força nomes como Fernando de Azevedo, Anísio Teixeira, Lourenço Filho, entre outros. Ganhou muita força a partir de 1932, com a publicação do “Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova”, que exerceu influência até mesmo nas reformas educacionais do período ditatorial.

⁵⁰ A obra *“Da Educação Física: o que ela é, o que tem sido e o que deveria ser”*. (3. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1960) se mostra bastante característica para demonstrar em que termos eram realizadas as proposições em torno do tema.

“aprimoramento racial, do robustecimento do povo”, o que confirma a proximidade ainda com a questão da eugenia. Além disso, para demonstrar o quanto as instituições de ensino destinadas à formação de professores de Educação Física tinham influência à época, Betti (1991) aponta para dados que demonstram que somente em 1940 o número de profissionais formados na área em instituições civis superava ao dos formados em instituições militares.

4.2 HIPERVALORIZAÇÃO DO ESPORTE NA EDUCAÇÃO FÍSICA E O MOVIMENTO ESPORTE PARA TODOS (EPT) DIFUNDINDO O MODELO NÃO-FORMAL

No período pós-segunda guerra, com a deposição de Getúlio Vargas e a internacionalização da economia, em meio a outros fatores importantes, o panorama mostrou-se bastante alterado, tendo sido possível observar algumas condições que possibilitaram a inserção do esporte com uma importância maior no âmbito educacional, ao menos no que diz respeito às políticas públicas. A própria Constituição de 1946 - que se mostra um texto de inspiração ideológica liberal - trouxe à tona novamente ideias presentes nos textos dos educadores do movimento da Escola Nova, que não viram muito de suas proposições contempladas na época do Estado Novo⁵¹. Especificamente em relação à Educação Física, o período que se segue à Constituição de 1946 não apresenta um número muito grande de iniciativas oficiais em relação à Educação Física e à área educacional de uma forma geral, sendo importante anotar, contudo, uma crescente popularização do esporte no país (CASTELLANI FILHO, 1988).

Em 1961, a Lei 4.024 estabelecia as diretrizes e bases da Educação (com tendência liberalista). Esta foi alterada pelas leis 5.540 de 1968 e 5.692 de 1971, com um texto que trouxe, segundo palavras de Saviani (1983), um caráter tecnicista. O “papel” exercido pela Educação Física neste contexto, segundo Castellani Filho, seguindo a tendência tecnicista, foi preparar a mão-de-obra para uma economia preocupada cada vez mais com o crescimento da indústria, devendo o esporte, neste sentido, cumprir com estas funções específicas. Junto à política educacional da época, a Educação Física possuía muita proximidade, inclusive nos textos das leis, com a disciplina de Educação Moral e Cívica, servindo para difundir a ideologia dominante dos militares que estavam “de posse” do Estado.

⁵¹ É denominado Estado Novo o nome do regime político brasileiro fundado por Getúlio Vargas em 10 de novembro de 1937, que durou até 29 de outubro de 1945 e que é caracterizado pela centralização do poder, nacionalismo, anticomunismo, e por seu autoritarismo.

O esporte foi pensado neste período como alternativa, na intenção de substituir a ginástica, devido à indicação de que o caráter lúdico inerente à prática esportiva se mostrava mais atraente às crianças e adolescentes no sistema educacional. Mas o esporte ainda era ferramenta (como já fora anteriormente) para controlar o tempo dos trabalhadores e estudantes, de modo que eram promovidas diversas atividades esportivas organizadas pelas empresas e setores organizados da sociedade civil para aglutinar os trabalhadores e população em geral em torno de atividades difundidas e promovidas como forma de socialização, promoção da saúde, entre outros discursos. Era, entre outros aspectos, uma forma de organizar e controlar não só o tempo de não-trabalho, mas também de difundir uma série de discursos tendo em vista um controle maior da população urbana.

Os discursos evocados à época da difusão do esporte como ferramenta educacional nas *Public Schools* inglesas são retomados com força, no sentido de utilização do esporte como forma de construir sujeitos adaptados ao modo de vida capitalista neoliberal, dentro de uma lógica de concorrência. Nos anos de 1970, as iniciativas oficiais estatais passaram a dar maior enfoque à promoção do esporte educacional na Educação Física escolar, em substituição aos modelos ginásticos, muito presentes nas proposições até o período do Estado Novo. Pouco antes disto, Ferreira (1969, *apud* BETTI, 1991) apontou os caminhos para a ação estatal no que concerne à Educação Física e Esporte, afirmando que “as autoridades brasileiras têm-se esforçado por criar condições favoráveis à implantação de uma política nacional de Educação Física, Desportiva e Recreativa que atenda às necessidades do homem brasileiro” (p. 05).

Já em 1969, passavam a ser pensadas ações estatais que dessem conta de regulamentar a prática desportiva dentro da Educação Física, ganhando um parecer do Conselho Federal de Educação em 1977, que afirmava que juntamente com a disciplina de Educação Moral e Cívica, a Educação Física deveria visar a “instalação do homem em sua plena humanidade”, situando-a como atividade não apenas do corpo, “mas também do caráter, como elemento de expressão individual e da integração social” (BRASIL, CFE 1985 *apud* BETTI, 1991, p. 88).

Em 1970, é criado o Departamento de Educação Física e Desportos (DED), como um órgão central de direção do MEC, com o objetivo de “planejar, coordenar e supervisionar o desenvolvimento da educação física, desportos estudantis, e da recreação no país, em consonância com as diretrizes impostas pela política nacional para o setor” (BRASIL, MEC, DED, 1971). Entretanto, segundo Betti (1991), o modelo de gestão iniciado pelo departamento foi o sistema piramidal, cujo objetivo final, segundo ele, seria a otimização dos resultados para um esporte de elite, que faria uso das outras duas instâncias, o esporte educacional e de massa. Contudo, o modelo foi balizado, de fato, pelo instrumento legal

explicitado na Política Nacional de Educação Física e Desportos (PNED) em 1975, que elencava objetivos em torno de:

[...] aprimorar a aptidão física da população; maximizar e difundir a prática da educação física e do desporto estudantil; elevar o nível técnico dos desportos, para o aprimoramento das representações nacionais; implantar e intensificar a prática do desporto de massa; capacitar os recursos humanos necessários às atividades a serem desenvolvidas no sistema desportivo nacional (BRASIL, MEC, 1976b, p. 60).

Nota-se, no documento, uma tendência a difundir o modelo esportivo nas instituições escolares, contudo há uma forte indicação no sentido da promoção do que é reconhecido como “esporte de massa”. Na década de 1970, pode-se localizar no Movimento Esporte Para Todos (EPT), um dos pontos mais importantes na rede discursiva de popularização, democratização e massificação do esporte⁵². Tubino (2003) aponta que:

[...] o Movimento Esporte para Todos, surgiu, na década de 1960, sob a forma de campanha (que sempre acompanhou as diversas manifestações internacionais deste movimento) na Noruega, com a denominação de TRIMM e teve em Per Hauge-Moe o seu líder inicial. Esta concepção reuniu práticas esportivas, publicidade e *mass media* com o propósito de atrair o maior número de pessoas para os eventos de Esporte para Todos (EPT). O sentido deste início do EPT era denunciar o Esporte de Elite, reservado aos chamados talentos esportivos e biotipos adequados e, ao mesmo tempo, anunciar que as práticas esportivas deveriam ser democratizadas, ao ser disponibilizado para qualquer pessoa, independentemente de probabilidades de sucesso em competições esportivas. Foi, na verdade, uma proposta de inclusão. (TUBINO, 2003, p. 27).

Na Europa, o discurso de democratização do esporte se mostrava muito forte, tendo sido materializado e proposto nas ações do EPT. Em meio a esta rede discursiva, que ajudou na formulação das propostas do EPT, alguns documentos da época se mostram bastante importantes, como a Carta Internacional da Educação Física e do Esporte da UNESCO, de 1978 e a Carta Européia do Desporto para Todos, a qual o Documento Básico da Campanha (1977) não determina o ano de publicação. Com base nos pressupostos destes documentos, foram criadas as campanhas vinculadas ao EPT em diversos países da Europa no final da década de 1970 (Alemanha, Áustria, Bélgica, Dinamarca, Espanha, Holanda, Islândia, Polónia, Suécia, Suíça) e, em seguida, também em países como Austrália, Canadá e o início da difusão na América Latina. Em relação a isso, Teixeira (2009) argumenta que:

O objetivo do EPT era conduzir as condutas da população, disseminando práticas esportivas orientadas para o lazer e a recreação, sendo um movimento que buscou regulamentar uma política de constituição de corpos úteis e obedientes, em que o alarde em torno da espontaneidade e da autonomia engendravam eficientes táticas de controle social. (TEIXEIRA, 2009, p. 12).

⁵² Apesar de o termo aparecer com frequência em alguns documentos oficiais, os principais responsáveis pelo EPT refutavam a expressão “massificação”, pelo fato de aproximar-se da ideia presente nas políticas desportivas dos países socialistas, das quais Lamartine Pereira da Costa busca afastar o EPT, afirmando se tratar este de um movimento que priorizava o desporto pautado pela iniciativa privada e terceiro setor, caracterizando as ações programáticas do EPT como não-formais, não localizadas prioritariamente na instância estatal (BRASIL, DED, 1978).

Teixeira localiza em torno da implementação do EPT algumas indicações decisivas em relação ao que se tornaria o movimento no Brasil. O autor afirma que após a apropriação e difusão do EPT no Brasil por Lamartine Pereira da Costa, baseado nas discussões que participou nos encontros internacionais do EPT, durante os anos 1960 e 1970 na Europa (além do ocorrido em Buenos Aires, as “Jornadas Internacionais de Estudio sobre el Deporte⁵³”), alguns dos primeiros reflexos foram o Programa MEXA-SE, da Rede Globo, além dos objetivos observados no PNED de 1976, que levavam em consideração muitos dos princípios enaltecidos pelo EPT. A campanha no Brasil, segundo Costa (1977),

[...] iniciou-se em março de 1977, através do treinamento de toda a infra-estrutura do Mobral, utilizando-se fitas cassetes e um texto impresso denominado Documento Básico da Campanha, produzido pelo autor. Nesse material está concentrada toda a experiência consolidada pelo DED [Departamento de Educação Física e Desportos] e pelo Mobral, a partir de 1973, sobre o assunto (p. 12).

O Documento Básico da Campanha foi publicado para elucidar os princípios difundidos pelo EPT no Brasil, sendo um dos primeiros e principais destes princípios o incentivo à ação do voluntariado, de forma a difundir a ideia da livre iniciativa no que concerne ao esporte no tecido social brasileiro.

Os aspectos mais dignos de atenção sobre a campanha são a espontaneidade, o espírito de improvisação e o sentido popular e comunitário. Não se trata de uma realização que movimente verbas ou faça doações. O movimento, no caso, é de pessoas e de entidades em busca dos ideais do Decálogo. (DOCUMENTO BÁSICO DA CAMPANHA, 1977, p. 15).

O Decálogo mencionado no trecho acima é apresentado no Documento Básico da Campanha (1977):

1. LAZER: Orientar o tempo livre para a prática esportiva com prazer e alegria, de modo voluntário e sem prejudicar as demais possibilidades educacionais e culturais;
2. SAÚDE: Criar oportunidades de melhoria de saúde do povo, no que se refere à prática de atividades físicas e recreativas, nas medidas possíveis e adequadas às condições locais das diferentes comunidades;
3. DESENVOLVIMENTO COMUNITÁRIO: Aperfeiçoar a capacidade de organização e mobilização das comunidades para o trabalho em conjunto, em mutirão e dentro do necessário sentimento de vizinhança, de bairro, de região e de município;
4. INTEGRAÇÃO SOCIAL: Estimular a congregação e a solidariedade popular, dando ênfase à unidade familiar, às relações pais e filhos, à participação feminina e à valorização da criança e do idoso;
5. CIVISMO: Reforçar o sentimento de povo, de nacionalidade e de integração social;
6. HUMANIZAÇÃO DAS CIDADES: Criar meios de prática de esportes recreativos com participação de grande número de pessoas, para a conscientização geral quanto aos benefícios de áreas livres nos grandes centros urbanos;

⁵³ Esta jornada, segundo Tubino (2003, p. 27), “praticamente consolidou o compromisso da América Latina com o Movimento Esporte para Todos, e teve em Lamartine Pereira da Costa o seu principal difusor”.

7. VALORIZAÇÃO DA NATUREZA: Orientar a prática esportiva ao ar livre, principalmente das crianças, de maneira a dar valor e a preservar áreas verdes, parques, bosques, florestas, praias, rios e lagos etc;

8. ADESÃO À PRÁTICA ESPORTIVA: Criar oportunidades e atividades esportivas improvisadas, de modo a ampliar o número de praticantes, diversificar esportes a serem praticados e aumentar o uso das instalações e áreas já existentes;

9. ADESÃO AO ESPORTE ORGANIZADO: Motivar, através do contágio de emoções da prática com grande número de pessoas, o apoio e a participação nas atividades da Educação Física estudantil e do esporte em clubes e outras entidades;

10. VALORIZAÇÃO DO SERVIÇO À COMUNIDADE: Congregar o apoio popular às entidades públicas e privadas que participam dos mutirões esportivos (DOCUMENTO BÁSICO DA CAMPANHA, 1977, p. 14-15).

Entende-se que o EPT exerceu influência significativa sobre as práticas ligadas ao Esporte, ao lazer e à Educação Física, de forma geral, nas décadas de 1970 e 1980, uma vez que pautou a criação de políticas públicas, balizou iniciativas do empresariado/terceiro setor, disseminando o discurso de democratização/massificação/ popularização do esporte, assim como o discurso que enaltece seus aspectos positivos para a educação da nação, que continuam muito presentes na contemporaneidade. Um dos reflexos possíveis da rápida difusão deste “desporto de massa” pode ser encontrado em torno das discussões na área, que levaram à menção do esporte e da Educação Física na Constituição de 1988. Esta registra em seu artigo 217 o seguinte texto:

Art. 217. É dever do Estado fomentar práticas desportivas formais e não formais, como direito de cada um, observados:

I - a autonomia das entidades desportivas dirigentes e associações, quanto a sua organização e funcionamento;

II - a destinação de recursos públicos para a promoção prioritária do desporto educacional e, em casos específicos, para a do desporto de alto rendimento;

III - o tratamento diferenciado para o desporto profissional e o não profissional;

IV - a proteção e o incentivo às manifestações desportivas de criação nacional.

A atenção ao esporte de massa pode ser observada ainda com a criação da Lei Zico (Lei nº 8.672, de 6 de Julho de 1993) e a Lei Pelé (Lei nº 9.615, de 24 de março de 1998), que foram determinantes por orientarem as políticas referentes ao esporte no Brasil. A partir da leitura destas leis, é possível realizar uma análise do tratamento dado ao esporte durante a década de 1990, de modo a localizar recorrências comuns aos princípios de democratização e promoção do esporte, presentes no EPT e nas campanhas de esporte de massa, além de ser possível observar a organização do esporte de forma semelhante ao sistema piramidal comentado anteriormente.

4.3 DESTRUIÇÃO DE MODOS DE VIDA E O MODELO COMPETITIVO-ESPORTIVO COMO IDEAL PARA A SALVAÇÃO NO NEOLIBERALISMO

Enunciações como as comentadas se mostram presentes ainda na contemporaneidade, se o olhar for voltado para as políticas que tratam do esporte atualmente. A ideia de incentivo ao voluntariado do EPT ou mesmo o sistema piramidal pode ser observado a partir dos critérios de financiamento para os PSE que se têm estudado. Partindo do Estado ou da iniciativa privada, é possível circunscrever passagens que remetem a um investimento na “democratização do esporte”, com objetivos chamados “sociais”, mas tendo em vista a formação do atleta que, por ventura, possa vir a se destacar durante as atividades.

Em programas da mídia esportiva, frequentemente são discutidas questões sobre a estruturação das categorias de base e da iniciação esportiva em clubes ou nas escolas, mas com uma preocupação de se encontrar “talentos esportivos” para representar o país em megaeventos como a Copa do Mundo e as Olimpíadas. Esta discussão se mostra bastante evidenciada atualmente no país, em um momento em que o Brasil sediou a Copa do Mundo de 2014 e se prepara para sediar os próximos Jogos Olímpicos, no Rio de Janeiro, em 2016. Os investimentos por parte do Estado (via Ministério do Esporte, principalmente) e da iniciativa privada (como pudemos constatar analisando editais lançados por empresas como a PETROBRÁS – no caso desta empresa, de economia mista), têm contemplado majoritariamente os projetos que concentram suas ações em formação de atletas em modalidades-chave para o sucesso nestes megaeventos (natação, atletismo, ginástica olímpica, por exemplo), mas que continuam a pregar a importância da disseminação da prática esportiva para estas finalidades, mas pautada principalmente pela lógica do voluntariado e do pouco investimento.

Em termos históricos, localizaram-se até aqui algumas enunciações acerca das funções educacionais atribuídas ao esporte e à Educação Física, de modo que é possível anotar distintas vinculações do esporte em diferentes momentos. Este foi utilizado em meio a um discurso higienista ainda no século XIX; teve utilidade militarista e de preparação para a guerra; vinculou-se à questão da eugenia da raça até o fim do período do Estado Novo; à afirmação de valores ligados às questões da pátria, junto à Educação Moral e Cívica na ditadura militar; ao discurso da saúde do trabalhador, preocupada com o tempo de não-trabalho da classe operária; ao discurso tecnicista da Educação Física que, segundo Castellani Filho (1988), alinhava-se com teorias educacionais ligadas à Teoria do Capital Humano; à

“democratização” do esporte, por meio do EPT e esporte de massa, que aglutinava muitos destes discursos em torno da questão de descentralizar as proposições por parte do Estado.

São alguns dos usos políticos vinculados ao esporte, em torno dos quais foram constituídas redes discursivas para legitimar políticas e ações programáticas com intenção de difundir valores para a produção de modos de vida adequados a diferentes projetos de sociedades. Na contemporaneidade, que uso político vem sendo feito do esporte e que rede discursiva o tem embasado? A tendência neoliberal, que se intensificou nos anos 1990 com os governos FHC e nos anos 2000 com os governos Lula e Dilma, modificou as relações que o Estado mantinha com a população no país. Pensa-se que a semente plantada pelo EPT, de estender as ações programáticas voltadas ao esporte ao âmbito não-formal, é hoje uma tendência muito forte, e os PSE encontram subsídio teórico em muitos dos princípios defendidos pelos difusores do EPT ainda na década de 1980. A não centralização das ações no Estado, com um crescente incentivo do voluntariado e da livre iniciativa em um contexto de economia neoliberal, forçou uma mudança das configurações da educação e, por conseguinte, da Educação Física enquanto disciplina e do esporte enquanto conteúdo.

Se desde a Inglaterra do século XIX o esporte vem sendo pensado como “meio privilegiado para a educação” - tendo esta noção perpassado pelos períodos mencionados anteriormente – atualmente, os PSE se mostram como práticas educativas compatíveis com o projeto neoliberal de educação, até mesmo dentro da instituição escolar, meio no qual várias iniciativas de ONG’s e outras iniciativas individuais funcionam e capturam seu público-alvo. Instituição esta também que, acredita-se ainda ser pautada por um projeto de sociedade diferente dos preceitos da Teoria do Capital Humano, do livre mercado e da concorrência desenfreada, a “vitória a qualquer custo”, do “*Get rich or die tryng*”⁵⁴. Tem-se defendido que, se em outros tempos, em outros modos de governar, o esporte era localizado em meio a discursos diferenciados, a recorrência maior observada, em todos os casos, foi o enaltecimento dos valores positivos intrínsecos a sua prática. A recorrência discursiva observada, neste caso, é a de que o esporte é uma grande ferramenta de educação por excelência. Se o Barão de Coubertin atribuía o sucesso do Império Britânico à educação esportiva no século XIX, parece que essa ideia de sucesso ligada ao esporte se difundiu e continua muito presente. Parece que realmente o modelo inglês do *struggle for life* vem sendo exportado com sucesso.

⁵⁴ Nome de um dos álbuns mais conhecidos de rap norte-americano dos anos 2000, do rapper *50 Cent*, que traduzido significa “Fique rico ou morra tentando”.

A busca pela gênese disto que se entende aqui como um discurso salvacionista, realçando as características que se circunscrevem, teve como motivação a constatação de sua pacificação e solidificação em nosso tempo. Além disso, foi motivada também pela constatação de uma perigosa ausência de dúvida nos discursos que cercam os PSE, em relação às possibilidades da prática esportiva e seus objetivos, muitas vezes “utópicos”. Motivação que vem de uma preocupação com alguns efeitos que se acredita serem negativos, causados pela ativação e uso indiscriminado desta rede discursiva, muitas vezes simplista, que se utiliza do esporte para prometer salvar. Por mais que inúmeras vezes também se tenha ouvido ao longo das pesquisas - desde o ano de 2009 – que “uma coisa é o que vai no papel para a captação de recursos e outra é a prática”, entende-se de forma diferente a importância daquilo que “vai no papel” ou que é dito em entrevistas a jornais e programas de televisão. O discurso é uma ação que materializa, institui práticas. Neste sentido, entende-se por negativo, por exemplo, a radicalização da difusão e enaltecimento destas características mencionadas e os efeitos que se consideram perigosos no que diz respeito à formação dos sujeitos em relação à ideia de competição.

A capacidade de aprender a competir tem se tornado cada vez mais essencial para a formação do sujeito alinhado às características da contemporaneidade, marcada pela consolidação do modo de vida capitalista e do modelo de gestão neoliberal, notadamente caracterizado pelo fato de que quase todas as instâncias da vida devem obedecer à lei de mercado e da concorrência. Modelo de governo radicalizado pelos EUA pós Segunda Guerra e disseminado, em certa medida, a nível global. A Teoria do Capital Humano, formulada a partir dos estudos dos teóricos da Escola de Chicago⁵⁵, principalmente através de Schultz (1973) e Becker (1979), leva ao extremo a lógica neoliberal, a ponto de indicar a ideia de que até mesmo as relações humanas e qualidades genéticas e adquiridas podem ser mensuradas e valoradas. O mundo passa a ser um grande mercado a ser explorado, os seus habitantes potenciais produtos e, ao mesmo tempo, consumidores. Consumidores e produtos do esporte, inclusive.

⁵⁵ Originalmente, o termo Escola de Chicago surgiu na década de 1950, aludindo às ideias de alguns professores que, sob influência do paradigma econômico neoclássico e sob a liderança de Theodore Schultz, atuavam junto ao Departamento de Economia da Universidade de Chicago, mas também junto à Escola Superior de Administração e à Faculdade de Direito dessa mesma universidade. Por outro lado, o termo remete também a um grupo de economistas que, a partir do início dos anos 1960, influenciado por Milton Friedman (Nobel de 1976), George Stigler (Nobel de 1982) e seus discípulos, além de servir de arauto à defesa do livre mercado, refutava e rejeitava os princípios da doutrina keynesiana. (COSTA, 2009).

Soares e Brandão (2012, p. 15) afirmam que atualmente "o esporte oferece o paradigma mais puro da mundialização [...] O mundo é um estádio antes mesmo de ser um mercado - ou mais: porque ele é um estádio, ele pode ser um mercado". Consoante-se a emoção gerada por ele, os produtos vendidos para a sua prática, se busca aproximar outras práticas corporais de suas características, mas, principalmente, busca-se um estilo de vida esportivo. Estilo de vida este que é constituído por algumas características que se alinham de forma muito explícita com o projeto de um indivíduo ideal do modelo neoliberal americano: disciplinado, empreendedor, empresário de si e de suas qualidades e, principalmente, competitivo. Destaca-se novamente esta característica como importante justamente pelo fato de ser esta uma característica fundamental para o neoliberalismo e para as leis de mercado. A competição é essencial para o sucesso do modelo neoliberal. O esporte, por sua vez, ensina a competir e tem cumprido de forma muito eficiente a função de ensinar "indivíduos" a se tornarem hipercompetitivos na atualidade.

Para reafirmar o sentido que se atribui aos PSE como práticas educativas alinhadas com o projeto neoliberal de sociedade, acredita-se que seja produtivo retomar a discussão acerca de que conteúdo ou que valores têm sido ensinados nestes espaços educacionais. Em relação ao papel da escola, Veiga-Neto comenta como tem sido pensada e configurada a educação na contemporaneidade:

Para que cada um possa fazer "livremente" suas escolhas, é preciso que saiba como fazê-las e, para que saiba como fazê-las, é preciso aprender a combinar múltiplos critérios de escolha. Nesse quadro, a capacidade em competir torna-se um elemento da maior importância, pois, na medida em que o Estado se empresaria, os jogos de competição que se concentravam nas atividades empresariais estendem-se por toda a parte. Assim, o sujeito ideal do neoliberalismo é aquele que é capaz de participar competindo livremente e que é suficientemente competente para competir melhor fazendo suas próprias escolhas e aquisições. (VEIGA-NETO, 2000, p. 210).

Corroborando com o autor, pensa-se ser importante reafirmar que o esporte por si só não ensina nada. Pode ensinar valores considerados positivos, mas também pode se mostrar potente para ensinar a teoria da vitória a qualquer custo ou, então, a conduta violenta de muitos dos atletas profissionais que são colocados como modelo maior a ser alcançado. Tem sido tomado como extremamente potente também para a produção de sujeitos que sejam, de fato, indivíduos focados somente em competir e vender aquilo que conseguem produzir. Em certa medida, são conhecidos os danos que esta lógica pode causar (e vem causando) se levada ao limite. O esporte, portanto, não é "só coisa boa" e a ideia de que simplesmente viver e ser educado em um ambiente com esporte não garante a "formação do cidadão" (seja qual for o projeto de cidadão), como vem sendo afirmado de forma geral nos discursos observados nos PSE, não parece se sustentar. O esporte tem sido uma estratégia para governar de acordo

com uma lógica específica. Este discurso que atrela esporte e salvação e que, como se argumenta aqui, tem finalidade política e ideológica é uma estratégia localizada em um dispositivo de segurança que visa governar, conduzir os sujeitos.

Na introdução desta dissertação, comprometeu-se em demonstrar os motivos de acreditar que este modo de condução se aproxima de um modelo já muito conhecido e consagrado de gerir os homens-ovelha: o poder pastoral. Acredita-se que as características fundamentais desta forma de exercer poder aproximam-se muito da forma com que os “vulneráveis” são construídos na contemporaneidade. O arquétipo do pastor prevalece e continua muito importante em nossa sociedade. Basta que se acredite que existem ovelhas em perigo para que um salvador venha a resolver todos os problemas.

4.4 O PROBLEMA DA CONDUÇÃO: O PODER PASTORAL EM MICHEL FOUCAULT COMO ARTE DE GOVERNAR OS HOMENS

Na aula do dia 1º de fevereiro, do curso ministrado no Collège de France em 1978, intitulado *Segurança, Território, População* (FOUCAULT, 2008a), Foucault anunciava sua intenção de iniciar aquilo que chamou de seus estudos da governamentalidade. Para o referido autor, a importância dos estudos da governamentalidade encontra-se no fato de que aquilo que indica como uma governamentalização do Estado se dá como resposta à necessidade política de uma atenção cada vez maior a um fator novo para a racionalidade governamental e fundamental para as transformações que sofreu: a população. Esta governamentalização, segundo ele, tem como resultado:

[...] um Estado de governo que já não é essencialmente definido por sua territorialidade, pela superfície ocupada, mas por uma massa: a massa da população, com seu volume, sua densidade, com, e claro, o território no qual ela se estende mas que de certo modo não é mais que um componente seu. E esse Estado de governo, que tem essencialmente por objeto a população e que se refere e utiliza a instrumentação do saber econômico, corresponderia a uma sociedade controlada pelos dispositivos de segurança. (FOUCAULT, 2008a, pp. 145-146).

Acredita-se ter sido possível observar durante este texto o quanto tem se utilizado do autor para o processo de problematização. Na esteira de suas contribuições para esta pesquisa, encontra-se ainda ter a utilização da noção de governamentalidade como lente de análise para este objeto de que se trata nesta investigação. Para Foucault, era interessante analisar de que modo os dispositivos de segurança incidiam sobre o sujeito. Quais os processos tinham por intenção subjetivá-lo? Como eram criados tais mecanismos? A partir de práticas discursivas e

não-discursivas? Em resposta a que problema? Portanto, entendendo que os PSE funcionam por dentro de um dispositivo de segurança que visa regular a população (o público jovem diretamente, mas preocupada, talvez indiretamente, com o governo da população em geral), que práticas discursivas e não-discursivas visam subjetivar essa juventude e essa população?

Encontrou-se como recorrência discursiva a questão da inclusão social, a definição de um público vulnerável, o combate ao uso de narcóticos, entre outros já mencionados. Contudo, quando se refere a um discurso salvacionista, pensa-se que a ideia de salvação circule entre várias (ou quase todas) essas recorrências discursivas as quais se fez referência. A ideia de que é necessário “salvar as criancinhas”⁵⁶, de que se a professora “de uma turma salvar pelo menos um já está ótimo”⁵⁷, circula já há muito tempo. Além disso, a ideia de “utilizar o esporte como ferramenta social”⁵⁸ vem ganhando destaque em meio aos PSE. É este tipo de recorrência que se propôs a perseguir e esta foi encontrada como resposta a problemas diferentes em épocas diferentes. Como foi possível apontar a partir de alguns exemplos históricos, pensa-se que a relação esporte-salvação como resposta ao problema da necessidade de fomentar o esporte como “ferramenta educacional benéfica” por fora do aparelho do Estado se deu com o conjunto de semelhanças que se encontrou hoje a partir do EPT. A ideia de que o Estado encontra-se enfraquecido e de que já não pode mais suprir as necessidades da população tem sido cada vez mais reforçado ao longo dos anos, com o fortalecimento da política neoliberal implantada no governo FHC e levada adiante, de forma reconfigurada, nos governos Lula e Dilma. Neste terreno é que ganham força os discursos incentivando o voluntariado e a livre iniciativa, como, por exemplo, os PSE advindos de iniciativas do terceiro setor.

Nesta “terra arrasada”, os PSE ganham força como política e os salvadores ganham espaço. O problema de como governar e conduzir a população passa a ganhar proposições dos mais variados meios. Aquelas a que se propôs a observar são referentes aos PSE e apontam como solução o esporte. O esporte como salvação, como guia de condução, de governo dessas crianças e adolescentes que precisam ser salvos. O argumento aqui é de que esta “maneira de conduzir” se assemelha àquilo que Foucault (2008a) chamou de poder pastoral. O autor indica a pastoral como forma primeira de governo dos homens, instituída a partir do fortalecimento

⁵⁶ Fala bastante conhecida por ter sido proferida por Pelé, logo após marcar o milésimo gol no Maracanã, em jogo contra o Vasco da Gama, no dia 19 de novembro de 1969. Em sua primeira entrevista, o jogador fez questão de chamar atenção para a necessidade de “salvar as criancinhas pobres”, tornando a frase mundialmente conhecida.

⁵⁷ Recorrência encontrada nas mais diversas fontes da pesquisa.

⁵⁸ Frase encontrada em diversos projetos (Formando Craques, Educando Pelo Esporte, Semente Olímpica, entre outros).

da Igreja Católica, mas utilizando de mecanismos que remetem em regressão última à figura de Moisés, como o exemplo maior de bom pastor.

Este discurso salvacionista, que se utiliza da inclusão e se apóia em uma tradição humanista, apresenta traços muito fortes daquilo que Foucault (2008a) identificou como uma das primeiras formas de condução e governo dos homens e um dentre os três pontos de apoio do que chamou de sociedade de segurança: o poder pastoral. Não somente com as características que ganhou a partir da institucionalização da Igreja Católica, mas sendo possível também apontar traços desta forma muito particular de exercer poder ainda bastante presentes nas práticas discursivas e não discursivas que buscam reger e que continuam a governar as condutas dos homens na atualidade. Sendo assim, parece interessante demonstrar algumas características deste poder pastoral e a forma pela qual se tem visto este modo de operar dentro do recorte desta pesquisa e daquilo a que se propôs a pensar – os PSE, enquanto práticas educativas com potencial produção de subjetividades.

4.4.1 Princípios do poder pastoral

Foucault (2008a) aponta a relação direta que a ideia de salvação possui com a pastoral cristã, elencando, a partir das práticas que circunscreveu durante suas pesquisas, alguns princípios e características desta relação. O que surge são basicamente indicações daquilo que é encontrado sobre como o pastor deve conduzir suas ovelhas à salvação, ou seja, praticamente um apanhado de instruções que dizem como deve ser o bom pastor.

Este bom pastor, portanto, deve observar quatro princípios: (i) **princípio da responsabilidade analítica**, que indica que o pastor terá de prestar contas, será interrogado, examinado sobre tudo o que cada uma das suas ovelhas possa ter feito; o **princípio da transferência exaustiva e instantânea**, que denota que o pastor deverá não apenas prestar contas das ovelhas e do que fizeram, mas de cada uma, de cada um dos méritos e deméritos de cada uma das coisas que uma ovelha fez, tudo isso o pastor deverá considerar seu ato próprio; **princípio da inversão sacrificial**, em que, para salvar suas ovelhas, o pastor tem de aceitar morrer. O pastor deve defender as ovelhas contra os lobos e as feras. Ele dá sua existência por elas; pelo **princípio da correspondência alternada**, se de um lado as fraquezas e deméritos das ovelhas garantem a salvação do pastor, inversamente as fraquezas e faltas do pastor devem ser edificantes para as ovelhas. O modo pelo qual ele lida com suas faltas e fraquezas deve inspirá-las a lidar e superar as suas (FOUCAULT, 2008a).

Dentro da proposta de uma crítica à razão política, Foucault busca, ao se debruçar sobre o poder pastoral, entender os motivos de tais princípios terem se fundamento de tal forma. Indica, portanto, que a pastoral surge como resposta ao problema da necessidade de governar a todos e cada um – *omnes et singulatim*⁵⁹. A pastoral ganha importância nesta racionalidade governamental devido a seu poder individualizante:

[...] eu gostaria de sugerir a possibilidade de se analisar outro tipo de transformação nessas relações de poder. Trata-se, talvez, de uma transformação menos discutida, mas acho que ela também é importante, sobretudo para as sociedades modernas. Aparentemente, essa evolução opõe-se à evolução para um Estado centralizado. Refiro-me, na realidade, ao desenvolvimento de técnicas de poder orientadas para os indivíduos e destinadas a dirigi-los de forma contínua e permanente. Se o Estado é a forma política de um poder centralizado e centralizador, denominemos pastorado o poder individualizador.

Se a partir de estratégias como o Censo, os múltiplos cadastros e as estatísticas (entre muitas outras) o Estado dá conta de criar estratégias para governar a todos, conhecendo as características gerais da população, esta modalidade pastoral de poder é o modo pelo qual, ainda hoje, é possível criar um conhecimento individualizado para conduzir, governar. Se existem políticas para a população, de modo geral, existem técnicas de sujeição e condução individual a partir do pastorado.

Não se refere, dessa forma, à Igreja Católica institucionalizada ou ao estado como ente externo a qualquer análise. Ao falar de pastorado, refere-se a um conjunto de técnicas, uma arte de governar com procedimentos bastante específicos e que possui a finalidade de governar a todos, mas de um modo que seja possível conhecer, individualmente e de forma detalhada, aqueles que devem ser governados. Além de indicar a relação que o pastor deve estabelecer com suas ovelhas, é definido a partir destes princípios porque a pastoral se mostra um modo de governo tão bem-sucedido no que concerne a uma prática de individualização: o pastor deve saber o que acontece e deve conduzir cada uma de suas ovelhas.

⁵⁹ *Omnes et singulatim: uma crítica da razão política* é o título da transcrição de duas conferências proferidas por Foucault em 10 e 16 de outubro de 1979, em Vermont, disponíveis na versão brasileira dos Ditos e Escritos (FOUCAULT, 2004). Nessas conferências, o poder pastoral é inicialmente apresentado como outra matriz presente na política ocidental em relação à tradição grega, centrada no problema da democracia. Segundo Prado Filho (2012), “estamos habituados a reconhecer nossos débitos à tradição política fundada pelos gregos, deixando de perceber a ação de outro tipo de poder que opera entre nós de modo bem mais fino e individualizante – o pastorado – ligado a uma outra tradição, oriental, não tão visível quanto a grega, que remonta ao Antigo Egito e às Culturas Assíria e Judei. A teoria política tradicional – alvo das críticas micropolíticas de Foucault -, focada numa perspectiva macropolítica e preocupada com as relações entre território e soberania, governo, democracia e cidadania, lei repressão x desejo, não dá conta de uma questão política bem imediata, que diz respeito à pergunta: o que efetivamente nos mantém presos aos poderes cotidianos” (CANDIOTTO; SOUZA, 2012). Nesta pesquisa, as práticas descritas neste capítulo referentes ao pastorado foram sublinhadas enquanto recorrência, ao perseguirem-se as estratégias elencadas para condução da vida dos jovens dos PSE. O que os mantém presos a alguns dos poderes cotidianos exercidos nos PSE são práticas pastorais.

Foucault descreve, ainda, alguns princípios que dizem respeito à relação da pastoral com a lei e com a verdade e que orientam as práticas do bom pastorado. Trata-se, em relação à lei da **instância da obediência pura**, a obediência como tipo de conduta unitária, conduta altamente valorizada e que tem o essencial da sua razão de ser nela mesma. O pastor não vai ser o homem da lei, nem mesmo seu representante; a **relação de dependência integral** é o princípio que diz respeito à relação de submissão, de servidão integral. Se, portanto, a obediência tem um fim, esse fim é um estado de obediência definido pela renúncia, a renúncia definitiva a toda vontade própria. A finalidade da obediência é mortificar sua vontade, fazer com que sua vontade como vontade própria morra, isto é, que não haja outra vontade senão a de não ter vontade. **Apathéia cristã**, por conseguinte, o *pathos* que deve ser conjurado por meio das práticas de obediência não é a paixão, é, antes, a vontade, que é orientada para si mesmo. A ausência de paixão (*apathéia*) vai ser a vontade que renuncia a si mesma e que não para de renunciar a si mesma.

Desta forma, identifica-se que são apontadas de forma mais clara as condutas a serem adotadas pelas ovelhas “governadas”. As formas de sujeitar as ovelhas a um comportamento específico, que torna muito mais fácil governá-las enquanto massa. Um sujeito que renuncia aos seus desejos não apresenta resistências, contracondutas, deve apenas obedecer e se conformar com as ordens que lhe são impostas. Ainda, em relação à produção de uma verdade oculta, o autor indica que “o pastor, em relação à sua comunidade, tem uma tarefa de ensino” (FOUCAULT, 2008a, p. 238). Desta forma, o autor indica duas novidades fundamentais: a **direção da conduta cotidiana**, uma observação, uma vigilância, uma direção exercida a cada instante e da maneira menos descontínua possível sobre a conduta integral, total, das ovelhas; e a **direção da consciência**, com um sentido diferente daquele encontrado na Antiguidade, onde era instrumento de controle de si, no pastorado cristão será instrumento para dependência. O indivíduo vai formar de si, a cada instante, pelo exame de consciência, certo discurso de verdade. Essas novas relações dos méritos e deméritos, da obediência absoluta, da produção de verdades ocultas, é isso que, acredita-se, constitui o essencial, a originalidade e a especificidade do cristianismo, não a salvação, não a lei, não a relação com a verdade. (FOUCAULT, 2008a, p. 242).

O autor elenca tais princípios para demonstrar o modo de operação desta forma de poder, contudo, com o objetivo de caracterizar três modos absolutamente específicos de individualização: a identificação analítica, individualização por sujeição e a produção de uma verdade interior, secreta, oculta. “Identificação analítica, sujeição, subjetivação” (FOUCAULT, 2008a, p. 242). Desta forma, ele cerca aquilo que procurou definir como a

especificidade e originalidade de um poder pastoral, desta que foi uma primeira forma de governo da conduta dos homens, uma arte de governar.

A estes três modos de individualização – identificação analítica, individualização por sujeição e produção da verdade interior – é que se destaca, a fim de argumentar em favor de sua aproximação com a relação que os PSE estabelecem com seu público-alvo. Atenta-se para o fato de ter se tornado tão fácil estabelecer a relação entre professor-proponente e pastor neste contexto. “É necessário estar lá”, disse uma das proponentes dos PSE que estiveram presentes na primeira reunião do grupo de trabalho realizada, quando perguntada sobre qual seria a importância do PSE para a comunidade onde estava inserida. O Estado precisa estar lá, precisa estar presente para, entre outras coisas, fazer atuar suas técnicas de individualização.

O pastorado não se encontra por dentro da Igreja Católica, catequizando povos, mas suas técnicas e sua racionalidade continuam presentes dentro das ações programáticas de um Estado que, cada vez mais, vem se empresariando e adotando os princípios neoliberais da concorrência. O pastorado se mostra conveniente para difundir e “catequizar” as ovelhas, incluindo-as no jogo do consumo e ensinando-as a competir no mercado. A religião prometia uma salvação para outro mundo. Essas políticas sociais prometem uma salvação para este. É, de fato, uma ideia que tem sido muito bem vendida atualmente e, em se tratando de Brasil, atrelada ao futebol, ganha enorme força e difusão: construção de cidadania através do futebol.

Partindo da atitude de desconfiança que pauta este texto, permite-se uma pequena digressão, visto que se acredita ser produtivo pensar, inclusive, na direção da formação de professores, uma vez localizado em um Programa de Pós-Graduação em Educação: será que a formação deve se pautar por essa lógica? Devem-se formar professores-pastores? Não se poderia permitir pensar que não é necessário conduzir nossos alunos dessa forma? Não é possível livrar-se de arquétipos⁶⁰ tão antigos quanto os primeiros registros históricos e que favorecem interesses que estão longe de se preocupar com bem-estar da população? Argumenta-se, novamente, em favor de que se possa pensar diferente do instituído. Não seria possível parar de reproduzir e reverberar discursos e práticas que funcionam sob uma determinada racionalidade há muito tempo e pensar em formas alternativas de sociedade?

⁶⁰ Arquétipo: *substantivo masculino* - 1. modelo ou padrão passível de ser reproduzido em simulacros ou objetos semelhantes;

2. *p.ext.* qualquer modelo, tipo, paradigma.

O conceito de arquétipos, do jeito que se conhece hoje, surgiu em 1919 com o suíço Carl Gustav Jung, discípulo de Freud. Segundo ele, os arquétipos são conjuntos de “imagens primordiais” originadas de uma repetição progressiva de uma mesma experiência durante muitas gerações, armazenadas no inconsciente coletivo.

Talvez um bom modo de começar a pensar sobre isso seja começar a ouvir aqueles que, segundo se diz, não estão incluídos neste jogo, aqueles que devem ser salvos.

5 QUEM NECESSITA DE SALVAÇÃO? REGISTROS DE UMA FLANÂNCIA PELOS PSE DE RIO GRANDE

5.1 O ARQUÉTIPO DO PASTOR E O ESPORTE COMO ESTRATÉGIA PARA CONDUZIR AS CRIANÇAS E JOVENS

Controlar a diversidade a partir de práticas pastorais. A partir da leitura dos dados, o entendimento tem sido de que as ações programáticas se voltam para determinado território para estabelecer, em alguma medida, um controle das diversidades, principalmente daquelas consideradas perigosas. Por território, entende-se não apenas a delimitação geográfica, onde a partir de barreiras ou delimitações físicas, determinado grupo de pessoas habita. Entende-se também a concepção de território no sentido existencial, no qual determinadas características em comum definem um grupo a partir, por exemplo, de indicadores estatísticos.

Desta perspectiva, considera-se possível apontar que os jovens que circulam os PSE, de modo geral, são apontados como habitantes de um território de vulnerabilidade social, ou de risco social. Ao assumir tal perspectiva, reafirma-se a importância da linguagem neste processo que, ao classificar as pessoas em grupos como esses, criando uma potência de produção de sentidos que, intencionalmente ou não, pode vir a ser agente de mudança no comportamento das pessoas. Potencial para subjetivar. Contudo, não há garantias em relação a que efeitos isso pode gerar.

De fato, o que se tem de garantia é que, a partir da classificação e colocação dos sujeitos em determinados territórios, torna-se mais fácil justificar ações programáticas em sua direção. Devido ao fato de terem sido registrados 52 homicídios na cidade de Rio Grande em 2014 e de uma parcela considerável destes ter sido no BGV, não havia dúvida, quando da proposição do BGV na Paz, de que era necessária uma ação naquele bairro. Nas palavras de um dos proponentes, o bairro é caracterizado como uma “zona de guerra” onde os moradores precisam viver. Que características são atribuídas àquele território (e, em consequência, aos habitantes)? Violento, perigoso, vulnerável. Será que outros bairros não mereceriam a atenção do Estado a partir dos mesmos critérios? Argumenta-se, já há algum tempo, que a atenção àquele bairro se dá devido à proximidade com o centro da cidade, algo que não acontece com os bairros da zona oeste da cidade, que possuem indicadores muito próximos daqueles observados no Getúlio Vargas, mas que devido a sua localização geográfica, não parecem causar tanto impacto.

O fato de muitas vezes, durante as pesquisas, ter-se observado uma visão pré-concebida por parte dos gestores de ações como os PSE acerca dos sujeitos a serem interpelados por suas intervenções, aponta na direção daquilo que é entendido como um diferencial de demandas. Tal diferencial diz respeito a uma expectativa da comunidade em relação ao atendimento de necessidades que eles enxergam, que não necessariamente vai ao encontro com a visão dos projetos/programas. Em relação ao esporte, é necessário que se diga que foi relatado por alguns dos proponentes entrevistados, além de ter sido constatado através de conversas com membros das comunidades visitadas, um clamor por ações envolvendo esporte e lazer nas comunidades. Segundo a gestora do BGV na Paz, naquela comunidade, por exemplo, as duas maiores demandas seriam de segurança e esporte-lazer, inclusive.

Contudo, há o exemplo de um programa de investimento milionário na cidade, financiado pela PETROBRAS, que sofreu dificuldades durante todo o período de seu funcionamento para, ao menos, chegar próximo ao número previsto de alunos matriculados para as atividades. O que teria acontecido? Em que medida se estabelece um canal de comunicação com as comunidades a serem “contempladas⁶¹” com as atividades dos programas e projetos? Tal questionamento surge ainda no sentido de não atribuir ao proponente e ao professor o papel de colonizador, que arrogantemente diz saber o que o outro precisa para melhor viver.

Ao chegar ao final de uma pesquisa de dois anos e meio de mestrado, em que foi proposto um esforço constante de problematização do próprio pensamento e de noções um tanto cristalizadas, é possível avaliar positivamente alguma evolução em relação ao início da pesquisa: voltar o olhar para objetos, situações, práticas e personagens que sempre estiveram no campo de visão devido ao convívio no espaço dos PSE e passar a ver nestes, elementos novos e diferentes, oriundos da reflexão teórica do período da pesquisa, trazem bastante satisfação. Contudo, por haver o compromisso de construir uma dissertação que apresente de forma satisfatória alguns desses registros e demonstre a forma pela qual se chegou à conclusão principal desta pesquisa: de que o esporte (e principalmente o futebol) tem servido na sociedade brasileira como código de conduta para a educação e produção de subjetividades dos jovens (em especial, do sexo masculino), tendo o professor, no contexto dos PSE, assumido papel de pastor.

Este arquétipo, do pastor de almas, daquele que conduz o povo à salvação, mostra-se muito antigo, tão importante como o do *salvador*, por exemplo, que se encontra em qualquer

⁶¹ O verbo contemplar neste contexto afirma uma benfeitoria *a priori*, uma ideia pré-concebida muitas vezes, de certeza de que determinada comunidade precisa ou que muitas vezes depende de tais ações.

Universo mitológico que se possa debruçar para analisar. O monomito⁶², arquétipo do herói, do salvador, é encontrado na mitologia grega, nórdica, na dos povos orientais, na Bíblia (Jesus Cristo, por exemplo) e, até mesmo, na cultura *pop* atual. Um pouco diferente deste, contudo, encontra-se o do pastor. Foucault (2008^a) regressa ao exemplo de Moisés, como uma das primeiras (ou pelo menos uma das mais importantes) figuras pastorais presentes na cultura. Obviamente, no mínimo uma influência muito grande a sua figura exerce na construção do imaginário coletivo e, conseqüentemente, nos comportamentos das pessoas, dada a presença forte da mitologia cristã na sociedade.

Isto é confirmado pela ideia de que existem jovens (ovelhas) vulneráveis e de que é necessário criar estratégias para conduzi-las ao comportamento desejável (aos pastos mais seguros) e, além disso, é reforçada por frases dos proponentes das pesquisas e também dos pais. Um dos pais presentes durante um treinamento relatou (falando sobre a importância do PSE na educação de seu filho) a preocupação em “ter o adulto por perto pra mostrar pra gurizada a o caminho certo”. Segundo ele, “lugar de criança é na escola e segundo no esporte”, o que denota uma grande preocupação com uma educação que conduza o máximo possível.

Em conversa com um dos proponentes, foi abordado o assunto sobre os motivos de os jovens procurarem as atividades do projeto, chegando-se ao assunto “disciplina”. Para fomentar a discussão, comentou-se sobre exemplos de alunos que não demonstraram interesse em seguir as regras da escola, por exemplo, mas são alunos “exemplares” nos PSE ou nas escolinhas de futebol. Alunos que mostram notável desinteresse pelo conteúdo escolar, mas grande aplicação para se destacarem e aprenderem os conteúdos do esporte que praticam. Afirmou-se que os PSE são vistos como práticas educativas, que têm por objetivo produzir subjetividades e que a preocupação da presente pesquisa era com o discurso salvacionista presente nas proposições. Sobre isso, o proponente fez automaticamente a aproximação que vinha sendo pensada. Segue trecho de uma das anotações após uma das visitas ao projeto, que narra a conversa:

⁶² Joseph Campbell publicou em 1949 *O Herói de Mil Faces* (2005), um manual sobre a recorrência de certos aspectos nas narrativas e mitologias das mais diferentes partes do planeta, independentemente da época em que surgiram e da natureza destas próprias narrativas. A este conjunto de recorrências, Campbell batizou como “monomito”, tomando emprestado o neologismo encontrado no romance *Finnegans Wake*, de James Joyce (1999).

Sobre o medo de abordar o assunto da salvação diretamente

Em uma madrugada inspirada – num dos raros momentos em que nos é permitido divagar ao longo do dia - tendo o sono ido embora do mais absoluto nada, é que foi possível vislumbrar algumas das perguntas que acredito que me levam ao cerne do problema que tenho perseguido: o acompanhamento do processo de encontro de um discurso salvacionista com o sujeito que deve ser salvo. Talvez esse despertar tenha se dado no momento que me lembrei de uma conversa que tive à beira do campo neste mesmo dia em um dos PSE.

Em meio a uma conversa sobre aspectos táticos do treinamento, busquei falar um pouco sobre a minha intenção enquanto pesquisador naquele espaço. Busquei sinceridade e franqueza com aquela pessoa que havia aberto as portas do trabalho que havia se tornado sua vida, para um pesquisador com seus próprios interesses. Percebi que o medo de causar algum tipo de ofensa ou constrangimento de tocar na temática da salvação era algo não só desnecessário, mas também demasiado receoso da minha parte - como se isso tivesse sido trazido à ótica dele e dos proponentes dos PSE pela primeira vez por mim! É provável que ele e outros proponentes destas iniciativas já tenham dedicado muito tempo pensando sobre o tema, ainda que não utilizando os mesmos termos e partilhando da mesma perspectiva.

Percebi que ele lidava muito bem com isso. Talvez ele não goste de partilhar tal posição conosco por esperar uma postura um tanto crítica vindo de nós. Talvez eu simplesmente ainda não tivesse feito a pergunta (ao menos em uma abordagem que permitisse a ele ser franco também). As leituras sobre modos de conduzir uma entrevista na perspectiva cartográfica têm ajudado imensamente a me aproximar das perguntas e de uma forma mais corajosa de abordagem do assunto junto àqueles que vivem o dia-a-dia de um PSE. Tenho conseguido a partir de tais perguntas ir além da flanância e das minhas impressões sobre os acontecimentos que observo em minhas idas às atividades dos PSE.

De fato, ele confirmou que se mantém próximo à ideia de que o futebol salva, sim. Citou inclusive o caso de homens “que batem na mulher, chegam bêbados em casa”, mas que largam bebida e certos hábitos quando de sua introdução à religião. Quando falei de minha impressão e minha ideia em relação ao papel que o futebol desempenha enquanto código de conduta, modo de disciplinar condutas e sua proximidade com códigos de conduta religiosos, ele concordou incisivamente, o que me levou a reafirmar a ideia que venho formulando do futebol como maior veículo de educação não-formal dos adolescentes brasileiros, principalmente do sexo masculino. Em relação à escola, é relatado por ele, assim como diversos outros proponentes com quem temos conversado, que relataram uma facilidade muito maior de aproximação com estes jovens através das atividades esportivas oferecidas, que tendem a “atraí-los” para um ambiente que se pretende educacional (e muitas vezes doutrinador).

Relacionando essas constatações da pesquisa com a temática da pastoral (que é uma das temáticas que atravessam os PSE nessa pesquisa, a partir da análise dos documentos que levaram ao problema do discurso salvacionista), tenho formulado algumas novas perguntas para a conversa com estes jovens. “O que tu entendes por educação?”; “Qual a diferença da educação na escola pra educação que tens no projeto?”; “O que é o futebol pra ti?”; “Qual a diferença do futebol que tu joga aqui no projeto e do que tu joga no campinho?”; “O que te traz ao projeto? Qual a intenção ao vir a um PSE?”; “O que é o projeto pra ti?”; “Tu gosta? Tu vem porque quer ou alguém te orienta a vir?”; “O que tu vê no professor? O que ele representa pra ti?” “O que tu pretende alcançar com o projeto? E com a tua educação?”; “O que tu esperas da vida?”.

Algumas dessas perguntas já têm feito parte da conversa que busco empreender com eles. Algumas ainda não. Inclusive tem sido muito difícil adequar a linguagem de forma a colocar a

conversa-entrevista no plano da experiência, como propõe o referencial cartográfico, de um jeito que fuja das respostas prontas e tornar a conversa algo franco e que traga uma narrativa carregada de afetos. Tenho encontrado muito mais facilidade em adequar a linguagem e conseguir entrevistas bastante produtivas junto aos proponentes, mas encontrado muita dificuldade com os alunos.

(Trecho do Caderno de Notas, visita ao Porto da Vila, Bairro Rural).

A hipótese colocada na transcrição, formulada a partir dos dados já apresentados até aqui na dissertação, necessitava de um exame mais aprofundado. Decidiu-se, então, colocar à prova tal ideia no dia-a-dia destes espaços de intervenção esportiva não-formal, que são os PSE. Para manter o planejamento da pesquisa – que apontava o acompanhamento do cotidiano dos PSE - passou a ser necessário um investimento no sentido de pensar as estratégias metodológicas que melhor se adequassem à caminhada que se iniciava. Era, então, o momento de calibrar ainda mais as perguntas para seguir colocando em ação a ideia da flanância.

Tal calibragem passa por retomar o problema central da pesquisa: a relação entre a noção de salvação e o futebol dentro das proposições dos Projetos Sociais Esportivos na cidade do Rio Grande, RS. Além disso, retoma-se a pergunta-problema que guiou as escolhas metodológicas em torno da flanância: quais as estratégias criadas para conformar e produzir modos de vida a partir deste discurso salvacionista nos PSE? Deste modo, durante o processo de flanância na pesquisa, buscou-se formular perguntas para conversar com os sujeitos envolvidos com os PSE direta ou indiretamente, com o objetivo de apreender e registrar falas, conversas, situações e quaisquer intervenções no sentido de destruir ou produzir modos de viver. Se o discurso salvacionista encontrado nas proposições - a partir de um diagnóstico do presente e de uma história das problematizações – indica um modo pastoral de governar, como isto se manifesta nas atividades dos PSE? Trata-se de colocar em prática uma atitude hipercrítica em relação àquilo que havia sido encontrado nos dados até o momento e de colocar em prática a flanância, enquanto operação. O que é apresentado neste capítulo, portanto, é fruto principalmente daquilo que foi encontrado a partir do olhar *flâneur* durante as visitas nos PSE e está organizado em torno de três eixos principais: (i) a constatação de que o esporte é assumido como uma ferramenta para a educação nos PSE, (ii) a ativação de práticas de in/exclusão como prática de política de governmentação e (iii) a conclusão de que as práticas observadas caracterizam-se por um fariseísmo, colocando os sujeitos em condição de inferioridade para investir em sua formação.

5.2 O ESPORTE COMO FERRAMENTA: É NECESSÁRIO “ESTAR LÁ” PARA PRODUZIR OUTROS MODOS DE VIDA

Por que o futebol? A partir desta esta pergunta, foi possível apreender algumas pistas, a começar pela obviedade com que se responde a ela, uma vez direcionada aos proponentes. Em outro investimento de pesquisa (CRUZ, 2014), a resposta saltava com extrema rapidez da boca dos proponentes: porque é a ferramenta que tenho ao meu alcance para “tirar os jovens das ruas”, “tirar das esquinas”, “ocupar seu tempo ocioso”, “manter longe das drogas e das más companhias”, “passar alguns valores”, “resgatar sua auto-estima”, entre outros. Também nesta pesquisa, este assunto acabou sendo bastante abordado:

“O esporte é a maior **ferramenta** que a gente tem hoje, posso dizer assim, com certeza, no Brasil, pra tentar minimizar a situação miserável que vivem as famílias e a falta de alguma atividade que traga alegria pras crianças. Então assim, quando eu comecei um trabalho com projeto social através do esporte, lá em 1993, a ideia era essa. Era de oportunizar e tornar as crianças mais alegres, pelo menos naquele tempo que ele passa dentro dum projeto social. Então essa ferramenta de inclusão através do esporte e de buscar, de passar um pouco de cidadania e educar eles um pouquinho através do esporte, pra mim, que sou um profissional da Educação Física é a maneira mais fácil e mais eficaz que nós temos hoje de tentar educar uma criança, seja ela do bairro que for, de onde quer que ela venha.”
(Entrevista com o proponente do Projeto Semente Olímpica).

“Eu acho que a cultura que a gente tem também, faz com que o esporte hoje seja um **chamamento pra criança**. E aí a bola, vamos dizer aí através da bola, através da dança, através do jogo, que na verdade ele tem o lado lúdico, tem o lado competitivo chama a criança pra nós. A gente tendo a criança aqui, daí a gente pode tentar passar valores, e aí usar o exemplo do próprio jogo né. Usar aquilo que traz o jogo, usar pra exemplos da vida. Então a gente faz muito essa troca.”
(Trecho de entrevista com psicóloga do Projeto Semente Olímpica).

O esporte (e o futebol principalmente, como têm-se observado a partir dos dados) é a ferramenta, portanto. Eis uma recorrência facilmente observável nos discursos que cercam os PSE e que tem sido a resposta em relação a *porque* o futebol. Confirma-se como uma ferramenta – ou uma estratégia, nos termos tratados durante a pesquisa - que os proponentes relatam ter para “fazer alguma coisa”. É *através* dele (do esporte, do futebol) que se passam valores, que se educa e que se moldam os jovens da forma como se pense mais adequada. É *através* dele que se pretende salvar de modos de vida indesejáveis ou inaceitáveis.

Essa necessidade de fazer algo denota a já mencionada preocupação com que o futuro dos jovens esteja em “risco”. São vulneráveis e, portanto, são necessárias ações para protegê-los, logo, salvá-los. Por mais que seja indicado que o oferecimento da prática esportiva é somente para oportunizar uma atividade, mostrar outro caminho mais adequado torna-se o imperativo. Após conversa com um ex-aluno de um dos projetos que visitava, surgiu novamente a oportunidade de conversar com o proponente daquele projeto. O proponente relatou certa decepção com aquele ex-aluno, pois, segundo ele, este já não praticava mais o esporte que gostava, já havia terminado o ensino médio e não estava trabalhando no momento. Tal relato demonstrou um resultado que não era o esperado por ele enquanto educador, preocupado em conduzir o modo de viver dos jovens ali presentes.

Assim como neste caso, há pistas de modos de vida que não são classificados como adequados: os jovens envolvidos com o tráfico, os que não estão inseridos no mercado de trabalho, aqueles que não estão na escola, os que ficam muito tempo na rua, as jovens que se tornam mães muito cedo e são obrigadas a sair da escola, e, se observada a transcrição abaixo, parece que o motivo colocado é o meio de convívio e a intenção é afastá-los do modo de vida em que estão inseridos. Trata-se da destruição de modos de vida tratados anteriormente.

[A intenção] “É oportunizar uma modalidade esportiva. Mostrar pra ela que a realidade dela é muito maior do que aquela da comunidade em que ela vive. O intercâmbio que o esporte proporciona faz com que a criança enxergue que na vida dela, ela tem outras possibilidades, ela não precisa ser exatamente aquilo que ela observou toda vida a família ser. Ela pode ser outras coisas.”.

(Trecho de entrevista com psicóloga do Projeto Semente Olímpica).

Corroborando com tal afirmação, em um dos encontros do grupo de trabalho temático, um dos proponentes falou sobre a importância de “criar outras possibilidades”, sobre o projeto ser uma forma de oportunizar outro caminho aos jovens daquele território específico onde a ação buscava atuar. A palavra *outro*, neste contexto, acabou se mostrando também uma recorrência. Desta forma, ficam muito bem delineados os modos de vida que não são aceitos. A intenção, com essas ações, é produzir outros sujeitos, com outros comportamentos, de forma que não se assemelhem inclusive com aquilo que ele “observou toda a vida a família ser”. É uma insatisfação com aqueles modos de vida de determinados territórios. Portanto, educar para destruir modos de vida e produzir outros, através do esporte.

Em determinado momento do funcionamento de um dos encontros do GTT, uma das participantes comentou que o bairro onde o programa com o qual está envolvida atua possui

algumas lideranças com quem costuma conversar, inclusive para articular ações específicas na comunidade. Inúmeras vezes a proponente relatou resistências de tais lideranças quanto ao funcionamento do projeto e das atividades propostas, chegando a afirmar que existe uma forma muito específica de funcionamento do bairro, inclusive, com o tráfico de drogas. “Eles se organizam”, ela afirmou, se referindo às demandas de espaço físico para as práticas esportivas, levantadas pelos moradores e relatadas aos agentes do programa e da administração municipal.

Da mesma forma, ao conversar com representantes de Associação dos cinco bairros diferentes da cidade onde a pesquisa foi realizada (Bairro Getúlio Vargas, Santa Tereza e Cidade de Águeda, Barra e Rural), foram encontradas reivindicações neste mesmo sentido: construção e disponibilização de espaço físico para uso da comunidade. Há que se dizer que todos ressaltaram que são favoráveis às ações dos projetos e programas que atuam em seus bairros com o oferecimento de práticas esportivas, mas são muito mais enfáticos ao cobrar a disponibilização do espaço, em detrimento de ações programáticas. Uma vez que alguns dos proponentes mostraram-se cientes desta reivindicação, qual o motivo de enxergarem a necessidade de proposição de ações específicas? De acordo com o que tem sido visto nas proposições, tal necessidade parece advinda de um desejo de estar inserido no espaço para propor ações de acordo com uma demanda enxergada pelos propositores e não necessariamente por aqueles sujeitos a quem as ações estão voltadas. Se não existe uma demanda tão latente em relação a ações programáticas, porque é necessário “estar lá”? O trecho abaixo é uma transcrição de uma reunião do Grupo de Trabalho Temático no qual esta temática foi abordada:

Felipe: “Parece que existe em relação ao esporte e lazer, uma certeza de que eles podem resolver essas coisas todas né”. **Alisson:** “Porque eles resolvem. De fato, eles têm resolvido. Porque nós, poder público não estamos lá.” [Alisson explica a constituição de uma rede a partir dos grupos de prática desportiva que vêm sendo desenvolvidas] “Eu penso que eles querem a liberdade pra executar o esporte da maneira que eles quiserem, eles se resolvem. Nós estamos achando que a oferta é nossa, mas a nossa verdadeira oferta é a estrutura, porque dali eles vão ocupar da maneira que quiserem (...) **Alisson:** “Nós estamos muito distantes da linguagem juvenil. (...) Com isso eu não quero dizer que o remédio (porque nós estamos na lógica do remédio), então é o futebol. Mas é um jeito de poder conversar com a fase em que eles estão. Me dizia uma liderança comunitária que tem um trabalho com o futebol: ‘olha, o cara tá com a pistola na cintura e eu convido ele pra jogar bola. Ele não vai, eu sei que ele não vai, mas ele nunca deixa de falar comigo. E eu nunca deixo de convidar.’ Se não fosse o futebol, ele diz, o que eu ia falar com esse cara? Esse jovem com a pistola na cintura. (...) Ele diz: ‘ele me conhece, me reconhece

porque eu sou uma referência pro futebol na comunidade. Então a pistola não me impede de acessar ele.”

Felipe: “Eu to imaginando uma cena. O dia que ele convidar esse menino, talvez, que tenha uma arma na cintura, ele tem autoridade inclusive pra dizer assim: ‘não, mas a tua arma tu bota ali no canto porque tu vai jogar.’ E ele vai respeitar”. **Alisson:** “Ele vai, ele vai. Porque a lógica é outra. A lógica é, no regramento do futebol, então entra uma outra lei, e aí essa outra lei, entre aspas né, é um consenso do futebol que consegue sobrepor, ou fazer um intervalo com aquela outra lógica do crime. Abre uma janela.”

(Transcrição de reunião nº 2 do Grupo de trabalho temático).

Uma vez que a proponente relata uma dificuldade de acessar a “linguagem juvenil”, o esporte mostra-se a ferramenta para diminuir tal distância com a intenção de estabelecer um diálogo em que seja possível realizar um investimento educacional. Tentar repassar os valores que entendidos como os corretos com a intenção de moldar também aqueles sujeitos que se mostram mais resistentes aos discursos educacionais. No caso desta iniciativa (BGV na Paz), o esporte é uma forma de o Estado estar presente em uma comunidade enxergada como problemática para buscar moldar os modos de vida daqueles envolvidos no projeto. É importante destacar, contudo, em relação a esta relatada “necessidade de fazer algo”, o fato de que essa iniciativa claramente não é atribuída única e exclusivamente ao Estado ou, mais especificamente neste caso, tratando-se de educação, à Escola. O discurso de carência no atendimento educacional é também recorrente. E, em se tratando de esporte, prevalece a ideia circunscrita nos documentos ligados ao EPT, anteriormente citados: apesar de constar na Constituição de 1988 como direito, o discurso ligado à prática esportiva é o do voluntariado, de transferência para o terceiro setor. Um discurso já bastante conhecido que afirma que o Estado não é capaz de suprir as necessidades (instituições em crise) e consequente transferência para o setor privado e terceiro setor. Transferência esta que parece corroborar com a difundida ideia de crise da instituição escolar, lacuna tão discutida na contemporaneidade, na qual se encaixam as infinitas proposições educacionais, algumas das quais esta pesquisa apreendeu.

Fato que ilustra que esta necessidade de se fazer presente nas comunidades, sem que isso parta exclusivamente do Estado, é a semelhança muito grande do discurso empregado em iniciativas vindas do setor privado e do terceiro. A necessidade de controlar este público jovem parece ter se difundido ao ponto de a própria sociedade civil ter assumido pra si tal tarefa. Um exemplo bastante potente é o do Projeto Formando Craques, já mencionado. Financiado por uma empresa do Pólo Naval, escolheu como público-alvo crianças de comunidades de baixa renda da cidade, tendo como critério de seleção crianças de até 13 anos

que tivessem dificuldade de aprendizado e mau comportamento nas escolas às quais o projeto estava vinculado. A ideia repassada aos professores-monitores⁶³ era de que fossem ensinados valores através do futebol, uma vez que o discurso educacional empregado nas disciplinas regulares da instituição escolar parecia não ter êxito. Portanto, moldar o comportamento através da prática esportiva. Mas a partir da presente pesquisa foi possível apreender ainda outros exemplos do modo pelo qual operam os PSE, em termos de práticas, com esta ferramenta que é o esporte:

Estávamos conversando com a coordenadora do CRAS acerca do trabalho delas, sobre o funcionamento dos projetos no local, sobre a relação com a comunidade de um modo geral, ao passo que ela ia contando histórias que iam demonstrando aquilo que para ela se mostrava importante em seu trabalho, o que a motivava. Ao mesmo tempo que conversávamos (Arisson, ela e eu), os guris jogavam bola no espaço do lado do prédio construído, onde era o “campinho” improvisado, sempre com goleiras feitas com calçados ou pedaços de pau. Eram poucos, não chegavam a 10. Alguns deles eu havia conhecido dias antes, na primeira vez que fui ao local. Um deles foi abordado pela coordenadora no momento em que ela o viu e pareceu se lembrar de alguma coisa. Ela perguntou pelo irmão mais velho e pediu que o menino avisasse à mãe deles que ela gostaria de conversar e em seguida nos explicou o motivo, dizendo que o irmão mais velho, que também freqüentava o local há alguns anos (e recentemente pouco passava por lá), havia se envolvido com os meninos mais velhos que tinham proximidade com os traficantes locais. Por esse motivo, ela aproveitou a presença do irmão mais novo para conseguir falar com a mãe, algo que talvez se tornasse tarefa mais difícil caso ele não freqüentasse o CRAS para jogar futebol, como explicou a coordenadora, reafirmando a importância de “chamar” as crianças para aquele espaço. (Trecho do Caderno de Notas, segunda visita ao CRAS Cidade de Águeda).

“O futebol abre uma janela”. Esta última frase traz de forma bastante clara um dos pontos que se destacou durante a pesquisa no que diz respeito à relação estabelecida entre o futebol (destacadamente entre as outras modalidades) e aqueles objetivos dos PSE observados. Trata-se do *modus operandi* desta ferramenta (ou estratégia) mencionada anteriormente que faz uso do esporte, o que pode ser observado na situação narrada no primeiro quadro e na explicação transcrita no segundo. Os PSE, enquanto práticas educativas, localizados em meio a uma série de políticas de um dispositivo de segurança, elenca o futebol para exercer essa função individualizadora, para conhecer a cada um. A estatística conhece a todos, a estratégia de capturá-los através do futebol busca individualizar, identificar os riscos

⁶³ Tal relato é advindo de experiência profissional deste autor no referido projeto.

que cada um deles apresenta à sociedade. Maneira de conduzir os jovens e investir na produção de seus modos de vida, buscando moldar seu comportamento até que ele tenha uma conduta “aceitável”. Colocada a crise da escola, que de certa forma exerceu este papel na sociedade, o futebol vem como estratégia alternativa para capturar esses sujeitos de modo a tornar possível que as políticas de produção de modos de vida cheguem a esses sujeitos que escapam da Escola.

O futebol enquanto jogo, é uma situação artificial, outra realidade que estes sujeitos parecem procurar. Por dentro desta realidade, desta abstração da realidade, é que são trabalhados alguns valores como aqueles que foram elencados durante o texto: disciplina, iniciativa, liderança, respeito às regras, equilíbrio emocional, cuidado com o corpo. Um modo de interiorizar nestes sujeitos a verdade que prega no sentido da construção de cada um como empresário de si, capaz de se autogovernar, de buscar por mérito próprio estar incluído. Isto é que se compreende como a produção de um cidadão-ativo.

5.3. O ESPORTE COMO ESTRATÉGIA NEOLIBERAL DE IN/EXCLUSÃO PARA A PRODUÇÃO DO SUJEITO COMPETITIVO

Nos momentos disponíveis para abordar os assuntos da pesquisa diretamente com os alunos dos PSE, buscou-se perguntar, de forma bastante simples e ampla, os motivos que os levavam a se fazer presentes nas atividades do projeto. A resposta, de modo geral, era bastante simples e rápida: “pra manter a saúde”, “porque eu aprendo bastante coisa”⁶⁴, etc. Ainda que se tenha observado uma “captura” bastante efetiva dos jovens através do futebol, principalmente, buscou-se ao longo do processo também estar atento aos pontos nos quais essa estratégia falhava, em que eram encontradas resistências:

Pedro - Tem alguém que desiste aí do treino, que não vem mais ou alguma coisa assim?

Aluno 1 – Tem gente que não vem, um exemplo, é só porque, no treino, eles levam goleada.

Aluno 3 – Teve uma vez que era maratona. Aí eles foram embora pra casa, daí o Valdir não deixou mais eles treinar.

Pedro – No meio do treino foram embora?

Aluno 3 – Não, porque o Valdir disse que ia começar a maratona.

⁶⁴ Citações transcritas das entrevistas gravadas em áudio.

Pedro – Ah sim, por que era maratona eles foram embora?

Aluno 1 – É, mas agora sempre o Valdir fala quando é maratona pro cara já vim de chuteira.

Aluno 3 – Aí ele já vê, porque tem gente que ele avisa que é maratona e não vem, só porque é maratona.

Aluno 1 – Tem alguns que nem vem porque é maratona e ele nem convoca pro jogo.

(Trecho de conversa gravada com os alunos da ONG Porto da Vila).

Sobre as desistências, dois motivos foram rapidamente elencados pelos alunos: a “maratona”, que se refere aos treinos voltados à melhora da capacidade aeróbia, em que os alunos têm de correr determinada distância; e o fato de levarem “goleadas” em determinados treinos. A respeito do primeiro motivo, confirma-se a ideia de que o jogo é um grande atrativo para a maioria dos alunos, mas o caráter de treinamento adotado já sofre alguma resistência. Algo que se confirma no relato de que alguns alunos desistem após sofrerem as goleadas. Um ambiente de treinamento esportivo torna possível tal situação, em que um time pode estar muito qualificado tecnicamente ou melhor preparado do que o outro, demonstrando isso dentro da partida. Contudo, é mais uma característica do esporte que se afasta do difundido ideal de inclusão.

O esporte tem se mostrado excludente, predominando, na maioria das vezes, a lógica piramidal, na qual é indicada sua prática como socializadora ou educacional, conforme discutido no capítulo anterior. É uma prática que ensina a autogestão para competir. Por mais que se insista na ideia do esporte educacional, que teria como objetivo incluir a todos, muitos tendem a ficar de fora (sendo sempre incluídos em um espectro ou nível diferente). E quanto mais próximo do treinamento de alto nível, mais excludente se torna.

Em relação a este contínuo movimento de classificação e in/exclusão, Lopes (2009) trata da inclusão como prática política da governamentalidade, indicando a promessa de ascensão e mudança do *status* social como forma de regulação dentro de uma rede consumo. Tratam-se, portanto, de “gradientes de inclusão” que tem por objetivo manter os sujeitos em constante competição com o objetivo de ascender socialmente para sair de uma condição de pobreza ou falta de recursos. Os freqüentes discursos veiculados em torno do esporte (destacadamente aqueles que circulam em meio às proposições dos PSE) enquanto forma de escapar da pobreza parecem se articular sobremaneira a este conceito de inclusão.

No mesmo projeto destes alunos que participaram da entrevista, existe, por exemplo, um mecanismo que possibilita àqueles atletas que se destacam participar de uma avaliação nas

categorias de base de um clube da cidade, o que leva alguns alunos a se empenharem mais durante os treinamentos, o que torna o ambiente mais competitivo. Neste projeto, assim como nos outros visitados, a formação de times para competições na cidade era uma constante. Segundo alguns proponentes, é o que motiva os alunos a seguirem participando das atividades, mas também, conforme foi possível constatar, afasta aqueles que não conseguem acompanhar o desenvolvimento técnico do resto da turma.

Se o futebol ajuda a estabelecer um canal de diálogo com a juventude, há que se considerar ainda, que não é com todos que este canal funciona. Preocupando-se mais uma vez com a afirmação de que os PSE, na contemporaneidade, se tornam hegemonia no oferecimento de serviços de esporte e lazer enquanto política pública, é importante levar em consideração não só que esta política parece ser falha em capturar os sujeitos (falha enquanto estratégia), mas também em criar o ambiente socializador e educacional presente nas proposições. Em geral, os que permanecem e se mostram mais assíduos⁶⁵ são aqueles que vão demonstrando evolução técnica e condições de “fazer parte do time” para as competições. Há, nesta direção, o relato de um dos proponentes que, apesar de formar times e já ter participado de competições, decidiu manter o projeto somente com jogos amistosos. O motivo para isto, segundo ele, é que tentava colocar todos os alunos para participar e acabava sofrendo goleadas, desmotivando os alunos que, muitas vezes, acabavam desistindo. Por esse motivo, passou apenas a ministrar aulas e em algumas datas marcar jogos contra equipes com abordagem metodológica parecida, buscando se aproximar de uma ideia de participação de todos. Muitos dos times contra os quais ele jogava eram autodenominados projetos sociais que afirmavam trabalhar a chamada concepção educacional do esporte, mas que colocavam o foco nas equipes de competição.

Outro proponente relatou ideia parecida com a do caso comentado, conforme é possível verificar abaixo:

“O projeto social, enquanto ele for preocupado com o rendimento, ele não nos leva a nada. O esporte ele é muito além da competição, ele é muito além.”.

(Entrevista com o proponente do projeto Semente Olímpica).

⁶⁵ Apesar de não haver um dado exato, tal apontamento é feito de acordo com as observações das atividades que se acompanharam, mas também com base em meus próprios registros formais enquanto funcionário de dois projetos sociais e de observações de pesquisas anteriores. O que acontece, de modo geral, é que os alunos mais frequentes e que permanecem mais tempo frequentando as atividades são aqueles que vão tendo condições de melhorar tecnicamente. Por mais que haja um grande investimento em alguns projetos de adaptar a prática esportiva para torná-la mais abrangente e inclusiva (esforço presenciado em alguns lugares), o que se vê nos projetos que trabalham com o futebol, de modo geral, é a formação de times para competição, o que acaba por restringir a prática esportiva a um número pequeno de praticantes incluídos.

Este proponente relatou preocupação em não manter o ambiente de competição em seu projeto. Apesar de participar de competições, reforça a ideia do esporte como “ferramenta de socialização e educação”. Tal discussão foi frequente durante as conversas com os proponentes, o que denota, algumas vezes, a tensão com a denominação “social”, tendo inclusive ocorrido relatos durante a pesquisa de situações de atrito entre proponentes de PSE na cidade, devido à denominação dos projetos em relação ao termo social, que se mostra bastante eficiente para a captação de recursos, mas que parece bastante desgastado devido à recorrente apelação que existe em relação ao termo, assim como acontece em relação à noção de inclusão. A discussão da abordagem do esporte nestas iniciativas foi assunto recorrente durante a pesquisa, havendo inclusive esta certa “tensão” entre os PSE, o que demonstra que o futebol como estratégia (ou ferramenta, nas palavras dos proponentes) não é algo tão unânime para a condução dos jovens, inclusão, socialização ou para sua salvação.

Contudo, os PSE parecem ativar nesta rede discursiva a ideia de que o esporte molda e educa de modo a incluir os jovens em um grupo onde o código de conduta considerado ideal parece ser aquele adotado na prática esportiva. E tal ideia parece se reproduzir com considerável êxito em nossa sociedade, considerando os inúmeros exemplos já elencados da mídia, das proposições de políticas públicas, dos próprios PSE, legislação e se materializa mais uma vez no exemplo abaixo:

“Não deixa de ser uma continuação da... uma aula de vida né. O ganhar, o perder, o superar derrota, o trabalhar em equipe, fazer amizades... quer dizer, ele não é teu inimigo, ele é teu rival, ele é teu colega. Terminou a partida sai todo mundo abraçado, essa coisa do companheirismo né, que é o que vale no final de tudo. Daqui, se botar, de trezentos talvez saiam um ou dois jogadores, mas com certeza vai sair trezentos pai de família, trezentos cidadãos de bem. Se o cara for ver uma estatística aí, não sei te dizer número, mas quem tá no esporte dificilmente se desencaminha pro lado do crime ou pro lado de coisa errada né cara. Então acho que o esporte é o caminho.

(Entrevista com pai de aluno do Projeto da ONG Porto da Vila).

O trecho acima é uma transcrição de entrevista realizada com um pai de aluno de um dos PSE visitados que trabalha com futebol. A pergunta era referente aos motivos que o levam a considerar importante a presença do filho em uma escolinha de futebol⁶⁶ e o que o

⁶⁶ No caso deste projeto e de vários outros que se autodenominam projetos sociais esportivos, apesar de não atribuírem para si o título de escolinha de futebol, suas atividades são típicas destes espaços de treinamento de atletas. As atividades realizadas são características de centro de formação de atletas e centros de treinamento, com objetivo de aprimorar questões técnico-táticas, além de físicas e psicológicas dos alunos, com vistas a lançá-

esporte agrega em sua educação. Tal depoimento é um exemplo que caracteriza uma das principais manifestações encontradas em torno dos PSE e do esporte como ferramenta educacional: de que a prioridade no espaço não é a formação do atleta, mas do “cidadão”. Essa ideia vem ao encontro daqueles discursos observados no EPT, que vendiam a ideia do esporte como ferramenta educacional por excelência, como veículo privilegiado de inclusão social, o que só reforça a ideia de reprodução deste discurso no país.

A expressão “cidadão de bem”, inclusive, tem sido bastante utilizada nos últimos tempos para caracterizar sujeitos em oposição ao “bandido”⁶⁷. Observa-se a ideia do futebol e dos PSE como forma de prevenção da chamada “formação do bandido pelo tráfico”, que identifica os sujeitos virtualmente expostos a tal risco, contexto no qual o esporte é apontado como forma de evitar tal resultado e possibilidade de inclusão em grupos onde é possível exercer maior controle. Entendendo os exemplos aqui mencionados enquanto pontos em uma rede de informações, é possível apreender na imagem abaixo o modo pelo qual esta lógica se reproduz facilmente em nosso tempo:

los para clubes de futebol (inclusive havendo convênios com clubes de futebol profissional da cidade e categorias de base desses clubes).

⁶⁷ Frequentemente seguido da afirmação que “bandido bom é bandido morto”, principalmente nos acalorados discursos fascistas, que encontraram amplificação nas redes sociais nos últimos anos.

Figura 3 - Texto do Jornal Agora do dia, apresentando uma nova iniciativa (Atletas da Cidadania) na cidade, vinculada à empresa QGI Brasil.

www.jornalagora.com.br | ESPORTE

AGORA

QGI Brasil dá início a projeto social e esportivo 'Atletas da Cidadania'



Projeto retoma com mais uma modalidade, o vôlei. Na foto, equipe de futebol

A QGI Brasil retomou o 'Atletas da Cidadania', projeto que desenvolve atividades socioeducativas e esportivas com alunos das escolas públicas que a empresa apoia. As escolas E.M.E.F. Admar Corrêa e E.E.E.M. Augusto Duprat participam do projeto e estão situadas nas proximidades da empresa, nos bairros Santa Tereza e Getúlio Vargas, respectivamente.

Este ano, o projeto conta com uma novidade. A empresa abre suas portas e recebe os alunos nas suas dependências, onde dispõe de duas quadras esportivas, local para lanche, banheiros e vestiários. A QGI

Brasil disponibiliza ainda toda a infraestrutura, para que os 45 alunos, na faixa etária entre nove a 12 anos, tenham treinos em três dias da semana, em um espaço adequado para o momento das práticas esportivas, descanso e lazer.

Outra novidade deste ano foi a implantação da modalidade de vôlei para meninas, além do futebol de quadra e de campo, que já eram oportunizados aos meninos. A QGI Brasil fornece, ainda, uniformes, material esportivo completo, instrutores, professor especializado e lanches. As práticas são oferecidas no contraturno ao período de aula.

Como já é tradicional, logo no início das atividades, os alunos passam por uma avaliação física, fazendo ainda a pesagem e medição. O professor Marcio Ribeiro França, coordenador do projeto, ressalta que, "apesar de ser um projeto com característica esportiva, a ideia principal não é formar atletas, meninos no futebol e meninas no vôlei, mas, sim, potencializá-los como cidadãos de bem". Marcio conta que, para participar do projeto, os alunos têm que apresentar bom comportamento, desenvolvimento positivo na escola e frequência adequada.

Fotos: [illegible]

Fonte: Jornal Agora do dia 3 de maio de 2016.

A importância do esporte como veículo para a produção do "cidadão de bem" é novamente aqui evocada. Quem é o cidadão de bem? O par bandido/cidadão de bem parece se aproximar bastante do par público-alvo vulnerável/cidadão ativo. O público-alvo dos PSE recebe tal denominação à medida que está exposto ao risco de se tornar um bandido, ao mesmo tempo em que a intenção de tornar vulneráveis em cidadãos-ativos tem como objetivo a formação do chamado "cidadão de bem". Mais uma vez, cabe perguntar: quem é o cidadão de bem?

Neste contexto, em que há um público-alvo de PSE facilmente delineado como perigoso e vulnerável – o jovem do sexo masculino morador da periferia⁶⁸ - foi identificado de forma muito recorrente como problema a relação estabelecida entre este público e a instituição escolar. O relato trazido anteriormente, relacionado ao bairro Cidade de Águeda, ilustra em alguma medida este problema a partir dos relatos de inúmeros casos de depredação e de problemas na relação entre os professores e alunos, de forma diferente da relação estabelecida com o Centro de Assistência Social e com o projeto de futebol desenvolvido no local, onde os mesmos alunos acabam por respeitar as regras estabelecidas. Somando-se a este relato, considera-se importante para ilustrar esta relação o depoimento de um profissional que trabalha com um dos PSE visitados. Sobre a diferença da relação com a escola e com o projeto, este afirma que:

“Eles se sentem motivados a vir fazer e com essa motivação a gente consegue trabalhar os valores. Que é diferente daqui a pouco de uma matéria numa escola, que tu vai pra escola pela obrigação, não é porque tu gosta de ir. Eles não, eles gostam de estar aqui, eles gostam de estar participando do projeto, eles chegam sempre antes do tempo. Então isso já é uma motivação que nos ajuda a conseguir lidar com eles, uma troca. Bom, se tu gosta de tá aqui então tu tem que ter disciplina, tem que ter alguns tipos de valores que a gente concretizou aqui na escola e a partir disso tu consegue vincular mais tua criança do que, digamos, um professor de matemática, né? A criança vai pra aula de matemática: ‘ah, mas eu não gosto de matemática’, mas tem que ir pra aula de matemática. Aqui não, ela vem porque ela gosta, porque ela quer, aí ela já chega ela já gosta do professor, aí isso tudo é um somatório pra gente conseguir vincular, pra a partir desse vínculo conseguir implementar alguma coisa educacional, de desenvolvimento pra elas.
(Trecho de entrevista com psicóloga do Projeto Semente Olímpica).

É identificado facilmente um problema na relação desses jovens com a instituição escolar e com os conteúdos nela ministrados. Em sua fala, é relatada uma rejeição por parte de alguns alunos com a escola, algo que, segundo o depoimento, não acontece na prática esportiva oferecida pelo projeto. Fica indicado que o esporte acaba servindo como meio para a formação desse cidadão que se almeja, por dentro das regras do esporte. As regras estabelecidas no meio esportivo e os valores difundidos acabam servindo como código de conduta que guiará a formação destes jovens. Dentre esses valores encontram-se aqueles que, corroborando com Veiga-Neto (2000), apontam-se como necessários para a formação do sujeito ideal competitivo para o neoliberalismo.

⁶⁸ Se não se possuem dados suficientes para defender tal tese no restante do país, neste trabalho é possível apontar que, no caso riograndino, se aplica tal caracterização a partir dos PSE visitados nesta pesquisa e daqueles com os quais se teve contato ao longo dos anos nas diversas pesquisas empreendidas em torno dos PSE da cidade.

Por mais que haja um enfoque na cooperação e em outros elementos que não são os principais do esporte de competição, estes, inerentes ao alto nível, estão presentes e acabam por pautar em alguma medida a formação. Exemplo disso é o fato já mencionado anteriormente de que vários dos projetos acabam funcionando como escolinhas de futebol, mais ou menos competitivas, mas obedecendo a uma lógica bastante específica. O modo de se autoconduzir se pauta, em alguns casos como esses, pelo sucesso em melhorar enquanto atleta.

5.4. PEDAGOGIA E FARISEÍSMO

Buscou-se até aqui esboçar uma pequena narrativa acerca daquilo que foi encontrado durante a perseguição do problema de pesquisa: professores, professores em formação, estagiários, monitores ou mesmo estes que sem formação acadêmica assumindo para si a tarefa de educar, elevando-se e arrogando para si o direito de determinar *a priori* o que é melhor para o outro, baseado em um ideal construído de sujeito. Esta figura idealizada e estigmatizada do morador de periferia encontra-se bastante enraizada e é reproduzida incansavelmente em nossa sociedade, causando inclusive surpresas quando há a oportunidade de conhecer e observar de perto as diversas e incrivelmente singulares comunidades, como na situação narrada abaixo:

Caminhamos pela rua paralela à escola e o Centro de Assistência, enquanto observava a movimentação dos moradores em seus afazeres, naquela manhã de raro tempo bom no inverno. Ao chegar na casa, o Arisson logo reconheceu a senhora que procurava, que logo nos convidou para entrar, oferecendo duas cadeiras para sentarmos no pátio da frente.

Durante aquela hora em que estivemos presentes com ela, presenciamos uma pessoa falando sobre sua vida. Ela contou sobre o local onde morava, sua relação com a mãe no passado, com as filhas atualmente, os trabalhos que realizava para se manter e, por sugestão nossa, falou sobre sua relação com o bairro. Muitas vezes positiva, principalmente quando relatava a função que muitas vezes assumia para si, de dar abrigo às crianças que, por um motivo ou outro, acabam sendo “largadas” no bairro. Contudo, também os aspectos negativos. Destes negativos, o que me chamou a atenção foi o relato sobre abuso de um vizinho da rua de trás sobre sua filha adolescente. Mais impressionante para mim foi saber que o caso não foi resolvido legalmente e o homem continuava a morar no local.

Pudemos ter uma ideia das relações estabelecidas por ela no bairro, além de registrar um retrato da vida naquele local inesperado para mim, onde mesmo após o relato de abuso do vizinho, das condições precárias de saneamento, dos problemas com o tráfico a algumas ruas dali, o comentário era de que ela não queria sair dali. A fala demonstrava uma satisfação muito grande com aquele local. Notava-se, no relato, um apreço muito grande àquela casa que ela havia conseguido. Principalmente vindo do relato de como havia sido o processo junto à Prefeitura Municipal para viabilizar a moradia. Ela inclusive tinha o jornal com uma matéria abordando o cadastro e distribuição das casas e uma específica com ela, no momento em que foi cadastrada para receber a moradia. A ideia presente no relato era de se manter naquele local onde ela estava estabelecida pelos anos que viriam.

Aqueles que, para mim, eram problemas imensos pareciam ter sido contornados facilmente por ela para se adaptar e viver com serenidade no local. Me surpreendi com o fato de ela falar que “não tinha do que reclamar”. Citava o mal-cheiro vindo da vala na frente da casa naquele dia, mas informando que um dos vizinhos já iria ajudar a consertar o problema; citava também o desconforto de morar próxima ao vizinho que havia abusado de sua filha, mas relatando que o mesmo não havia se aproximado mais após o acontecido; citou os jovens envolvidos com o tráfico no bairro, mas demonstrou nunca ter tido qualquer tipo de atrito com suas atividades.

Não pareceu querer sair dali. Não era alguém que demonstrasse revolta com a vida que levava ou quisesse tê-la alterada. Existia ali uma mecânica de forças onde os moradores pareciam se ajudar como podiam. Ela inclusive, relatou ter assumido a tarefa de cuidar dos filhos de alguns vizinhos que saíam para trabalhar. Estes, por vezes pagavam. Mas muitas vezes não tinham condições, o que não a impedia de cuidar seus filhos mesmo assim quando pediam novamente. O rapaz da casa à frente ajudava em alguns serviços de conserto ou manutenção da casa. Relatou a necessidade de melhorias no bairro e em termos de transporte (tornava-se muito caro e demorado o acesso ao centro da cidade). (Trecho do Caderno de Notas, referente à quarta visita ao CRAS Cidade de Águeda).

Na mesma Cidade de Águeda, uma das professoras do CRAS relatou o difícil relacionamento que os professores vindos de fora da comunidade estabelecem com os alunos. Caso semelhante foi observado também no período em que fui professor/monitor de um projeto social que tinha suas atividades junto a escolas da cidade: professores, que muitas vezes não querem estar nas comunidades da periferia, vão para estes espaços com uma enorme bagagem de “pré-conceitos” e uma idéia pré-determinada em relação ao que vão encontrar e como devem buscar mudar e moldar os sujeitos, colocando-se nos espaços educativos com o intuito de tentar “salvar uma alma pelo menos”⁶⁹.

⁶⁹ Termo com o qual me deparei diversas vezes, não só durante esta pesquisa e as outras de que participei, mas também ao longo de toda a vida. Recordo entrevistas na televisão, matérias em jornais e revistas, conversas com professores, colegas, amigos, etc. Mostra-se uma ideia bastante difundida em nossa sociedade, a de que o

O fato de ter visto nas proposições discurso semelhante ao relatado pela professora do CRAS, ao observado enquanto participante e professor de projeto e que tenho visto ser reproduzido ao longo dos anos enquanto pesquisador, indica uma recorrência importante: ao professor é atribuída a função de pastor, que deve salvar, tirar de uma condição ruim e levar aos pastos verdes. “Mostrar um caminho diferente”, “dar a oportunidade”, “mostrar que a vida pode ser diferente da que ele viu a família ser”, são falas que denotam modos de vida não aceitos, que devem ser moldados de forma diferente.

O fato de se tratar de jovens habitantes de bairros da periferia os rotula como vulneráveis. Sua vinculação com aquele território passa a definir posições na sociedade, como, por exemplo, a participação em projetos sociais esportivos que têm como objetivo a prevenção de futuro envolvimento com o tráfico e cometimento de delitos. São visados pelas políticas em termos de uma virtualidade, da possibilidade de virem a se tornar problemas às autoridades. Como afirmado anteriormente, rapidamente entram em ação tais ações de governo para homogeneizar e controlar a diversidade, o aleatório. A lógica é investir em uma salvação na juventude, partindo de um perigoso e potente pressuposto: se não houver investimento de educação em sua direção, há o risco de que o jovem se torne um criminoso.

No entanto, a maior parte destas iniciativas não chega a conhecer as comunidades onde pretendem realizar suas ações. São proposições assumidas como políticas, que veem na diferença um problema a ser controlado. É de difícil aceitação qualquer modo de vida que não encaminhe para a cidadania, para a construção do cidadão-de-bem, da ovelha obediente que deve aprender a se autoconduzir para se inserir no mercado de trabalho e se tornar capaz de jogar os infinitos jogos neoliberais da concorrência e consumo de bens. Ao se ater às formulações das narrativas destes sujeitos classificados como vulneráveis, encontram-se inúmeras surpresas em relação a seus modos de viver. Por que se torna tão importante para algumas proposições destruir e desqualificar um determinado modo de vida, simplesmente porque não se adéqua ao seu?

Sobre esta pergunta, a relação que Larrosa (2003) estabelece entre pedagogia e fariseísmo demonstra algumas pistas para entender tal comportamento de negação do outro.

Si la instrucción tiene que ver con lo que se sabe, la formación tiene que ver con lo que se es. Si en un caso se trata de yo sé lo que tú no sabes... y sé lo que tú deberías saber... luego puedo y debo ense , o también de yo sé cómo funciona una inteligencia... y sé cómo debería funcionar la tuya... por lo tanto puedo y debo dirigirla, en el otro se trata de yo soy mejor que tú... y soy lo que tú deberías ser... luego puedo y debo formarte. En ambos casos, la pretensión de la igualdad, la buena conciencia igualitaria, presu- pone la desigualdad. Y ésta tiene por origen el

professor precisa, com seu trabalho, buscar ao menos salvar uma alma, daquelas todas que parecem estar “a caminho da perdição”, por viverem em uma condição miserável (termo colocado em uma das entrevistas).

menosprecio – intelectual en un caso, moral en otro – y su correlato necesario, la soberbia: si todos supieran lo que yo sé, si todos pensarán como yo pienso, si todos fueran como yo... sin duda el mundo sería mejor. Es así como muchos proyectos de mejora de la humanidad se formulan desde una perspectiva vertical en la que las posiciones de lo bueno y de lo malo, de lo alto y lo bajo, de lo superior y lo inferior, quedan retóricamente definidas y moralmente marcadas, al tiempo que disponibles para ser ocupadas por distintos individuos. (LARROSA, 2003, p. 290).

Quase como uma demarcação da desigualdade, ou como a marcação de posições diferentes, funciona o movimento já discutido que visa demarcar aqueles sujeitos que estão “à margem” para investir em sua inclusão. A salvação encontra, neste contexto, seu uso mais característico e perigoso, como argumentado na introdução desta dissertação, uma vez que, ainda segundo Larrosa (2003) uma

[...] ‘edificación por contraste’, es decir, en la construcción de su propia bondad a través de la maldad del otro: el fariseo “necesita del malo y lo cuaja ontológicamente en el aire con una sobrehumana maldición para constituirse él, por contraposición, en bueno” (LARROSA, 2003, p. 290).

Um movimento que aponta o outro modo de vida, desqualificando-o, estabelecendo o seu próprio como o “bom”, o aceitável, que deve ser seguido. Trata-se de uma inclusão que exclui, portanto, colocando o outro em uma posição de inferioridade para que sejam investidos sobre ele práticas de dominação, que caracterizam a educação⁷⁰. Dominação esta que pode servir para difundir os mais diversos princípios, mas que, no caso dos PSE analisados, parecem apontar no sentido de uma formação (para utilizar a palavra elencada por Larrosa) a partir de práticas pastorais, que visa a produção de um “cidadão” adaptado ao mercado e capaz de fazer sua autogestão para participar da máquina neoliberal.

A partir daquilo com o que esta pesquisa apresentou, é possível perceber que a figura do professor nos PSE tem se aproximado muito deste arquétipo do pastor delineado anteriormente. Uma figura que ativa o poder pastoral individualizador da forma que explicou Foucault. Tendo perseguido este discurso salvacionista, que visa moldar, mudar, destruir e produzir de acordo com sua própria imagem (imagem do proponente, seja ele qual for), fica evidenciada uma dificuldade de aceitação da diferença. Dificuldade de aceitação da figura do outro. A educação, nestes termos, parece manter seu *status* de prática de dominação e controle social. E no Brasil, a partir do que foi aqui estudado, parece que o futebol tem sido uma das

⁷⁰ Discussão aprofundada desta relação é tratada em: VEIGA-NETO, Alfredo. Dominação, violência poder e educação escolar em tempos de Império. In: RAGO, Margareth; VEIGA-NETO, Alfredo (orgs.). Figuras de Foucault. 3ª Ed. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

principais estratégias das proposições (dentre as infinitas que circulam) a conseguir capturar um público-alvo juvenil para moldá-lo a estas necessidades de conformação.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em um tempo onde a educação é colocada em crise e surgem as mais variadas propostas, enxergam-se (ainda que em muitas vezes não muito claramente) os diversos interesses envolvidos por trás destas propostas. A quem interessa a formação de um sujeito obediente, disciplinado, cumpridor das regras impostas, capaz de se auto-gerir para o mercado, se tornando, enfim, uma ovelha? Uma proposta um projeto educacional é advindo sempre de uma proposição ou projeção de sociedade. Um projeto educacional, conforme aponta a discussão empreendida nesta dissertação, é um projeto de conformação e dominação. Colocados os relatos, apontamentos, indicações e reflexões, parece ser possível apontar para qual projeto de sociedade as propostas educacionais têm se direcionado. Não apenas por parte do Estado, que tem cada vez mais sofrido com as interferências do setor privado e seu interesse no lucro, mas também iniciativas do terceiro setor têm assumido o mesmo discurso repetido à exaustão e que parece obter êxito em sua propagação. Este discurso, entre outras coisas, afirma que é necessário competir. Através do esporte somos ensinados a competir uns *contra* os outros constantemente. Que efeitos isso pode gerar? Que efeitos já vem gerando? O que podemos vislumbrar para o futuro a partir deste modelo?

Reafirmo neste momento que a principal atitude durante toda a pesquisa foi a problematização. Problematizar e desconfiar das obviedades colocadas. Do esporte como inclusivo, socializador, transmissor de bons valores por excelência, por exemplo. Mas como foi colocado no texto, o esporte mostra-se apenas uma das estratégias de produção de um sujeito para um determinado projeto de sociedade. Sociedade esta que têm se mostrado cada vez mais desigual, violenta, cruel e incapaz de valorizar a vida e as relações humanas. Tem se mostrado cada vez mais competitiva. O esporte ensina muitas coisas e inclusive acredito na possibilidade de uma educação que, localizando o fenômeno esportivo em meio a um espectro diversificado de práticas corporais, crie alternativas pedagógicas que permitam a construção de uma sociedade diferente da proposta neoliberal focada exclusivamente na construção de consumidores. Contudo, infelizmente, o esporte ensina também muitas vezes que a vitória deve vir a qualquer preço. Vitória esta que traz consigo um sentimento de vazio: se chegamos ao topo em algum momento, somos automaticamente incluídos em outro grupo no qual devemos seguir competindo para chegar no topo novamente. Uma sensação de eterna dívida, de que é necessário sempre correr atrás da máquina. Problematizar este modo de vida significa tornar possível o vislumbre de outros. Significa resistir a esta homogeneização da vida a que somos impostos e demonstrar que esta não é a única forma de viver. Pensar em

propostas educacionais diferentes das colocadas significa resistir à destruição dos modos de vida considerados inaceitáveis e permitir a construção de alternativas diferentes do modelo que vemos atualmente. Afinal, são modos de vida inaceitáveis para quem?

"Que vencedor, que nada, não to aqui pra competir. Quem é que disse que a vida é uma competição? Aí compete marido com mulher, vizinho com vizinho, irmão com irmão. Nessa sociedade competitiva, minha derrota é a minha vitória..."

Nasci pobre, favelado, sem recato e sem madrinha
 Vi meu pai estuprar minha mãe, muito doido de farinha
 Logo cedo fui pro mundo, assaltar, catar latinha
 Tinha sangue nos meus olhos porque a raiva me convinha
 Cresci na rua e vi a crua crueldade do animal
 De cimento fiz a cama e de grades meu varal
 Desprovido e excluído no sentido literal
 Menos apto segundo o darwinista social
 Aos vinte veio a sorte num abrigo milagreiro
 Onde aprendi as letras e o ofício de pedreiro
 Acordava ainda escuro, no flagelo por dinheiro
 Não esperava do futuro o alívio derradeiro

Construí um shopping onde eu nunca passeei
 Prédios e escolas onde eu nunca estudei

Ao lado de Mariléia eu formei uma família
 E o amor que nunca tive, vi nos olhos da minha filha
 No mar competitivo meu lar era uma ilha
 Até que um dia o infortúnio cruzou a minha trilha
 Canelas pretas e blindados invadindo a favela
 Gritaria, moto-taxis, confronto na viela
 Um senhor de braços fortes como um escravo de benguela
 Agonizava nos meus braços, alvejado na costela
 Toda a minha vida e o que vira até então
 Fez sentido nas palavras desse velho ancião
 "vítimas e algozes, todos somos, todos são
 Nas metrópoles em chamas, irmão contra irmão"

Não espero mais a morte, nem o norte nem o trem
 Eu me chamo Pedro, e você sou eu também

(Letra da música "Pedro Pedreiro Parou de Esperar" – Braza)

REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, F. **Da Educação Física**: o que ela é, o que tem sido e o que deveria ser. 3ed. São Paulo: Melhoramentos, 1960.
- BARBOUR, R. **Grupos focais**. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas III**: Charles Baudelaire, um lírico no auge do capitalismo. São Paulo: Brasiliense, 2000.
- BETTI, Mauro. **Educação Física e Sociedade**. São Paulo: Editora Movimento, 1991.
- BRASIL, Ministério da Educação e Cultura, Divisão de Educação Física. **Educação Física – regulamentação do art. 22 da lei de diretrizes e bases da educação nacional**; curso de educação física por correspondência. Autor: Rio de Janeiro, 1966.
- _____. Política Nacional de Educação Física e Desportos. *In*: BRASIL, Ministério da Educação e Cultura, Departamento de Educação Física e Desportos. **Lei nº 6.251/75, política nacional de educação física e desporto, plano nacional de educação física e desportos**. Brasília: Departamento de Documentação e Divulgação, 1976.
- _____. Parecer nº. 224/1882. **Reforma do Ensino primário e Várias Instituições complementares da Instrução Pública – Reforma Leôncio de Carvalho**.
- CAMPBELL, Joseph. **O herói de mil faces**. São Paulo: Cultrix/Pensamento, 2005.
- CASTELLANI FILHO, Lino. **Educação Física no Brasil**: a história que não se conta. Campinas: Papirus, 1988.
- CASTRO-GÓMEZ, Santiago. **Historia de la gubernamentalidad**. Razón de Estado, liberalismo y neoliberalismo en Michel Foucault. Bogotá: Siglo del Hombre Editores / Pontificia Universidad Javeriana, Instituto Pensar, 2010. 276 pp.
- CHEDIAK, Carla. O universal na filosofia de Deleuze. **Rev. o que nos faz pensar nº 21**. Rio de Janeiro: maio de 2006.
- COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino de educação física**. São Paulo: Cortez, 1992.
- COSTA, Lamartine P. da. Indicadores do desempenho atlético e implicações na reorganização dos desportos no Brasil. *Boletim Técnico-Informativo*. 8, :17-23, 1969.
- COSTA, Sylvio S. Gadelha. **Biopolítica, governamentalidade e educação**. Introdução e conexões a partir de Michel Foucault. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.
- CRUZ, Pedro B. **O Futebol nos Projetos Sociais Esportivos de Rio Grande-RS**. Trabalho de Conclusão de Curso – Universidade Federal do Rio Grande – FURG. Instituto de Educação. Curso de Educação Física – Licenciatura, Rio Grande, BR-RS, 2014.

DAMICO, José Geraldo S. **Juventudes governadas**: dispositivos de segurança e participação no Guajuviras (Canoas-RS) e em Grigny Centre (França). Tese (doutorado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, BR-RS, 2011.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs**: capitalismo e esquizofrenia. vol. 1. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.

DOCUMENTO BÁSICO DA CAMPANHA. **Revista Brasileira de Educação Física e Desportos**. Brasília n. 35, pp. 13-27, 1977.

DREYFUS, Hubert L. e RABINOW Paul. **Michel Foucault** - uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica. Rio de Janeiro: Forense universitária, 2005.

FOUCAULT, Michel. 1984 – Polêmica, política e problematizações. In: **Ditos e Escritos V** – Ética, sexualidade, política; Tradução Elisa Monteiro, Inês Autran Dourado Barbosa; [org. Manoel Barros da Motta] – Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

_____. **Segurança, território, população**. São Paulo: Martins Fontes, 2008a.

_____. É importante pensar? In: **Ditos e Escritos VI**: Repensar a política. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

_____. Omnes et singulatim: uma crítica da Razão Política. In: **Ditos e Escritos IV**: Estratégia Poder-Saber. Rio de Janeiro: Forense universitária, 2012.

GONZÁLEZ, F. J. Desporto (verbete). In. GONZÁLEZ, F. J.; FENSTERSEIFER, P. E. *Dicionário Crítico de Educação Física*. Ijuí: UNIJUI, 2005. pp. 170-173.

HARDT, Michael; NEGRI, Antonio. **Império**. Rio de Janeiro: Record, 2003.

HECKTHEUER, Luiz Felipe. et. al; **Proliferação de Projetos Sociais Esportivos**: sobre formas de pensar e escrever. Anais do XVII Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte, 2011.

HECKTHEUER, Luiz Felipe.; SILVA Méri Rosane. Projetos Sociais Esportivos: Vulnerabilização e Governo. **Rev. Movimento**: Porto Alegre, v. 17, n. 03, pp. 115-132, jul/set de 2011.

JOYCE, James. **Finnegans Wake**. Nova Iorque: Viking Press, 1939.

KUNZ, Eleonor. **Transformação didático-pedagógica do esporte**. 6ª ed. Ijuí: Unijuí, 2004.

LARROSA, Jorge. Pedagogía y Fariseísmo: Sobre la elevación y el rebajamiento en Gombrowicz. **Educ. Soc.**, Campinas, vol. 24, n. 82, pp. 289-298, abril 2003.

LAZZARI, André; THOMASSIM, Luís Eduardo Cunha; STIGGER, Marco Paulo. A socialização de crianças e adolescentes no contexto de um projeto social de tênis. **Caderno de Educação Física**, Marechal Cândido Rondon, v. 9, n. 16, pp. 51-64, 1.sem.2010.

LISTELLO, Auguste. O espírito das formas de trabalho. **Boletim de Educação Física**, 16: 59-68.

LUNARDI-LAZZARIN, Márcia L.; HERMES, Simone T. Que políticas? Que práticas curriculares? Que sujeitos? O atendimento educacional especializado em questão. *In*: TRAVERSINI, Clarice et. al. (Orgs.) **Currículo e inclusão na escola de ensino fundamental**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2013.

MELO, Marcelo Paula. A Vila Olímpica da Maré e as políticas públicas de esporte no Rio de Janeiro: um debate sobre a relação lazer, esporte e escola. **Movimento**, Porto Alegre, v.11, n. 3, pp. 89-106, set./dez.2005.

MELO, Victor Andrade. Projetos sociais de esporte e lazer: reflexões, inquietações, sugestões. **Quaderns d'Animació i Educació Social**, Sagunto, n. 7, pp. 1-24, jan.2008.

MOREY, Miguel. (1990). Introducción – La cuestión del método. *In*: **M. Foucault**, Tecnologías del yo y otros textos afines. Barcelona: Paidós.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da. (Orgs.). **Pistas do Método da Cartografia**: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2010.

POLL, Anette. Território da Paz será implantado no bairro Getúlio Vargas. **Jornal Agora**, Rio grande, p. 07, 14 de dez. de 2014.

POZZANA, L.; KASTRUP, Virgínia. Cartografar é acompanhar processos. *In*: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. da (Org.). **Pistas do método da cartografia**: pesquisa- intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2009. pp. 17-31.

PRADO FILHO, Kleber. A política das identidades como pastorado contemporâneo. *In*: CANDIOTTO, Cesar; SOUZA, Pedro de (orgs.). **Foucault e o cristianismo**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

RESTREPO, Eduardo. Cuestiones de método: «eventualización» y problematización en Foucault. **Tabula Rasa**. Bogotá – Colombia, n. 8: 111-132, enero-junio 2008.

REVEL, Judith. O pensamento vertical: uma ética da problematização. *In*: GROS, Frédéric (org.). **Foucault**: a coragem da verdade. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

ROUYER, Jacques. Pesquisas sobre o significado do desporto e dos tempos livres e problemas da história da educação física. *In*: **Desporto e Desenvolvimento Humano**. Lisboa: Serra Nova, 1977.

SÁ, Suziane. Princípios que o futebol ensina. **Jornal Agora**, Rio grande, p. 03, 16 de jun. de 2014.

SCHULTZ, Theodore. **Capital humano**: investimentos em educação e pesquisa. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1973.

SOARES, Carmen L., BRANDÃO, Leonardo. Voga esportiva e artimanhas do corpo. **Rev. Movimento**: Porto Alegre, v. 18, n. 03, pp. 11-26, jul/set de 2012.

TUBINO, Manoel José G. **Dimensões Sociais do Esporte**. São Paulo: Cortez, 1992.

_____. **Movimento Esporte para Todos**: da contestação do esporte de alto nível a atual promoção da saúde. Published in FIEP Bulletin Vol. 73, nº 3 - 2003.

VEIGA-NETO, Alfredo. Educação e governamentalidade neoliberal: novos dispositivos, novas subjetividades. *In*: CASTELO BRANCO, G. e PORTOCARRERO, V. **Retratos de Foucault**. Rio de Janeiro: Nau, 2000. pp. 179-217.

_____. Incluir para saber. Saber para excluir. **Pro-posições**, v. 12, n. 2-3 (35-36). jul.-nov. 2001.

_____. **Crise da modernidade e inovações curriculares**: da disciplina para o controle. Trajetórias e processos de ensinar e aprender: sujeitos, currículos e culturas - XIV ENDIPE 35, 2008.

_____. Dominação, violência poder e educação escolar em tempos de Império. *In*: RAGO, Margareth; VEIGA-NETO, Alfredo (orgs.). **Figuras de Foucault**. 3ª Ed. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

VIANNA, José Antonio; LOVISOLO, Hugo Rodolfo. Projetos de inclusão social através do esporte: notas sobre a avaliação. **Movimento**, Porto Alegre, v. 15, n. 3, pp. 145-162, jul./set.2009a.

ZALUAR, Alba. **Cidadãos não vão ao paraíso**. São Paulo: Escuta, 1994.